Milena Lepsch da Costa

“EIS VOCÊ”: a astrologia como sistema de coerência na construção de pequenas e grandes narrativas

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Liana de Andrade Biar

Rio de Janeiro

Abril de 2018

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Milena Lepsch da Costa

*"*EIS VOCÊ*"*: a astrologia como sistema de coerência na construção de pequenas e grandes narrativas

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada

Prof. Liana de Andrade Biar
Orientadora
Departamento de Letras – PUC Rio

Prof. Liliana Cabral Bastos
Departamento de Letras – PUC Rio

Prof. Amitza Torres Vieira
Departamento de Letras – UFJF

Profa. Monah Winograd
Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2018.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Milena Lepsch da Costa

Graduada em Letras (Português- Literaturas) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2010. Atua como revisora textual e professora de português e literatura brasileira. Participa atualmente do grupo de pesquisa NAVIS na PUC- Rio, coordenado pelas professoras doutoras Liliana Cabral Bastos e Liana Biar.

Ficha Catalográfica

Lepsch, Milena da Costa

"Eis você": a astrologia como sistema de coerência na construção de pequenas e grandes narrativas / Milena Lepsch da Costa; orientadora: Liana de Andrade Biar. – 2018.

130 f.: il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2018.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Astrologia. 3. Identidade. 4. Análise de narrativa. 5. Sistema de coerência. I. Biar, Liana de Andrade. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CCDD:400

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Aos meus pais Rosangela Lepsch e Jarbas Vieira, agraciados de sol e poesia.

Agradecimentos

A Deus, criador deste universo grande e bonito, cheio de energia e magia, pelos auxílios concedidos em forma de força e calma nas muitas vezes solicitadas.

A meus pais Rosangela Lepsch e Jarbas Vieira, pela educação de qualidade investida, pelo carinho e incentivo constantes e por suportarem com paciência meus muitos momentos ausentes.

À minha querida irmã leonina, Jaqueline Lepsch pelo seu exemplo de alegria de viver, por ser luz, entusiasmo, confiança e alegria. Pela sua parceira fiel nesta vida.

À minha tia-avó Ivanise Rezende (*in memoriam*) por ser minha segunda mãe e ter me criado com amor, bolo de banana e cafunés, fazendo-me acreditar que poderia chegar onde quisesse. Eternas saudades.

Ao Ricardo Alves (*in memoriam*) por ter me ensinado a sorrir nos momentos difíceis, pelo seu exemplo de garra e pelo seu amor generoso. Tenho certeza que de onde estiver estará feliz com esta vitória. Amor e gratidão eternas.

Aos meus tios João Vieira e Rose Macedo e primos Juliana Macedo e Bruno Macedo pela amizade, incentivo e parceria nesta caminhada.

À minha tia Sandra Lepsch e primas Fernanda Lepsch e Ludimila Lepsch pela confiança, amizade, carinho e parceria desde sempre.

Aos meus queridos amigos do mestrado: Amanda Costa, Clarissa França, Luis Torres, Jacqueline Teixeira e Raquel Freire pelos muitos momentos de alegria compartilhados, pela linda ajuda mútua nestes dois anos de estrada e por aliviarem, consideravelmente, a bagagem desta viagem. Em especial, agradeço à Raquel pela parceria fiel na PUC (na chuva e no sol) e pela sua paciência e amizade em formatar esta dissertação. Com vocês entendi, de fato, a frase: "*chegar não é mais valioso que a andança, o encontro é precioso*." Meu sempre carinho e gratidão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Ao meu amigo de turma Eduardo Friedman, tipicamente aquariano: cheio de ideias criativas. Pelo seu entusiasmo como tradutor e sua gentil revisão do *abstract*, sempre aliado a cafés e papos divertidos.

À minha espetacular orientadora Liana Biar, por ser minha virginiana preferida, pela sua humanidade, confiança, carinho, sintonia e incentivo constantes. Conduzindo-me com ordem, mas com muita doçura nos trilhos do mestrado. Por ser "*lépida, límpida e luminosa*" (só porque amamos o Guimarães). Pelo seu sorriso e *insights* brilhantes, que iluminaram meu caminho.

Às queridas professoras convidadas Amitza Vieira e Liliana Bastos (*Lili*) por aceitarem integrar esta banca, uma honra. Pelo exemplo de humildade aliadas à competência e alegria, das quais tive a felicidade de conviver. Por contribuírem verdadeiramente para minha formação pessoal e profissional. Meu sempre carinho e admiração.

Ao meu estimado grupo de pesquisa NAVIS pela amizade e momentos de alegria compartilhados, pelos estudos e contribuições valiosas para esta dissertação.

À CAPES e à PUC- Rio pelos auxílios concedidos.

À querida Chiquinha, secretária do PPGEL, pela sua simpatia, excelência no trabalho e sua generosa presteza em todos os momentos solicitados.

Às amigas da UFJF: Tatiane Tavares, Maucha Andrade, Ludmila Meireles, e Mariana Schuster pela amizade sincera, pelo carinhoso incentivo para que eu continuasse trilhando a vida acadêmica e por me enxergarem com olhares generosos. Minha sempre gratidão.

Às professoras do departamento de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC- Rio, pela ótima formação e humanidade, afastando-se dos egos inflados da academia. Em especial, à professora Graça Dias Pereira pela sua recepção mineira carinhosa e pelas suas contribuições generosas para a realização deste trabalho.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

E, finalmente, aos alunos da PUC- Rio, meus queridos entrevistados, por confiarem a mim experiências tão pessoais e pela aceitação sempre tão gentil e animada em participarem desta pesquisa.

A todos vocês, meu muito obrigada!

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Resumo

Lepsch, Milena; Biar, Liana de Andrade (Orientadora). **"Eis você": a astrologia como sistema de coerência na construção de pequenas e grandes narrativas.** Rio de Janeiro, 2018.121 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Na modernidade, em que as relações são definidas como líquidas (BAUMAN, 2005), este trabalho procura entender, a partir da análise narrativa (BASTOS E BIAR, 2015), a popularidade/produtividade do sistema de crença da astrologia, especialmente na construção de um discurso essencializante sobre a identidade. Para isso, apresento 22 entrevistas de pesquisa (MISHLER, 1986) sobre o tema, realizadas com estudantes da PUC- Rio no período de 2016 a 2017 nas quais emerge uma considerável quantidade de pequenas histórias e histórias de vida (LINDE, 1993), aqui analisadas qualitativa e interpretativamente. Compreendo a narrativa como um importante instrumento para a construção de sentido no mundo social (BASTOS & BIAR, 2015) e para a formação de identidades autobiográficas (BRUNER, 1990; MOITA LOPES, 2001). Nestes termos, observo quais estratégias discursivas os entrevistados utilizam-se para construir histórias sobre si/outros, esforçando-se para apresentarem-se da melhor forma possível neste teatro (GOFFMAN, 1980, 2002 [1959], 2011 [1967], 2013 [1979]) que é a entrevista de pesquisa. Nota-se que muitas dessas histórias são costuradas a partir do sistema de coerência da astrologia (LINDE,1993). Isto é, os entrevistados constroem *accounts* (DE FINA, 2009) ou relações de causa e efeito, com o objetivo de reivindicar certo assujeitamento (BLOCK, 2012) no discurso, especialmente para comportamentos considerados socialmente negativos. Desse modo, os signos, ao livrarem seus narradores de agência, atuam no trabalho de face (GOFFMAN, 2011[1967]), colaborando para uma apresentação favorável dos entrevistados.

Palavras-chave

Astrologia; Identidade; Análise de Narrativa; Sistema de coerência

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Abstract

Lepsch, Milena; Biar, Liana de Andrade (Advisor). **"Here are you": astrology as a system of coherence in the construction of small and large narratives.** Rio de Janeiro, 2018.121p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In modernity, where relationships are defined as liquid (BAUMAN, 2005, 2006), this paper seeks from the standpoint of narrative analysis (BASTOS AND BIAR, 2015), the popularity / productivity of astrology, especially in the construction of an essentializing discourse on identity. For this, I present 22 research interviews (MISHLER, 1986) on the subject, carried out with students from PUC- Rio from 2016 to 2017, in which a considerable amount of small histories and life stories emerge (LINDE, 1993), analyzed here qualitatively and interpretatively. I understand narrative as an important tool for the construction of meaning in the social world (BASTOS & BIAR, 2015) and for the formation of autobiographical identities (BRUNER, 1990; MOITA LOPES, 2001). In these terms, I observe which discursive strategies the interviewees use to build stories about themselves / others, striving to present themselves in the best possible way in this theater (GOFFMAN, 2002 [1959], 2011 [1967], 2013 [1979]), which is the research interview. It is noted that many of these stories are stitched from the system of coherence of astrology (LINDE, 1993). That is, the interviewees construct *accounts* (DE FINA, 2009) or cause-and-effect relationships, with the purpose of claiming some assumption (BLOCK, 2012) in discourse, especially for behaviors considered socially negative. In this way, signs, in relieving narrators of agency, act in the face work (GOFFMAN, 2011[1967]), collaborating for the favorable presentation of the interviewees.

Keywords

Astrology; Identity; Narrative Analysis; Coherence system

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Sumário

1 Introdução **13**

2. Contextualização **18**

2.1 A história da Astrologia pelo mundo 18
um estudo da Antiguidade à Contemporaneidade

22. Conversas e (Des) Conversas da Astrologia 22
com outras áreas de estudo

2.3. A Astrologia sob minhas lentes de análise 25

3. Metodologia **27**

3.1 Justificativa da Pesquisa 28

3.2. Pressupostos Metodológicos e Natureza da Pesquisa 29

3.3. O caminho inicial: as entrevistas 30

3.4. Geração de Dados e Procedimentos de Pesquisa 31

3.5. Participantes da Pesquisa 31

4. Aporte Teórico **35**

4.1. A Sociolinguística Interacional 36

4.2. Os estudos da Narrativa 38

4.3. As Micronarrativas 41

4.4. Contribuições de Linde: 44
Causalidade, sequencialidade e sistema de coerência

4.5. Accounts narrativos 47

4.6. Outras contribuições da Sociolinguística Interacional: 49
face, alinhamento e esquemas de conhecimento

4.7. Astrologia e Identidade 52

4.8. A agência nos estudos narrativos 54

5. Análise de Dados **56**

5.1. Traços de Personalidade 57

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

5.2. Relacionamentos Amorosos 71
5.3. Previsões Astrológicas 79
5.4. Conclusões Parciais da Análise 82

6. Considerações Finais 84
6.1. O caminho realizado: experiências e surpresas 84
6.2. Perguntas de Pesquisa 86
6.3. Últimas Palavras 89

7. Referências bibliográficas 90

Anexo 1 97

Anexo 2 98

Anexo 3 110

Anexo 4 112

Anexo 5 114

Anexo 6 116

Anexo 7 117

Anexo 8 118

Anexo 9 130

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

"O senhor mire e veja: o mais bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas- mas que elas vão sempre mudando. É o que a vida me ensinou. "

Guimarães Rosa

Prólogo

Hoje, dia 14 de março de 2018, acordei com a notícia de morte de Stephen Hawking, o gênio da física que tive a sorte de ser contemporânea. Os astros, pelos quais dedicou sua vida, foram generosos com ele, aquariano, nasceu 300 anos depois da morte de Galileu Galilei e se foi no dia do nascimento de Albert Einstein. Hoje, sem dúvida, o céu está em festa e a Terra um pouco mais triste e sábia. Seguro-me, então, na garra admirável de Hawking e o seu amor à ciência para iniciar com entusiasmo esta dissertação.

1
Introdução

"Lembre-se de olhar para as estrelas, e não para baixo,
para seus pés".
Stephen Hawking

A astrologia tem sido um tema popular e frequente entre jovens usuários da internet e redes sociais, mostrando-se produtiva de diversas formas, de uma abordagem mais técnica a páginas mais descontraídas de humor. Se antes da internet as informações sobre astrologia eram restritas a um grupo minoritário, em velhos manuais. Hoje, sua divulgação é ampla, sobretudo em revistas femininas, jornais e páginas *online*. De modo a ilustrar a popularidade do tema, apresento abaixo algumas das principais páginas de sucesso na atualidade.

O site *Personare*, por exemplo, é famoso por permitir a elaboração de diversas atividades populares pelos interessados em astrologia: mapa astral, mapa de sinastria, revolução solar, revolução amorosa, mapa infantil, etc. Além de oferecer a oportunidade de os usuários lerem amostras grátis de todos os serviços listados acima. Contudo, se o interessado desejar ter acesso a uma descrição mais completa, o mesmo pode comprar uma versão paga, a ser enviada para o e-mail cadastrado na página. Abaixo retrato a imagem inicial do *site*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Fonte: Fonte http://www.personare.com.br/Acesso em 26/2/18

Outra manifestação muito conhecida nas redes são as páginas de humor do *Facebook*, que apresentam com frequência o assunto astrologia, para a criação de *memes* dos mais diversos tipos: os profissionais de cada signo, os orientadores de cada signo, os estudantes de cada signo, etc. Além de um grande apelo cômico ao tema, com o objetivo de causar graça ao internauta. É também muito popular no ambiente virtual a criação de grupos referentes aos signos, o que promove o contato com outras pessoas, caracterizando-se, também, como uma forma descontraída de apresentação social. *Artes Depressão* e *Nazaré Orientadora* são páginas exemplares das características citadas.

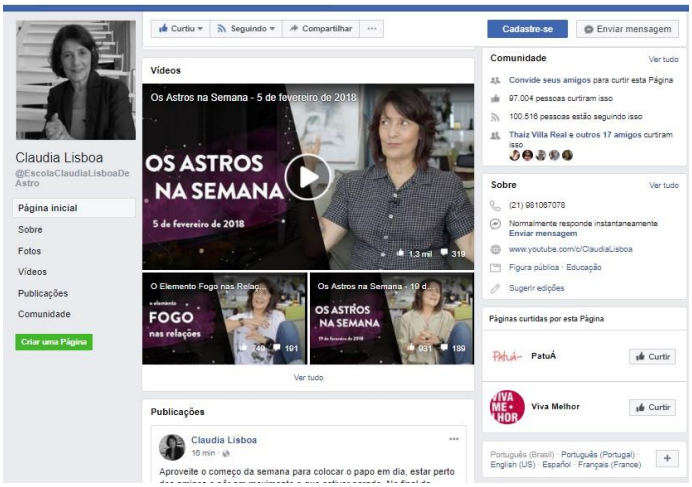
Fontewww.facebook.com/ArtesDepressao/
Acesso em 09/03/18

Fonte: https:// /www.facebook.com/nazareaorientadora/
Acesso em 09/3/18

Uma personalidade famosa na área de astrologia no Rio de Janeiro é a astróloga e professora *Claudia Lisboa*. Conhecida na cidade por sua casa de estudo localizada em Laranjeiras, bem como sua representatividade no meio. É citada recorrentemente pela produção de livros, cursos *online*, formação de astrólogos e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

popularidade nas mídias sociais (*facebook youtube*). Os exemplos como o *site Personare*, as páginas do *Facebook* e da *Claudia Lisboa* podem ser multiplicadas no meio virtual. Abaixo, retrato a conta do *facebook* da estudiosa.



Fonte: https://www.facebook.com/EscolaClaudiaLisboaDeAstro/Acesso em 19/3/18

No meio acadêmico, também, a astrologia foi tema de pesquisas recentes. Rodrigues (2004), no campo da Psicologia, replica uma investigação europeia desenvolvida por Rooj (1994), utilizando como sujeitos de análise os estudantes da USP. Com o objetivo de identificar se haveria algum fator psicológico que motivaria os alunos a acreditarem em astrologia. Em outra abordagem, agora pelo viés antropológico, Costa (2005) investiga o modelo astrológico como uma prática popular de construção narrativa. O terceiro estudo produtivo para esta pesquisa refere-se ao campo da filosofia, desenvolvida por Machado (2006), a considerar a astrologia como um tema produtivo para se discutir o que seria delimitado nos tempos modernos (positivistas) como ciência X não ciência.

Em um caminho diferente desses trabalhos, considerando a recorrência do tema e a ausência de investigações sobre o assunto, nos estudos da linguagem, realizo 22 entrevistas com alunos da PUC- Rio com idade entre 19-30 anos sobre o sistema de coerência da astrologia (Linde, 1993). Com o objetivo de compreender a partir de uma lente narrativa, qualitativa e interacional como esses jovens costuram no discurso narrativas sobre si/outros e quais temas recorrem com maior frequência quando as citam. Em especial, pretendo discutir um assunto caro para os estudos culturais e linguísticos na pós modernidade: a *identidade*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Para a elaboração teórica desta dissertação, parto, especialmente, de Bauman (2005) a considerar as relações contemporâneas como fluidas, em um mundo líquido, onde já não podemos ter certeza de seu funcionamento. Seja na família, trabalho ou crenças. O sociólogo questionado sobre a possibilidade da identidade desintegrar-se nas redes sociais afirma:

> Você diz falsas identidades, mas só podemos dizer isso pressupondo que exista algo como uma única identidade verdadeira. Essa pressuposição, entretanto, não parece verossímil para pessoas que vivem correndo atrás de modismos passageiros-sempre e apenas modismos, mas sempre obrigatórios enquanto estiverem na moda.

A astrologia, entretanto, viria na contramão desta afirmação, na medida que consegue definir de forma muito específica posições identitárias, passíveis e previsíveis no encontro face a face, crescendo e revogando, na contemporaneidade, posições fixas e previsíveis de identidade. Pretendo como objetivo geral discutir (i) os alinhamentos/desalinhamentos a este sistema de crenças, construídos pelos entrevistados.

Já como objetivos específicos, busco responder ao longo da análise desta dissertação três perguntas específicas: (i) como a astrologia atua em elaborações de histórias de vida; (ii) que aspectos da identidade os sujeitos tornam relevantes a partir do discurso astrológico; (iii) como os sujeitos se performam em seus discursos: assujeitados ou agentivos.

Para a elaboração destas questões utilizei como aporte teórico (além das considerações de Bauman, 2005) os estudos de Linde (1993), única teórica que catalogou a astrologia como um sistema de coerência, pautado por sequencialidade, causalidade e uma relação binária de causa/efeito, buscando observar se suas posições repetem-se em nossos dados. Para a pesquisadora, a construção de uma história de vida pautada no sistema de coerência da astrologia seria uma forma eficiente de nos apresentarmos socialmente, pois somos afetados a todo tempo pelas experiências passadas e presentes, de modo a reconstruí-las em nosso discurso.

Para análise narrativa deste estudo, considero as investigações de Mishler (1986); Labov (1972) Bastos e Biar (2015); Bastos (2005) e Tannen (2007). Para a abordagem interacional, aponto os estudos de Goffman (2002 [1959], 2011[1967], 2013 [1979]). Por fim, com o objetivo de discutir a agência no discurso, considero Block (2012) e De Fina (2009), em especial suas considerações sobre *account.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

A nível de organização dos temas abordados nesta dissertação, retratarei a seguir o modo como pretendo estruturar esta pesquisa. Neste capítulo 1, introdução, apresentei as páginas populares sobre o tema de investigação, os principais trabalhos colaborativos para a pesquisa, os objetivos propostos e o material teórico utilizado para cumpri-lo. No capítulo 2, apresento a contextualização do estudo, os sujeitos de análise e uma revisão de literatura mais categórica sobre o assunto investigado.

No capítulo 3, metodológico, demonstro a maneira que organizo esta dissertação no campo da pesquisa e os materiais e métodos requeridos. No capítulo 4, aporte teórico, reviso os pesquisadores e teorias que me auxiliaram a responder as perguntas/categorias analíticas propostas nesta introdução. No capítulo 5, analítico, desenvolvo os excertos de pesquisa e a recorrência das categorias propostas (agência e identidade). Por fim, no capítulo 6, exponho minhas considerações finais, retomando os principais pontos encontrados na seção analítica e respondendo às perguntas de pesquisa propostas na introdução.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

2
Contextualização

"O laço mais forte mediante o qual este mundo inferior se conecta com o céu e se unifica com ele consiste em que todos os poderes se forjam de cima. "
Kepler, *Tertius Interveniens*, 1610

Este capítulo refere-se ao contexto em que a pesquisa se insere e os principais teóricos com quem conversaremos para a elaboração deste estudo. No primeiro tópico (2.1) tratarei sobre a história da astrologia no mundo e seus desdobramentos. Na segunda parte deste capítulo (2.2) abordarei como as outras áreas vem tratando este tópico em pesquisas científicas, de modo a ampliar a revisão de literatura já apresentada sucintamente no capítulo 1, introdutório. Por fim, em um terceiro momento deste estudo (2.3), apresentarei como pretendo tratar o tema em nossa área de estudos da linguagem e quais os principais autores que colaboram para a construção de nossa teoria, a partir dos dados já coletados.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

2.1 A história da Astrologia pelo mundo: um estudo da Antiguidade à Contemporaneidade

A palavra astrologia tem origem grega, dividindo-se em "*astron*", "astros", "estrelas", "corpos celestes" e "logia", análise, estudo. Segundo o dicionário Aurélio: "a astrologia caracteriza-se como uma doutrina ou prática, que busca supor ou decifrar a influência dos astros na vida, no comportamento das pessoas e nos acontecimentos pelos quais elas passam, buscando, ainda, prever o futuro. "

A fase inicial da astrologia liga-se à demarcação das estações do ano e períodos de colheita/plantio, momento que se estabelece diversos símbolos para determinar cada etapa. As primeiras delimitações dos signos foram dadas pelos caldeus: *Taurus, Gemini, Leo, Virgo, Scorpius, Sagitarius e Pisces*. Apesar de não podermos definir com exatidão o momento que se iniciou, pesquisas indicam que partiu da Mesopotâmia, em média em 15.000 anos a. C, em que as fases da lua já eram registradas em pedaços de ossos (Ronan, 1987).

Costa (2005) a nível de exemplificação, cita o signo de Câncer (caranguejo) que foi elaborado para representar o solstício de junho. Nesta fase, o sol anda igual àquele animal (do sentido norte para o sul). O signo de *aquarius*, por sua vez, representava as conhecidas chuvas do mês de fevereiro. As imagens do zodíaco que conhecemos hoje são o resultado dos ciclos das estações do ano, como contribuição da cultura da Babilônia, Egito e Grécia, unificadas em Roma. Os signos também deram nomes às constelações do zodíaco. Com o passar do tempo, a astrologia foi levada à aplicação de cunho religioso de uma civilização para a previsão de destinos individuais, sendo uma prática que vem sendo executada há milênios, em todas as sociedades que se tem conhecimento e das mais diferentes formas. Segundo Machado (2006:53):

> Desde os mais remotos agrupamentos humanos que se tem notícia, até a civilização atual, passando por todas as culturas orientais e ocidentais, não houve sequer uma época em que o homem não olhasse para o céu, buscando uma compreensão maior do mundo ao seu redor.

A astrologia, com o passar do tempo, passa a abranger outros temas, como mapa astral e horóscopo. O costume de consultá-los é tão antigo quanto à própria astrologia. No período antigo, as mais diferentes civilizações olhavam para o céu, com o objetivo de buscar explicações para os acontecimentos na Terra. Primeiramente, por uma questão de sobrevivência. Saber se iria chover, ou se era época da colheita eram fundamentais para a proteção e proliferação da espécie. Apenas mais tarde, passou a ser vista como um caráter adivinhatório.

Os povos mesopotâmicos também foram os primeiros a acreditarem que os astros poderiam prever determinados acontecimentos mais específicos, como o nascimento de um filho, início ou fim de uma guerra, morte de poderosos, entre outros. Desta forma, tornou-se comum a análise do horóscopo, o "mapa da hora", com o objetivo de prever acontecimentos próximos. O Mapa Astral ou Carta Natal, por sua vez, seria uma espécie de impressão digital para cada ser, mostrando a posição de cada astro, como uma foto, no momento do nascimento. Segundo a astrologia, a posição dos planetas, no momento em que viemos ao mundo, influencia nossa maneira de ser e de agir, moldando nossa identidade por toda vida. A relação dos astros com o destino individual de cada ser só passa a ser considerado à posteriori. Para Plotino (1966, II, 3-1, *apud* Machado, 53):

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

> A indicação dos astros não teria um caráter determinístico forte, do tipo causa- efeito, como se pode pensar, e sim, denotativo, algo a ser decifrado, traduzido, interpretado. Nesse sentido, pode- se pensar o mapa astrológico como um índice, um sistema de referências, ou uma diretriz para a construção do discurso acerca do evento em questão, que pode ser o nascimento de alguém, a abertura de uma empresa, etc.

Segundo Machado (2006) ambos os serviços eram amplamente utilizados por reis e poderosos, na idade Antiga, já que através de cálculos matemáticos e posições das casas planetárias poderiam guiar-se para a tomada de novas decisões. A autora afirma que não se pode negar a influência crucial de Aristóteles na formação da astrologia, que neste momento pleiteava seu espaço entre as ciências naturais (como a física). Entretanto, as amplas tradições estoicas e neoplatônicas também contribuíram sobremaneira para o sistema simbólico, indiciário, ou, se preferirmos, para a formação de um "modelo narrativo de história de vida" (Costa, 2005).

Segundo Baton (*apud* Machado, 2006:57), conforme a república oligárquica de Roma vai declinando e a monarquia se impondo, a astrologia ganha o seu maior *status* na história, pois os imperadores se consultavam com astrólogos para legitimar suas posições. Entretanto, este estrelismo não pode ser exagerado já que, por vezes, a depender do reinado, os astrólogos eram expulsos de Roma. Para Machado (2006:61), no decorrer do século XV, o ensino da astrologia era difundido em renomadas instituições irlandesas e alemãs. Não por acaso foi nesta época que ganhou avanços rápidos em sua estrutura e estudo. Já em meados da Idade Média, a astrologia passa por um outro período, em seu contato com os poderosos e igreja católica, sendo vista como ameaça às leis de Deus.

A decadência do império romano coincidiu com a perseguição aos astrólogos. Estes levaram seus conhecimentos para o mundo árabe, que pouco a pouco foi se tornando um respeitável centro cultural e científico. Nesta fase, houve a condenação de morte para quem praticasse astrologia, característica que resultou na diminuição considerável de sua atividade, durante cinco séculos, do V ao X. Ainda assim, a astrologia respira após Copérnico, misturando-se à filosofia e a Astronomia. Curioso citar que Kepler fazia mapas astrológicos e Newton estudava

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

astrologia entre os conhecimentos considerados ocultos. (Rossi, 1992, *apud* Machado, 2006:58). Em confissão, Santo Agostinho demonstra sua preocupação de a astrologia desafiar às leis de Deus e o livre-arbítrio:

> Também afirmam os astrólogos foi Vênus ou Saturno ou Marte que praticou esta ação. Evidente para o homem colocar a culpa em Deus e nos céus.

Nesta fase, grandes traduções da área foram realizadas, em Bagdá e Alexandria, importantes centros de conhecimento do mundo árabe, que aceitaram a Astronomia horária como um oráculo de perguntas e respostas. Por este motivo, o islamismo compreendeu a astrologia muito melhor que o cristianismo, já que sua prática não influenciava nos destinos individuais. Machado (2006) demonstra, como exemplo, que os árabes previram a construção de Bagdá.

Com a criação da imprensa, as tábuas de casas passaram a ser publicadas. Consequentemente dispensava-se astrólogos, astrônomos e matemáticos para a realização de cálculos complexos. Este fato foi relevante para a popularização da astrologia, praticada por grandes físicos, como Newton, Copérnico, Agostinho, Kepler, Galileu e Aristóteles. Na modernidade, os horóscopos e a imprensa popularizam a astrologia, que passa, neste momento, a ser considerada uma comunicação de massa para a mídia, resumindo-se a comportamentos preditivos, prática que contribuiu ainda mais para sua estigmatização.

Para Thordike (*apud* Machado, 2006) o fim da astrologia como ciência deriva-se em Newton, pela descoberta da lei universal e a gradual destruição entre o céu e a Terra. Ou seja, a Terra é um planeta igual aos outros, não fazendo mais sentido a distinção entre o mundo superior e inferior. Já para Hawking, o declínio da astrologia no mundo moderno advém de seu possível determinismo, em um espaço em que as coisas não podem ser determinadas. A igreja que tinha apostado tudo na compatibilização do pensamento aristotélico, com o cristianismo, gradativamente vai perdendo o seu papel de portadora da verdade absoluta. E as escrituras passam, então, a serem entendidas, pelo meio científico, como um estudo simbólico e não uma lei.

Sendo assim, pode-se afirmar que a astrologia seguiu viva após o Renascimento. Contudo, no início do período moderno, alguns fatores foram

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

marcantes para o seu desprestígio, a criação da academia de ciência sem incluí-la e o decreto de Luís XIV, que condenava mapas astrológicos, são alguns exemplos. A astrologia passa, então, a ser encarada com olhos ainda mais desconfiados. Sua atuação foi sendo considerada cada vez mais marginal e precisou misturar-se a outros saberes para sobreviver. Logo após a primeira guerra mundial, retorna o objetivo de abordá-la por uma lente científica. Pode- se dizer assim que a astrologia se adequou aos moldes de uma certa ciência psicologizada (*psi*) para manter-se.

2.2 Conversa e (Des) Conversas da Astrologia com outras áreas de estudo

O presente tópico primeiramente tem o objetivo de realizar uma revisão de literatura sobre o tema, privilegiando os trabalhos que conversam com o objeto de pesquisa proposto: a construção de narrativas identitárias, via astrologia. Abordarei, em especial, três trabalhos, já citados na introdução e ampliados nesta seção: Rodrigues (2004); Costa (2005) e Machado (2006). Essas investigações foram selecionadas, pois durante os meus estudos do mestrado ajudaram-me sobremaneira na metodologia, abordagem do tema e estudos históricos.

Rodrigues (2004) replicou o constructo de uma pesquisa europeia desenvolvida por Rooj (1994), com discentes da USP e possuía o objetivo de identificar se haveria algum fator (psicológico) que motivava os estudantes a acreditarem em astrologia. Para tal, utilizou- se do questionário dos 16 fatores de Personalidade (*Personality Factors*), que pretende quantificar os seguintes tópicos nos pacientes: expansividade, inteligência, estabilidade emocional, afirmação, despreocupação, conscienciosidade, desenvoltura, brandura, desconfiança, imaginação, requinte, apreensão, experimentação, autossuficiência, autodisciplina e tensão.

O 16 PF foi desenvolvido por uma equipe de psicólogos ingleses (Raymond B Cartell, Maurice Tstsuoka e Herbert Eber) com a finalidade de servir como medida para doenças mentais e estabelecer um conhecimento científico sobre as relações entre a personalidade e o desempenho dos pacientes. As conclusões de Rodrigues (2004) apontam que há uma discrepância significativa das médias de extroversão entre os signos quentes (Ar: gêmeos, libra, aquário e Fogo: áries, leão e sagitário) comparado aos frios (Terra: touro, virgem, capricórnio e Água: câncer,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

escorpião e peixes). A descrição através da astrologia como forma de explicação para diferentes personalidades parece haver mais sentido em relação às pessoas extrovertidas da amostra.

A pesquisa de Rodrigues (2004) confirma um resultado não aprofundado por Rooj (1994) de que há uma diferença entre as pessoas de signos quentes e frios, tornando as primeiras mais suscetíveis ao externo geral, advindas do que leram ou ouviram. O estudo de Rodrigues (2004) apesar de ter um caráter psicológico e investigar seus pacientes por um viés quantitativo, muito contribuiu para esta dissertação, no sentido de que indicou materiais e métodos para meu trabalho. Principalmente, a possibilidade de investigar estudantes de minha própria universidade.

Contudo, o autor usa como instrumento de trabalho questionários e desconsidera a interação social como análise, lacuna que pretendo recuperar em minha dissertação. Além disso, apresenta um interessante resumo histórico sobre o percurso da astrologia no mundo e elucida-me sobre vários autores da *psi*, dos quais, se não utilizarei diretamente (Jung, por exemplo), serão válidos para compreender as narrativas dos meus entrevistados, em sua grande parte carregadas de conteúdos emocionais.

Em uma abordagem diferenciada, Costa (2005) desenvolve sua tese em antropologia na UFRJ, a considerar o modelo astrológico como um tipo de sistema narrativo, com métodos e regras próprias. De modo que o aconselhamento (feito pelos astrólogos) seria uma estrutura prototipicamente identificável, com uma sintaxe e semânticas próprias à venda. A autora apresenta uma interessante conversa entre a antropologia e a área de estudos da linguagem, ao entender a consulta astrológica como um modelo narrativo criado. E, em grande parte, vendido como boas histórias para que haja o convencimento dos consumidores.

Este trabalho apresentou-se muito elucidativo para a minha pesquisa no sentido de que a estudiosa conseguiu unir em seu trabalho campos que a mim são caros: Letras e Antropologia. Além disso, sua apresentação do modelo narrativo para a venda da astrologia é algo inédito na literatura. Para determinar este modelo narrativo apresenta noções de tempo, espaço e agente, tema caros para este estudo. Para a estudiosa, a leitura do mapa natal provoca a emergência de uma outra história

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

de vida. Esta parte nos interessa em especial, já que conversa com a teórica do sistema de coerência e de história de vida (Linde 1993).

Por fim, cito a dissertação de Machado (2006) que, sob um viés filosófico, desenvolveu sua dissertação de mestrado na PUC- Rio. A autora utilizou-se da discussão da legitimidade, ou não, da astrologia como ciência para questionar o que poderia ser considerado verdadeiramente científico nos tempos modernos. Machado (2006) tece críticas ao modelo convencional da ciência, que prevê/busca verdades. A física, por exemplo, trabalha com indicações e meios nem sempre comprováveis (como chuvas e tremores) e nem por isso passa pelo descrédito científico. Um semelhante questionamento poderia, para a autora, ser associado à astrologia.

Esta dissertação foi igualmente elucidativa, pois apresentou-me questionamentos válidos, considerando toda a história de prestígio/desprestígio da astrologia/astronomia pelo mundo. Sem contar que a pesquisadora parte do sistema astrológico para colocar em xeque o que seria de fato ciência. E se seria possível apresentarmos respostas absolutas, concretas, palpáveis e definitivas para identidades, ou qualquer outro tópico. Para a autora, qualquer disciplina intelectual é passível de prever e dar sentido e não necessariamente apresentar certezas (questionando se isto seria de alguma forma possível). Para Machado (2006), não é necessário pleitear o caráter científico e de prestígio que outrora a astrologia assumiu. Contudo, mostra-se necessário legitimar seu reconhecimento com um sistema simbólico eficiente (como a linguagem).

Como Machado (2006), também não pretendo defender a cientificidade da astrologia, pleitear o seu lugar nas camadas intelectuais de prestígio, como outrora. Mas, na medida do possível, observar nos discursos dos entrevistados, como a astrologia mostra-se (ou não) como um sistema simbólico eficiente, para as construções de histórias de vida. Além disso, pretendo abordar quais assuntos os entrevistados tornam relevantes para caracterizarem suas identidades.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

2.3 Astrologia sob minhas lentes de análise

O termo identidade vem sendo amplamente discutido na teoria social. Segundo Hall (1996) as velhas identidades estáticas ou binárias (certo, errado, mulher e homem) que por tanto tempo estabilizaram o mundo estão sendo questionadas. Em uma realidade pós-moderna, em que as relações são tidas como líquidas (Bauman, 2005) e as situações são carregadas de sentido somente nas interações. A astrologia busca, na contramão, essencializar a *performance* e os estados psicológicos dos sujeitos. Tal prática popular é repetida de modo categórico pelos estudantes, como observaremos na análise desta dissertação, no capítulo 5. A partir desta constatação, busquei observar quais as estratégias meus entrevistados se utilizavam para se afastar ou se aproximar do objeto de estudo, que os permitia performar determinadas identidades no discurso. Segundo Hall (1996):

> As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela 'diferença', elas são atravessadas por distintas visões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições do sujeito, isto é, identidades.

As transformações associadas à modernidade libertaram os indivíduos de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Em seu texto clássico "*Questions about cultural identity*" Hall (2014) amplia esta concepção e compartilha as ideias de Foucault (1970). Não seria possível desenharmos um entendimento sobre o sujeito, mas sim um entendimento a partir das práticas discursivas. Abandona a posição fixa sobre a "identificação" do indivíduo e o recontextualiza como um ser que pode sempre trocar os seus papéis sociais.

A noção de identificação para Hall (2014), em contraste com o naturalismo, seria definida como um processo em construção, uma vez que podemos nos associar a outras ideias, pessoas e posições. Assim, a astrologia, tema ainda tão cheio de estigmas e misticismos, passa a ser um princípio de identificação (Hall, 1996 e 2014), em que os associados encontram definições "estáveis" que delimitam sua personalidade e a dos demais.

Considerando que o sujeito organiza suas vivências, dando sentido a elas através das narrativas e que a capacidade de representação é própria da espécie humana, sigo as considerações de Bastos (2005), ao afirmar que: "ao criar um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

universo narrativo estamos demonstrando quem somos, ou pelo menos alguma dimensão de quem somos".

Linde (1993) afirma que a astrologia é uma versão popular de teorias especializadas sobre identidade. Os signos funcionariam, então, como um sistema de coerência que podem amarrar a sequencialidade e a causalidade da narrativa, conformando este sistema como ético e socialmente aceito. A autora foi a única estudiosa nos estudos narrativos que classificou a astrologia como um sistema de crenças. Portanto, teórica base para este estudo. Suas teorias serão desenvolvidas de modo amplo no capítulo 4. Aqui, apenas quero reforçar a originalidade dos estudos da pesquisadora e sua especial contribuição para esta dissertação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

3
Metodologia de Pesquisa

"Na mesma pedra se encontram/Conforme o povo traduz
Quando se nasce- uma estrela/Quando se morre- uma cruz,
Mas quantos que aqui repousam/Hão de emendar-nos assim:
Ponha-me a cruz no princípio/E a estrela no fim. "
Mario Quintana

Como já abordado, este trabalho procura investigar nas narrativas dos estudantes o discurso construído na contramão da liquidez do mundo contemporâneo, em que os estudantes se motivam a apresentar as personalidades de maneira sólida, por vezes, a partir do sistema de crenças da astrologia. O estudo se alinha à análise da narrativa (Bastos & Biar 2015) e à metodologia qualitativa interpretativista (Denzin e Lincoln, 2010).

Objetivo realizar uma análise discursiva de base interacional (Goffman 2002 [1959], Bastos e Biar, 2015), com a finalidade de identificar os elementos que os estudantes tornam relevantes na descrição de suas histórias de vida (Linde, 1993). No presente capítulo, apresentaremos as justificativas que guiam as escolhas desta dissertação, bem como os seus pressupostos metodológicos. Em seguida, explicitarei as perspectivas epistemológicas com as quais este trabalho conversa, o caminho da pesquisa, seus procedimentos, geração de dados e identificação dos envolvidos. Abaixo, listo as perguntas que servirão de base para nortear este estudo, já apresentadas na introdução. As mesmas surgiram, como não poderia deixar de ser, dos dados gerados com os entrevistados.

Perguntas de Pesquisa:

(i) Como a astrologia atua em elaborações de histórias de vida;
(ii) Que aspectos da identidade os sujeitos tornam relevantes a partir do discurso astrológico;
(iii) Como os sujeitos se performam em seus discursos: assujeitados ou agentivos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

3.1 Justificativa da pesquisa

Para a realização deste estudo, constatei uma lacuna em relação a estudos que articulam o discurso astrológico com investigações sobre identidade/narrativa, na área de estudos de linguagem, viés que nossa pesquisa pretende contribuir (Linde, 1993; Bastos, 2005; Bastos e Biar, 2015). A exceção notável marca-se nos estudos de Linde (1993). Ao observar nossa realidade atual, não é difícil perceber o retorno da astrologia como uma categoria popularmente usada para o entendimento da identidade, em diversos meios: televisão, internet, relação entre amigos e explicações para afinidades/desentendimentos de todos os tipos. Apesar da ausência de investigações nos estudos da linguagem, diversos estudiosos vêm destacando a relevância do tema no Ocidente. Segundo Santos (2003, *apud* Costa, 2005):

> O fenômeno da difusão astrológica também não passou desapercebido pelos antropólogos brasileiros. A astrologia enquanto vivência cotidiana se difunde cada vez mais em diferentes dimensões da cultura brasileira.

Considerando esta questão, quero debruçar-me sobre o tema, contudo, sob um viés dos estudos identitários, pelo recorte da análise discursiva. A primeira história marcante que impulsionou meu projeto de pesquisa deu-se quando uma amiga, com o objetivo de justificar sua vaidade afirmou: "*sou de leão, gosto de aparecer. "* O mesmo aconteceu quando uma conhecida precisou desculpar-se pelo fato de ser muito emocional: "Vivo estressada, sou canceriana, muito sentimental".

Visto esses comentários, como pesquisadora, comecei a reparar que a justificativa por meio do sistema astrológico era algo mais comum do que imaginava. E muito mais amplo ao meio do qual fazia parte, mais especificamente mostrou-se como uma estratégia de construção de identidade, em diversos meios pelo qual circulava (universidade, família, amigos, trabalho, etc). Desta forma, passei a observar como esse sistema de coerência era recorrente.

O horóscopo (apesar de não ser meu objeto de pesquisa) passa regularmente nos meios de transporte públicos no Rio de Janeiro (metrô e ônibus). Além disso, revistas dos mais diferentes tipos e classes veiculam diariamente não só horóscopos semanais, como características dos doze signos astrológicos, abordando diferentes assuntos, como amor, amizade, carreira, entre outros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Eu, que anteriormente, acreditava ser um tema maciçamente vendido para as mulheres, fiquei surpresa quando um amigo me relatou conhecer com categoria seu signo, justificando determinadas características de seu comportamento. Para minha admiração, contou-me que foi a uma astróloga para entender-se, compreender a crise de sua profissão e de seu casamento.

Pude observar na primeira fase desta pesquisa (entrevistas) que muito homens interessavam-se pelo tema, por ser um assunto relatado na mídia com alta recorrência. De forma intuitiva, comecei a reparar que não conhecia qualquer pessoa que não sabia seu signo e as principais características do mesmo, ainda que afirmasse não acreditar nele. A partir desta narrativa, como estudiosa da linguagem e identidade, não demorei para escolher o meu tema de pesquisa.

3.2 Pressupostos Metodológicos e Natureza da Pesquisa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Esta pesquisa alinha-se a uma perspectiva microinteracional com um viés interpretativo. Para a geração de dados, realizei entrevistas semiestruturadas de natureza qualitativa (Denzin & Lincoln 2006 e Mishler, 2015). Para Creswell (2003), a análise qualitativa é utilizada como um meio para entender o significado que os indivíduos, ou grupos, atribuem a um problema social, geralmente, positivista. Mais especificamente, a pesquisa qualitativa refere-se ao interesse pela qualidade dos processos que não foram mensurados em termos quantitativos, como frequência, quantidade e intensidade (Denzin e Lincoln, 2000).

Entendo a entrevista como um encontro social (Mishler, 1986), em que as identidades de ambos os envolvidos (entrevistador/entrevistado) estão em constante negociação. E enquadro este trabalho a um recorte interpretativo da pesquisadora, já que diferentemente da posição positivista não tenho a ingenuidade de deter todos os ângulos interpretativos da narrativa.

A investigação qualitativa não é constituída de uma única resposta e coloca o saber científico como uma não verdade universal, de modo que o produto encontrado é sempre parcial, interpretativo, incompleto e provisório. Considero as palavras de Riesmann (1993) ao afirmar que o processo de transcrição já é em si uma etapa interpretativa, uma vez que é guiada pelos olhos do pesquisador.

Como descrito, alinho-me a concepção de que o pesquisador está intimamente comprometido com o ato de pesquisa que produz, o que desestabiliza a noção de neutralidade e imparcialidade. A produção do conhecimento sobre a sociedade passa a ser concebida como relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativista (Velho,1978). Portanto, seguindo Mishler (1986) entendo que as entrevistas utilizadas para a construção deste *corpus* de análise são o resultado de um processo de coconstrução de conhecimento entre o entrevistado e a entrevistadora. Considero, ainda, que os papeis não são fixos na interação, podendo ser a todo momento reconfigurados.

3.3 O caminho inicial: as entrevistas

Praticamente a totalidade das entrevistas foram realizadas no *campus* da universidade (PUC- Rio), com o gravador de meu celular, variando entre grupos de alunos e conversas individuais. Apenas uma interação, por dificuldades de tempo da aluna, precisei marcar em um restaurante da Zona Sul. Os estudantes, em geral, empolgavam-se com o desenrolar das histórias e indicavam-me, com frequência, amigos para minhas entrevistas. Fato que muito facilitou a ampliação da pesquisa para outros cursos, além Letras. Todos os estudantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e os nomes foram devidamente trocados, com o objetivo de preservar a identidade dos participantes. Os dados desta pesquisa foram transcritos seguindo o modelo Jefferson (1974), com adaptações (cf. convenções de transcrição, anexo 1).

Bosque PUC- RJ, local de interação dos alunos e das entrevistas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

3.4 Geração de dados e Procedimentos da Pesquisa

A geração de dados se deu de uma maneira muito simples, de modo que muitas vezes eu não marcava entrevistas com os estudantes. Observava, com recorrência, os alunos conversarem no *campus*, convidando-os a participar da pesquisa. No início da geração de dados (início de 2016), não mencionava o tema da investigação, com objetivo de que os alunos citassem, por eles mesmos, seus signos, sem a minha chamada de pauta. Como isso não se deu, passei a relatar logo no início da entrevista meu tema base de análise: a astrologia. Observei, na prática, que esta estratégia era eficiente para gerar meus dados. Passei, assim, já no primeiro semestre de 2016, nas primeiras entrevistas, a citar o tema de pesquisa no início da interação, com o objetivo de incentivar os entrevistados a contarem histórias de vida (Linde,1993).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

3.5 Participantes da Pesquisa

Como já apresentado nos capítulos anteriores, esta pesquisa centra-se em alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- Rio), com idade entre 19- 30 anos, divididos em 9 cursos desta instituição de ensino: Artes, Letras, Direito, Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Administração, Psicologia, Comunicação e Educação. Os alunos da PUC- Rio, entrevistados, pertencem ao extrato socioeconômico de classe média do Rio de Janeiro, em sua maioria, formado por mulheres brancas. Vilhena (1990) e Costa (2005) já estudaram este grupo, porém, não com estudantes. Vilhena (1990, *apud* Costa, 2005:11) afirma que:

> Os adeptos do sistema astrológico, principalmente aqueles com um nível de escolaridade relativamente elevado, desempenham um papel estratégico, na construção e veiculação de valores nas sociedades urbanas modernas, muito embora, eles se posicionam como críticos desses mesmos valores.

Para esta pesquisa, espelho-me no modelo já amplamente mencionado nesta dissertação: o de Rodrigues (2004), em sua tese de doutorado, a investigar alunos

da USP. Abaixo, apresento a tabela que configura os entrevistados desta dissertação, categorizando seus cursos, tempo da entrevista, data em que a interação ocorreu e os principais assuntos abordados. Em *itálico*, destaco as entrevistas escolhidas, no capítulo 5, para a análise de dados desta dissertação.

	Descrição Geral	Duração	Data	Conteúdo Temático
1. Grupo PET	15 alunos do Curso de Artes e Letras, média de 22-24 anos.	44’58’’	Maio de 2016	Identidade líquida, Personalidade; Relacionamento Amoroso; Mapa Astral; Horóscopo.
2. Grupo Graduação	Cerca de 30 alunos da Graduação em Letras, média de 22-24 anos	11’47’’	Maio de 2016	Características de cada signo, habilidades, motivações, afinidades/desafinidades, estereótipos
3. Leonardo	Artes Cênicas, 27 anos	06’43’’	Junho de 2016	Mapa Astral como autoconhecimento; Relacionamento
4. Clara	Aluna de Pós-Graduação, 30 anos	17’22’’	Junho de 2016	Estudo da Astrologia; Identidade
5. *Gaia*	Aluna de Engenharia Química, 23 anos	15’48’’	Março de 2017	Relacionamento, história Familiar, Relacionamento Amoroso
6. Natan	Engenharia Mecânica, 22 anos	12’12’’	Março de 2017	Astrologia arquétipo, histórico familiar
7. *Joana*	Letras, 22 anos	12’12’’	Março de 2017	Histórico familiar, protótipos, conversa sobre personagens no teatro que repetem os estereótipos da astrologia, exemplo familiar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

8. *Tamires*	Letras, 22 anos	54’29’’	Maio de 2017	Mapa astral, furto, irmão gêmeo
9. *Vinicius*	Letras. 22 anos	46’22’’	Maio de 2017	Mapa astral, relacionamentos, personalidade assujeitada, Mercúrio em Câncer
10.Grupo Letras	Grupo com 8 alunos do curso de Letras	34’12’’	Maio de 2017	Crítica ao horóscopo, interesse sobre o tema em relação aos amigos e relacionamentos amorosos
11. Jordana	Psicologia, 23 anos	34’12’’	Maio de 2017	Autoconhecimento, família, mapa astral
12. *Roberta*	Comunicação, 23 anos	51’31’’	Maio de 2017	Lua em Escorpião, relacionamento amoroso e familiar conturbado, autoconhecimento
13. *Marcos*	Psicologia, 25 anos	34’18’’	Maio de 2107	Alinhamento e desalinhamento com a astrologia. Peixes e Bauman.
14. *Jéssica e Alice*	Comunicação, 19 e 20 anos	14’57’’	Junho de 2017	Relacionamento amoroso, a saga amorosa para a compatibilidade.
15. Carol	Especialização em Educação, 24 anos	19’10’’	Junho de 2017	Conhecimento do signo, internet, Histórico familiar
16. Lua	Administração, 24 anos	11’59’’	Junho de 2017	Sistema Astrológico como autoconhecimento
17. *Bruna*	Administração, 22 anos	15’50’’	Junho de 2017	Autoconhecimento, Ex, instagram, planetas como previsões
18. Vitória	Administração, 22 anos	16’47’’	Junho de 2017	Identificação com o signo, histórico familiar, grande alinhamento com o tema

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

19. Rita	Letras, 22 anos	54’36’’	Junho de 2017	Histórico familiar, grande alinhamento com o tema, mãe astróloga
20. Jane	Psicologia, 22 anos	46’37’’	Junho de 2017	Amizade, histórico familiar, identificação
21. Cris	Direito, 19 anos	30’24’’	Junho de 2017	Estereótipos, internet, histórico familiar
22. Danilo	Administração, 26 anos	30’24’’	Junho de 2017	Conhecimento de astrologia pelas ex namoradas, alinhamento à astrologia

Tabela 1: Caracterização Geral dos Dados

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

4
Aporte Teórico

"*Ora (direis) ouvir estrelas! /Certo perdeste o senso!*
E eu vos direi, no entanto, /Que para ouvi-las
muitas vezes desperto/E abro as janelas, pálido de espanto
E conversamos toda a noite, enquanto a Via Láctea, como
um pálido aberto/Cintila ..."
Olavo Bilac

Neste capítulo apresentaremos os pressupostos teóricos que nos orientam para o desenvolvimento desta dissertação. Parto de um viés interacionista, em que as identidades são construídas à medida que são negociadas face a face (Goffman, 2011[1967]). Dessa forma, observamos como os entrevistados desta pesquisa utilizam-se dos *accounts* narrativos para falarem de si, construindo suas identidades (De Fina, 2003, 2009) a partir do sistema de coerência da astrologia (Linde, 1993). Ainda, consideraremos os estudos de agência, especialmente Block (2012), que me ajudam a compreender quais são as estratégias de fortalecimento/enfraquecimento da agência, utilizadas pelos estudantes para apresentarem-se de forma favorável em nossa interação.

Como nossa pesquisa refere-se a relações ocorridas na esfera microssocial baseio-me no aporte teórico da Sociolinguística Interacional (Gumperz, 1982; Goffman 2002 [1959], 2011[1967], 2013 [1979]) na seção (4.1). Em seguida, apresento as contribuições dos estudos das narrativas canônicas (4.2) (Labov & Waletsky, 1968), em especial aqueles que buscam investigar questões identitárias, amplio para narrativas não canônicas/micronarrativas (4.3). Depois deste tópico, divido este capítulo da seguinte maneira: (4.4) Contribuições de Linde; (4.5) *Accounts* Narrativos; (4.6) Contribuições de Goffman; (4.7) Astrologia e Identidade e (4.8) A agência nos estudos narrativos.

Há nesta pesquisa a intenção de observar a entrevista como um encontro social pesquisável (Mishler, 1986). As nossas entrevistas por não se caracterizarem como um encontro misto (em que há uma diferença marcante de *status* social, gênero, etc), coloca a entrevistadora e o entrevistado em um mesmo grau:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

estudantes da universidade, ocupantes do mesmo espaço, tornando, dessa forma, o encontro com menos estranhezas e menos necessidade de tato.

Percebi em maior/menor grau que a aceitação dos alunos à minha pesquisa era alta. Como veremos na análise, e já previamente citado, grande parte das entrevistas não foram marcadas, abordava os estudantes na universidade de forma "espontânea" (se é possível existir espontaneidade, como nos ensina Goffman), explicava a pesquisa e os convidava a participar.

Os estudantes ao entenderem minhas motivações e tema da pesquisa, mostravam-se prontamente animados e engajados a iniciarem uma conversa gravada. Acredito que justamente pela astrologia ser popular entre o grupo pesquisado, e ser vendida como uma versão *pop* de apresentação identitária, que consegui capturar dos meus entrevistados pequenas/grandes narrativas particulares, de maneira leve e descontraída.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

4.1 A Sociolinguística Interacional

> *"Passou-se a assumir pela virada da narrativa que os dados não falam por si, nem descrevem uma realidade; que o conhecimento produzido em campo é sempre produzido por um pesquisador, ele próprio um ator social, que pelas lentes de suas próprias condições identitárias e contextuais olha seu objeto de uma determinada perspectiva, e constrói sobre o campo de pesquisa uma narrativa única".*
> Bastos e Biar, 2015

A Sociolinguística Interacional emoldura teoricamente este trabalho, uma vez que considera a interação como seu objeto mais caro de análise. A Linguística, entretanto, passou por um longo período desconsiderando o contexto de comunicação. Especialmente, o situacional e as influências que a linguagem provocava na sociedade, bem como as que recebia dela. O estruturalismo e o gerativismo, abordagens de natureza formalista, deixaram de lado, também, a questão da variação e da mudança linguística. Consideravam a língua como um sistema homogêneo e os processos discursivos orais não passíveis de estruturação (Monteiro, 2002).

Contudo, as línguas são vivas e heterogêneas, assim como seus falantes. Portanto, é de fundamental importância que elas sejam consideradas em relação às

sociedades que as utilizam, conforme salienta Labov (1968), em sua clássica obra com Weinreich e Herzog (*Emperical foundations for a theory of language change*), marca do início da Sociolinguística Variacionista. A novidade deste livro é que se passou a considerar a língua como um fenômeno heterogêneo, passível de processos regulares de variação e mudança, ocasionados por fatores intra/extralinguísticos. Isto é, da própria língua e da sociedade, respectivamente.

Outro pensador de extrema relevância para a consolidação da língua como um processo vivo, constituído na própria interação foi Goffman (2002 [1959], 2011 [1967]), contemporâneo de Labov. Autor que convida os pesquisadores a tratarem as investigações linguísticas com mais abrangência, não só observando a estrutura linguística, mas examinando o cenário em que a fala se dá (tom, gestos, cenário de fala, gênero dos participantes), lugar até então negligenciado (a situação negligenciada) pelos estudiosos. Goffman (1964:16, *apud* Garcez e Ribeiro, 2002) afirma:

> Um estudioso interessado nas propriedades da fala pode se ver obrigado a olhar para o cenário físico no qual o falante executa os seus gestos simplesmente, porque não se pode descrever completamente um gesto sem fazer referência ao ambiente extracorpóreo em que ele ocorre.

Desenvolvida paralelamente à Sociolinguística Variacionista, a sociolinguística Interacional (SI) constrói uma quebra de paradigma com as abordagens feitas na época (anos 60 e 70). A partir de então, a SI observa o que as pessoas constroem quando estão juntas e a forma como fazem. Entende-se que o sentido das sentenças é sempre co-construído e situado. Importando, para a análise, os silêncios, as pistas paralinguísticas, as relações de poder, o gênero e a forma como a interação é dada, sempre de forma contextualizada. Uma vez que temos o objetivo de aliar nossa pesquisa à sociolinguística interacional, não podemos deixar de relacionar os dois principais teóricos desta linha de investigação: Goffman (2002 [1959], 2011 [1967], 2013 [1979]), já anteriormente citado e Gumperz (1982).

Goffman é classificado como o pesquisador que aguçou seu olhar para observar a situação comunicacional além da estrutura/linguagem verbal. O trabalho do sociólogo oferece bases teóricas para esta análise, como: tempo, espaço e participantes. Para Biar (2015:85), Goffman antecipa a aposta de Gumperz (1982) na centralidade dos conhecimentos situados para os processos interacionais. O autor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

oferece ferramentas analíticas necessárias para se entender como as pessoas atribuem valor simbólico ao que é dito e feito nos encontros sociais.

Por sua vez, Gumperz (1982), autor que combina modelos de pesquisa não somente relacionados à linguística, mas à antropologia e a sociologia, procura unir a linguagem em um *continuum* a investigar questões como sociedade, cultura, classes e papéis sociais. Gumperz (1982) debruça-se nas análises das interações, buscando: "apresentar significados para as interações sociais, como as entrevistas, procurando avançar nos conhecimentos sobre os estudos interpretativos. " (Biar, 2015). A influência da antropologia na linguística se dá principalmente por ele, a considerar a linguagem como um instrumento social, culturalmente determinado.

4.2 Os Estudos da Narrativa

> *"As histórias estão nas mais diversas instâncias de nossas vidas e estudar essas histórias é uma forma de compreender a vida em sociedade. Nessa atividade de narrar não apenas demonstramos quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca. "* (Bastos, 2005:74)

Os estudos da narrativa são um braço importante da Sociolinguística Interacional. A partir das atividades que envolvem o narrar organizarmos a realidade e construímos a própria história social, uma vez que somos seres formados por histórias. Para Bruner (1997) o princípio organizador da memória humana é narrativo. Por elas, indagamos, defendemos, explicamos e formamos quem somos. Segundo Bastos e Biar (2015:98), ao analisarmos as histórias narradas "podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social". Isso quer dizer que o estudo da narrativa ajuda a iluminar questões sobre a sociedade e os discursos que circulam na mesma.

Consideramos as investigações de Labov (1972) como pioneiras nas investigações sobre narrativa. Principalmente, no que se refere às contribuições estruturais. Pela definição laboviana, uma narrativa é "uma forma de se recapitular discursivamente experiências passadas, partindo-se de uma sequência de orações (Bastos e Biar, 2015:100). Podendo ser dividida nos seguintes termos: *resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda*. Abaixo, organizo em tópicos a definição de cada um.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Resumo - Estaria relacionado ao sumário da história. Ao começar uma narrativa, o falante resumiria os eventos que se seguirão, como estratégia para manter a atenção do ouvinte e buscar um espaço no discurso. Também estaria relacionado a enunciados que sumarizam a história;

Orientação - Indica o tempo, o lugar, pessoas e situação de que se fala. Normalmente aparece depois do resumo. Contudo, pode ser encaixada ao longo da história, situando a narrativa em um determinado tempo e com determinados participantes;

Ação complicadora - Elemento obrigatório em narrativas. Refere-se à história propriamente dita, constituída de orações narrativas ordenadas temporalmente. Normalmente os verbos encontram-se no passado. A narrativa mínima seria entendida pela junção temporal de pelo menos duas ações;

Resolução - Conclusão da ação complicadora;

Coda - Marca o fim da narrativa, traz o ouvinte de volta para o mundo da conversa;

Avaliação - Informação sobre a carga dramática, ou o clima emocional da narrativa. Contribui para relevar, enfatizar o ponto. Comunicar ao ouvinte o ponto de vista do narrador.

Para Labov (1972), essa estruturação da narrativa pode ser resumida nas seguintes perguntas:

1) Resumo: O que a narrativa fala?
2) Orientação: Quem; Quando; O quê; Onde?
3) Ação complicadora: O que aconteceu?
4) Avaliação: Qual a relevância para se contar essa história?
5) Resultado: O que, por fim, aconteceu?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Segundo Labov (1972) o ponto e a reportabilidade são noções importantes para o entendimento das narrativas. O ponto de uma narrativa refere-se à sua razão de ser. Em especial, ao motivo pelo qual uma determinada história deve ser contada. Por sua vez, a reportabilidade refere-se ao aparecimento de uma história extraordinária, o que justificaria a característica de ser contável.

No exemplo de nossas entrevistas, no capítulo de análise, a estudante Bruna (*nome fictício*) apresenta o fim de um relacionamento amoroso pela instabilidade emocional de seu namorado. Ele (por ser do signo de Gêmeos) muda repentinamente de comportamento e propõe o fim do namoro, após uma viagem romântica. O fim e o motivo do fim deste relacionamento amoroso, ponto da narrativa, seriam, então, situações incomuns e passíveis de serem narradas, apresentando alto grau de dramaticidade/reportabilidade.

Bastos (2005) afirma que nossas histórias devem ser reportáveis e apresentar alguma questão incomum, para que nosso interlocutor não nos pergunte: "*e daí*? " Entendo, então, o término de um relacionamento como um assunto altamente reportável. Ainda, justificaria a tese que Bruna se esforça para defender em toda a entrevista: a partir de comportamentos específicos, poderíamos compreender determinadas características identitárias (a rápida mudança de opinião comprova o fato do namorado ser de signo de Gêmeos). Para Bastos (2004:119):

> Além de ter um ponto, a narrativa deve ser contável, isto é, deve fazer referência a algo extraordinário. Acontecimentos banais e previsíveis não se prestam a ser contados, não têm reportabilidade. Em circunstâncias normais, alguém contar que atravessou a rua no sinal não seria tomado como algo contável; no entanto se ele contar que foi assaltado, ou que assistiu a uma briga no sinal, seus ouvintes vão aceitar a narrativa como contável.

Como apresentado, a narrativa tem um papel essencial para a compreensão da sociedade, uma vez que funciona como instrumento de organização social (Moita Lopes, 2001). Quando um indivíduo conta uma história, demonstra também como entende o evento narrado e os significados atribuídos (Riessman, 2003). Para Bruner (1997) uma narrativa apresenta em si uma sequencialidade lógica, independente das situações serem consideradas verdadeiras ou falsas, há a participação de atores e um drama a ser explanado. Labov (1972) também considera

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

o princípio da sequencialidade como um dos fatores mais preponderantes para a narrativa, no sentido de que organiza o sentido da história.

Para Riessman (1993), ao contarmos uma narrativa selecionamos propositalmente os eventos que serão apresentados e excluímos os eventos que não colaboram com a identidade que pretendemos performar**.** Conforme observa Bastos (2005) as narrativas podem também ser uma estruturação contextualizada de lembranças e eventos. Dentro dessas escolhas, é necessário consideramos que o narrador, ao contar sobre sua experiência passada, utiliza-se de sua memória, o que o leva constantemente à reelaboração e transformação de suas próprias experiências (Moita Lopes, 2001).

É importante considerar, também, que criamos um contexto narrativo tendo em vista quando, onde e para quem falamos. Para esta perspectiva, o passado não está gravado com seus sentidos em uma pedra, mas vai assumindo novos significados à medida que vivemos e temos uma nova visão sobre os eventos que nos ocorreram (Mishler, 2002). De forma resumida, o passado também está em constante mudança. Esta configuração refere-se ao que Mishler (2002) chama de "mão dupla do tempo" (Santos, 2006). Deste modo, contar uma história é também recriar uma nova realidade social.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

4.3 As Micronarrativas

Os dados que informam este trabalho não são apenas formados por narrativas canônicas (Labov, 1972). São, em especial, formados por micronarrativas. Após as investigações de Labov (1972), outros autores ampliaram o estudo sobre narrativa. Georgapoulou (2007), por exemplo, demonstra que o falante, por vezes, escolhe omitir determinadas estruturas (labovianas) para apresentar-se melhor discursivamente. Partindo-se desta constatação, Georgakopoulou (2007) desenha uma estrutura comparativa entre as narrativas labovianas e micronarrativas. As pequenas histórias se caracterizariam por verbos no pretérito, presente ou futuro. Em oposição, aos verbos no pretérito, apresentados pelas narrativas labovianas.

A proposta de Georgakopoulou (2007) entende a micronarrativa como um novo modelo analítico, que considera o contexto de produção/interação, diferentemente das narrativas labovianas, que desconsideram o contexto de produção. As micronarrativas têm como foco a interação, em oposição ao foco no autor para as estruturas labovianas.

Georgakopoulou (2007) afirma que nem sempre a estrutura prototípica laboviana será a mais eficiente nas narrativas. Por vezes, a omissão da localização ou avaliação, por exemplo, são escolhas conscientes do falante para apresentar-se melhor socialmente. Seja para omitir determinada característica que não contribui para sua face, ou para apagar uma informação que não é relevante para a história que deseja construir. De forma prática, nesta dissertação, os alunos utilizam-se das pequenas histórias, com recorrência, para exemplificarem suas ideias, através de diferentes exemplos narrativos. Também, recorrem a histórias hipotéticas para fortalecerem suas teses.

As narrativas labovianas construídas pelos alunos neste estudo ligam-se mais diretamente aos temas traços de personalidade e as micronarrativas a relacionamentos amorosos/previsões astrológicas. De modo a categorizar que no momento que os entrevistados se engajam a falar de relacionamentos amorosos utilizam-se de uma estrutura narrativa que se aproxima da prevista por Labov (1972). E quando constroem narrativas que versam sobre traços de personalidade/previsões astrológicas constroem pequenos excertos narrativos.

Compreendo a narrativa como uma forma de estruturarmos nossas experiências e de construir nossa identidade social. Sendo assim, as diferentes formas de narrativas: as canônicas e as micronarrativas seriam antes de tudo uma forma de posicionarmos quem somos no mundo e a identidade que pretendemos demonstrar em um determinado grupo social. Para isso considero a leitura de Mishler (1999, *apud* Bastos 2008) ao apresentar:

> A narrativa é dessa forma compreendida como a forma básica de organização da experiência humana. Além disso, contar histórias é uma ação, é fazer alguma coisa, ou muitas coisas simultaneamente- em uma determinada situação social. Uma dessas coisas é necessariamente a construção de nossas identidades. Ao criarmos cenários, personagens e sequências de ações, nos posicionamos diante de tais cenários, personagens e ações, sinalizando quem somos. As narrativas são performances de identidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Este entendimento que relaciona a narrativa à identidade nos possibilita compreender que a pluralidade para o modelo narrativo apenas enriquece o arcabouço teórico sobre as diversas formas de se contar uma história (micronarrativas ou narrativas canônicas). Conscientemente ou não, todos nós contamos histórias para persuadir por meio da comoção (Georgakopoulou, 1997:13). Sigo o posicionamento de Bastos (2008) a considerar que diferentemente de Labov (1972) as narrativas são entendidas mais amplamente do que a direta relação de recapitulação de experiências. Para tal, a pesquisadora cita Goffman e seu estudo sobre *replaying* (Goffman, 1974, *apud* Bastos, 2008).

> Em resumo falar costuma envolver o relato de um evento passado, corrente condicional ou futuro, contendo uma figura humana ou não – e esse relato não precisa ser, mas comumente é como algo a ser re-experienciado, a ser saboreado a ser elaborado, ou qualquer outra ação que o apresentador espera que seu pequeno show induza a audiência a experimentar.

Diferentemente de Labov (1972) que compreende a narrativa como a recapitulação de experiências passadas a compreensão de micronarrativas é mais abrangente a envolver acontecimentos futuros ou hipotéticos. Bastos (2008) aproxima estas duas categorias a considerar ambas como exemplos de recapitulação de experiências, uma espécie de *replay*, diferenciando apenas na extensão. Contudo, o interesse por estas duas categorias varia em relação à área de estudo considerada.

A micronarrativa seria entendida por Bastos (2008) como um pequeno show do falante e não necessariamente uma recapitulação de experiências, considerando o modelo de Labov (1972). Georgakopoulou (2006, *apud* Bastos 2008) apresenta que as micronarrativas geralmente relacionam-se a um evento no passado ou a um futuro próximo. A diferença entre narrativas e micronarrativas pode-se relacionar a compreender a natureza da ação desenvolvida. O debate que as diferencia é extenso e variável a depender do teórico estudado.

Para Georgakopoulou (2006) e Georgakopoulou e Bamberg (2005, *apud* Bastos, 2008) as narrativas longas seriam produzidas tipicamente em situações de entrevista. Em oposição das micronarrativas reproduzidas, em geral, em um determinado evento específico. Em nossa área de Estudos da linguagem, como em antropologia e sociologia o interesse típico pelas micronarrativas (Bastos, 2008) centra-se em aprofundar sentidos sobre histórias de vida, trajetórias profissionais,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

sexuais e etc. Em que se pretende, em geral (como neste trabalho), ampliar sentidos sobre a construção da identidade social.

4.4 Contribuições de Linde: causalidade, sequencialidade e sistema de coerência

Como já apresentado, Linde (1993) é uma autora fundamental para os estudos da narrativa, especialmente pela formulação dos conceitos: causalidade, sequencialidade e sistemas de coerência, que são centrais neste trabalho. Para a autora, causalidade refere-se à obrigação do narrador de contar em sua história fatos devidamente reportáveis e interessantes (Santos, 2016), geralmente seguindo uma cadeia sequencial amarrada por relações de causa e efeito adequadas.

A sequencialidade, por sua vez, relaciona-se à necessidade social de possuirmos uma história de vida aceitável socialmente. Para isso, nossa história precisaria seguir uma ordem temporal lógica. Parte desta interpretação relaciona-se à necessidade que todo o adulto competente possui: ter uma história de vida para contar.

Ao quebrarmos a regra da causalidade/sequencialidade seremos (se o grau de hierarquia permitir) ratificados ou questionados. A incapacidade de construirmos uma história de vida coerente se caracteriza, assim, como uma inabilidade discursiva e um desconserto social. Nosso repertório de histórias de vida precisaria ser socialmente aceitável para justificar as histórias que recorrentemente contamos, como a escolha profissional, ou faculdade, por exemplo.

O sistema de coerência, por sua vez, caracteriza-se como um esquema de conhecimento que lançamos mão em práticas discursivas. Representa um conjunto de crenças e relações entre crenças, que forneceria um ambiente em que uma declaração pode (ou não) ser considerada como uma causa de outra declaração (Linde, 1993:163). A autora amplia esta noção sobre sistemas de crenças, apresentando eventos que estabeleceriam "a maneira correta de comer", "a maneira correta de se vestir em determinados ambientes" e assim por diante. Formas de se comportar que dariam uma explicação de quem somos e o lugar que pertencemos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Esta dissertação não se preocupará em investigar se as histórias de vida contadas pelos estudantes são verdadeiras. Os processos para construir ou analisar as narrativas como coerentes podem ser investigadas independente da verdade ou falsidade dos eventos, personagens e sentimentos utilizados. Linde (1993) afirma que seria difícil, ou impossível, avaliar a factualidade das histórias contadas. E apesar disso, esse tipo de avaliação adicionaria pouco ou nada para a compreensão da criação do sistema de coerência. O importante passa a ser, de fato, como o sujeito se apresenta e se constrói em seu discurso.

Observamos tal ação nos discursos dos estudantes que utilizam- se da astrologia como uma forma de mapearem identidades. O conceito de sistema de coerência utilizado nesta dissertação considera a astrologia como um sistema cultural e semiespecializado, compreendido entre o sistema popular e o especializado, dotado de uma rede de crenças. Podemos entender, então, o sistema de crenças como um conhecimento compartilhado entre grupos de uma determinada cultura (Santos, 2016). Para Linde (1993:18) "seus pressupostos são tão óbvios e transparentes para os membros de uma cultura, que eles têm dificuldade de percebê-lo como tal". Neste sentido, a estudiosa do sistema de coerência afirma:

> Um sistema especializado pode ser definido como um conjunto de crenças utilizados por especialistas em uma área do conhecimento: a psicologia freudiana, a psicologia behaviorista a astrologia e o catolicismo são exemplos claros desta definição. A psicologia encontraria no psicanalista, a astrologia no astrólogo e o catolicismo no sacerdote seus peritos.

Linde (1993) enquadra a astrologia como uma "versão popular", que utiliza um número reduzido de conceitos, presentes no sistema especializado da qual deriva. Assim, um astrólogo profissional, ao olhar uma versão popular do sistema especializado para a astrologia, perceberia um empobrecimento na análise. A autora amplia suas contribuições ao considerar a astrologia como um sistema implícito, uma vez que as pessoas que dele partilham não precisam frequentar, necessariamente, congressos e reuniões sobre o tema (Linde, 1993:189).

A estudiosa afirma que a astrologia é mais um sistema de coerência possível, em que as pessoas podem contar de uma forma diferenciada os fatos do dia a dia. Pude reparar entre meus entrevistados que o sistema popular da astrologia era apenas uma forma de descrever identidades, sem nenhum engajamento formal. Os estudantes declaravam mais/menos filiações ou interesse. Utilizavam, em geral, da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

astrologia como um sistema capaz de apresentar a sua própria personalidade e a de pessoas que desejavam analisar.

A autora, em seu estudo sobre identidades, afirma que para que haja o compartilhamento de informações entre dois falantes é necessário que exista uma base cultural comum, para o devido entendimento e negociação de ambos. Essa lógica funciona também para contarmos sobre nossas próprias histórias de vida. Assim, na entrevista com os alunos, dividimos informações compartilhadas sobre astrologia, que nos permite realizarmos uma conversa. A estudiosa considera, como base de análise para as histórias de vida, o que chama de *senso comum*: o sistema de suposições e crenças, que são assumidas como compartilhadas por todos os membros competentes de uma determinada cultura.

Linde (1993) apresenta a discussão de que para a criação da coerência, o narrador precisaria se esforçar para passar uma imagem convincente de si mesmo. Um exemplo interessante que aborda refere-se aos cowboys dos EUA, que precisam performar toda uma linguagem e vestimenta (parecidas com a dos filmes) para de fato convencerem seus expectadores que são cowboys. A imagem precisa ser vendida, mas, antes de tudo, comprada pelo ouvinte/expectador. A mesma lógica pode ser seguida para astrologia, um sistema popular de coerência que pode amarrar a sequencialidade e a lógica das narrativas de histórias de vida.

Resumidamente, o sistema de coerência refere-se a que eventos me tornaram o que sou hoje, ou mais especificamente, o que você deve saber sobre mim para me conhecer. Para demonstrar este sistema de crenças, Linde (1993) cita critérios que deveriam estar presentes em histórias de vida. O primeiro refere-se ao sistema avaliativo do falante, ou algum evento enquadrado como especificamente relevante para a conversa. Para o momento, a autora considera o ponto avaliativo da história como uma lógica de entendimento compartilhado entre os participantes da conversa, de modo que o destinatário deve concordar com o que o protagonista pretende performar.

O ponto avaliativo (Linde 1993, 21) revelaria direta e indiretamente informações sobre o falante *"eu sou tal tipo de pessoa, já que eu agi em tais situações de determinada maneira. "* Outro ponto típico de avaliação refere-se a ilustrações de como o mundo é. Histórias deste tipo contam: *"você não pode confiar em carro usado*", provando determinados pontos de vista e experiências do falante.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

O fato de uma determinada história ter acontecido para o falante o dá poder no discurso, já que por ter vivido a experiência, pode discursar com mais *"precisão"* sobre os acontecimentos. De qualquer forma, pelos dois pontos de avaliação, o falante pretende demonstrar algo "*sobre o tipo de pessoa que é*, ou, algo sobre a forma que o mundo é para ela/ele". Esta distinção surge pela forma que a história é construída pelo falante e não pelo tipo particular de eventos narrados. Assim, pretendo observar o modo como os estudantes se localizam no discurso e a sequencialidade/causalidade construídas em suas narrativas, a partir do sistema de coerência da astrologia.

4.5 *Accounts* narrativos

"Um account refere-se ao poder da narrativa, como uma prática discursiva transformadora. "
De Fina, 2008

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Observamos em nossa pesquisa que algumas narrativas funcionam, com frequência, como *accounts* para comportamentos ou traços de personalidade. Os *accounts*, em nosso estudo, relacionavam-se mais fortemente a características julgadas socialmente como negativas. Para De Fina (2009), os *accounts* apresentam-se como uma estratégia discursiva utilizada para os sujeitos apresentarem-se de forma positiva socialmente.

Os *accounts* funcionariam, em nossa análise, como uma forma de nos justificarmos para os outros e para nós mesmos. Pode-se considerar diversas perspectivas teóricas a trabalhar com este conceito: "*account* como reconfiguração do contexto de um evento, *account* como uma negociação da realidade, *account* como narrativa, *account* como resposta, entre outros" (Butny e Morris 2001:285).

De Fina (2003, 2009) discute que as identidades são alcançadas, não dadas. Assim, os narradores precisam preservar, manter e reportar as características que reclamam para si. Na concepção de De Fina (2009) o *account* funcionaria como uma estrutura discursiva capaz de realizar "recapitulações de eventos passados, construídos como resposta para uma pergunta avaliativa de por quê". Desta forma, a utilização dos *accounts* implicariam em uma possibilidade de avaliarmos um determinado assunto que está sendo apresentado no discurso.

O entendimento para a noção de *account* é fundamental nos estudos discursivos, uma vez que essa estratégia contribui para uma diminuição de agência para as questões consideradas negativas. Para Butny e Morris (2001) a desculpa à uma ofensa seria a forma mais comum de um *account*, o que possibilita minimizar a responsabilidade do autor. Conforme afirmam os autores as desculpas circunstanciais são utilizadas para aliviar a tensão sobre o narrador e sobre o que acontece em uma determinada ação relatada ("era brincadeira").

A noção de responsabilidade autoral também se mostra fundamental nos estudos narrativos, uma vez que ter responsabilidade sobre algum fato requer desculpar-se ou dar conta sobre as circunstâncias que não ocorreram como esperado. De forma geral, os *accounts* são tidos como um tipo de razão para uma determinada ação ter ocorrido de determinada forma. Os *accounts* são construídos, prototipicamente, pela estrutura: "Eu realizei X por causa de Y" (Antaky, 1990, a*pud* Butny e Morris, 2001). As descrições das cenas, eventos e relações são essenciais para recontarmos uma determinada ação, estabelecendo fatos e, finalmente, quem é responsável por eles.

O objetivo central de nossas entrevistas era incentivar os estudantes a apresentarem narrativas que versassem sobre o tema central de pesquisa: astrologia. Deste modo, baseio-me nos apontamentos de De Fina (2009) ao afirmar que em uma entrevista de pesquisa a pergunta "por que " incentiva a elaboração de histórias mais ou menos longas ("*Por que você começou dizendo que era de Peixes*? ").

A escolha de determinados *accounts*, em nossa análise, possibilitaria proteger a face dos estudantes, uma vez que justificaria determinadas atitudes consideradas negativas socialmente, como dramaticidade, ou gula, por exemplo. ("*Sou de Câncer, tão sentimental*"; "*Eu me identifico total com touro, muito comilona*"). A construção da identidade a partir do sistema de coerência da astrologia funcionaria, então, como um grande *account* identitário em nosso estudo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

4.6 Outras contribuições da Sociolinguística Interacional: face, alinhamento e esquemas de conhecimento

> *"Goffman chama de face algo mais do que rosto, toda a fachada que sustenta o indivíduo. O trabalho de face é o esforço que cada um de nós faz para manter-se à altura da dignidade que projetamos sobre nós mesmos, à altura que acreditamos merecer por parte dos outros. "*
> *Gastaldo, 2008*

Além dos estudos da narrativa, outras contribuições da sociolinguística interacional são válidas para este trabalho: face e alinhamento, formuladas por Goffman (2011[1967]) e esquemas de conhecimento, abordado por Tannen e Wallat (1987). O conceito de face é desenvolvido da seguinte maneira: sempre nos esforçamos para desempenhar uma atitude coerente diante dos outros, um papel, uma face positiva para o nosso interlocutor. De modo tal que estamos a todo momento representando papéis sociais, como se fôssemos atores em um teatro. Na interação face a face e no primeiro capítulo clássico de seu *Ritual de Interação*, o autor analisa o esforço que fazemos para preservar nossa face, uma atitude coerente diante dos outros.

Sendo assim, como em um espetáculo, o nosso semblante é apresentado para representar personagens diante de um público social. O termo face é definido como "o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma, através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada, durante um contato específico" (Goffman, 1980:76-77). Caracteriza-se como uma imagem do *self*, desenhada em termos de atributos sociais aprovados, podendo, assim, ser partilhada por outros.

Todos os conceitos aqui desenvolvidos por Goffman (1980), como antes descrito, estão acontecendo na interação social, de forma real, face a face, com sujeitos sociais situados, culturais e contextualizados. Sendo assim, o sujeito também é refém de imagens criadas pelos outros, resultado da vida social em interação. O sociólogo demonstra uma rica análise de como se constituiria a vida cotidiana e as regras que "invisivelmente" a formaria. Segundo o autor, em seu texto Elaboração da Face:

> Toda pessoa tende a experimentar uma resposta imediata à face que lhe é proporcionada, por um contato com outros, sua face é catexizada e seus sentimentos ficam ligados a ela.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Se a imagem sustentada pelo encontro há muito tempo é considerada pela pessoa como algo natural, provavelmente a questão não envolverá uma grande carga de sentimentos. Se os eventos estabelecem para uma pessoa uma face melhor do que a esperada, essa pessoa tende a se sentir bem, considerando o esforço que todos nós fazemos para nos apresentarmos favoravelmente aos demais.

Além dos atributos já conhecidos de apresentação, como aparência e aspecto externo, o termo face pode ampliar para um sentido conotativo de expressão de dignidade, auto-respeito e prestígio. Esse duplo sentido é explorado pelo autor ao empregar a terminologia "*shamefaced*" (perder a face, desacreditar-se) ou "*to save face*" (salvar a face). A face do *self* e a face do outro são demonstradas como construtos sociais, elaboradas na mesma ordem.

Com base em Goffman (2011[1967]) e no modo como o mesmo define o comportamento social, compreendo que todos nós seguimos uma linha lógica para nos apresentarmos à sociedade e para construirmos nossas histórias. O sociólogo desenvolve conceitos relevantes considerados neste trabalho, como: face, sentimentos associados à face, a face do *self* e a face do outro; ter, manter, estar em face; perder X salvar a face; face social e mútua; elaboração da face e interação falada.

Todos nós, vivendo em sociedade, fazemos um trabalho para mantermos nossa face. Contudo, os perigos estão sempre à espreita, a qualquer momento uma casca de banana pode nos fazer perder a compostura, nos expondo em um tombo ridículo e causando-nos constrangimento. O constrangimento seria uma marca clara de que quebramos uma regra social pré-estabelecida. Assim, Goffman (2009) afirma estarmos na "prisão da vida social", cada pessoa passa a ser seu próprio algoz, ainda que algumas gostem de suas celas.

A partir desta ideia, o teórico apresenta o conceito de linha, como uma atividade composta por atos verbais e não verbais, sobre o qual podemos expressar coerentemente uma opinião sobre uma dada informação, um dito *alinhamento.* Esta atitude se dá através de participantes da interação e passa principalmente pelo próprio interlocutor.

Este conceito é importante para nossa pesquisa, porque devido ao trabalho de face, nossos entrevistados ora se alinham completamente ao sistema de coerência da astrologia, ora se afastam dele, em maior ou menor grau. Caracterizando, assim, a mudança dinâmica dos enquadres (footing), estudados por Goffman (1981).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Importante considerar que quando o entrevistado se alinha à astrologia, alinha-se naturalmente à entrevistadora, por saber ser este o tópico base do estudo. Goffman (2011 [1967]), também, desenvolve a teoria de que o ator social não só interpretaria um papel que melhor lhe convém, como também se caracteriza deste papel, através de vestimentas, gestos e comportamentos, alinhando-se a um padrão social.

Partindo-se do ponto básico de que existem regras sociais e culturais de conduta dentro de uma sociedade, e em qualquer interação, o sociólogo descreve a quantidade de sentimentos ligados a uma determinada face e como esses sentimentos são representados entre os participantes. Quando uma pessoa segue uma linha que projete uma imagem consistente dela mesma, apoiando-se em julgamentos e considerações feitas pelos outros participantes da interação, podemos considerar se o indivíduo está "mantendo", "perdendo", ou "salvando" a face que procura demonstrar. Pela perspectiva do autor, estudar as estratégias de como as pessoas salvam suas faces e se alinham a determinadas posições são estratégias de estudar as regras da interação social.

Os esquemas de conhecimento, por sua vez, referem-se a um determinado conhecimento compartilhado entre dois participantes de uma conversa, ou mais. De modo que não precisam explicar conceitos, ou alongarem-se em exemplos, já que os participantes conhecem o assunto abordado na conversa. No caso desta pesquisa, destaco que muitas vezes nos utilizamos do esquema de conhecimento compartilhado para desenvolver o assunto da astrologia. Atitude que facilitava o desenvolvimento da interação. Tannen e Wallat (1987:189) definem esquemas de conhecimento da seguinte forma:

> Usaremos o termo esquemas de conhecimento para nos referir às expectativas dos participantes acerca das pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, fazendo distinção, portanto, entre o sentido desse termo e os alinhamentos que são negociados em uma interação específica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

4.7 Astrologia e Identidade

> *"Já que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, precisamos compreendê-las como produzidas em espaços históricos e institucionais específicos, dentro de práticas e formações discursivas específicas, por meio de estratégias enunciativas específicas" (Hall, 1996:4)*

Nesta seção, pretendo ampliar a discussão sobre os teóricos que versam sobre o tema identidade, considerados neste trabalho. O termo identidade vem sendo amplamente discutido na teoria social, segundo Hall (1996) as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo estão sendo questionadas.

Em uma realidade pós-moderna (Bauman, 2005), em que as relações são tidas como líquidas e as situações são carregadas de sentido somente nas interações, a astrologia busca, em um sentido oposto, essencializar a *performance* e os estados psicológicos dos sujeitos. A partir desta constatação, busquei observar quais as estratégias meus entrevistados se utilizavam para se afastar/ aproximar do tópico estudado, bem como as estratégias discursivas utilizadas para melhor apresentarem suas faces. Segundo Hall (1996):

> As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela 'diferença', elas são atravessadas por distintas visões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições do sujeito, isto é, identidades.

As transformações associadas à modernidade libertaram os indivíduos de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Em seu texto clássico "*Questions about cultural identity*" Hall (2014) amplia esta concepção afirmando que não seria possível desenharmos um entendimento sobre o sujeito, mas sim um entendimento a partir das práticas discursivas.

Abandona a posição fixa sobre a "identificação" (Hall, 2014) do indivíduo e o recontextualiza como um ser que pode sempre trocar os seus papéis sociais. Sobre este conceito, em contraste com o naturalismo, a identificação é tida como um processo em construção, uma vez que podemos nos associar a outras ideias, pessoas e posições. Assim, podemos, por exemplo, entender neste trabalho que a astrologia funciona como um princípio de identificação (Hall, 1996, 2014) em que os associados encontram definições estáveis que delimitam sua personalidade e a dos demais. Bauman (2005:17) interagindo com estudos de Hall (1996) cita que:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

> Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não possuem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age- e a determinação de se manter firme a tudo isso- são fatores cruciais tanto para o pertencimento, quanto para a identidade.

O estudioso entende identidade como uma construção, numa perspectiva não essencialista. De modo que os indivíduos não recebem uma identidade quando nascem. Pelo contrário, estão a todo tempo reconstruindo sua própria forma de ser no mundo. Entende-se os discursos como co-construídos por sujeitos imersos em um contexto cultural, sendo os sentidos sempre relativizados às cenas. Para o teórico, podemos nos apresentar socialmente através de várias formas. Há diversas respostas para pergunta quem é você, como apresenta (Bauman 2005:34):

> Quem é você? Um pequeno polonês. Qual o seu signo? A águia branca. As respostas de hoje, sugere Monika Kostera, ilustre socióloga da cultura contemporânea, seriam diferentes: Quem é você? Um homem simpático na casa dos 40 e com senso humor diria: Qual é o signo? Gêmeos.

Contribuindo com os estudos de Bauman (2005) ao relacionar a identidade ao discurso e, portanto, dar identidades sociais às contingências sócio- históricas (visão socioconstrucionista) chamo atenção para o fato de que ocupamos lugares diferentes na vida social, no exercício do poder, que nos posicionam de maneira diferenciada nas assimetrias/simetrias interacionais, o que não quer dizer que estas não podem ser revertidas (Moita Lopes, 2001: 60).

Entendo as histórias geradas em nossas entrevistas como uma forma de apresentação de identidade e significação de si mesmo/outro, uma vez que tanto o falante quanto o ouvinte têm papeis ativos na elaboração da mensagem e na definição de '*o que se está passando aqui e agora'* (Goffman, 1981). Pesquisar na área de Sociolinguística Interacional significa, portanto, considerar o discurso como um tópico situado, ligado a determinados sujeitos sociais e a um determinado tempo histórico. Bauman (2005) compara as identidades com um quebra-cabeça, em que várias peças são apresentadas, mas a imagem final nunca é formada.

Tal metáfora refere-se ao caráter mutável das identidades que apresentamos. Nessa perspectiva, um mesmo ser assume diversas faces ao longo da vida, podendo apresentar-se com diversas identidades, de acordo com o ambiente e com as pessoas que convive. Diante deste mundo líquido proposto por Bauman (2005), procuramos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

observar nas entrevistas como o discurso de essencialização identitária se apresenta, como uma forma de *resistência* a este mundo sem barreiras.

4.8 A agência nos estudos narrativos

> **"***A agência é um tema polêmico que esteve no centro das discussões sobre subjetividade por séculos, e que nunca será colocado para descansar totalmente. Para a agência, estamos realmente considerando uma questão fundamental sobre responsabilidade em uma ação pessoal, numa criação estética, em normas internas e avaliações sociais.* " (Hall 2004:5 *apud* Block, 2012)

A agência, assim como a identidade, é um tema caro não só para os estudos da narrativa como também para diversas áreas de conhecimento, como a sociologia e antropologia, por exemplo. No pós-estruturalismo, reconhecendo as limitações do estruturalismo para o estudo da identidade, adota-se uma perspectiva socioconstrucionista, no sentido de que a identidade é tratada no contexto da sociolinguística e da linguística antropológica; estudo sempre caro para as ciências sociais.

Diversos teóricos estudaram a questão da agência/identidade com o objetivo de compreender quais os efeitos que a agência exerce sobre as atitudes humanas e que relativos controles temos sobre ela para tomar decisões e nos estabelecermos nas relações. Toda agência levantaria, sem precedentes, independente da área em que está sendo considerada, questões de responsabilidade: ação individual, criação estética, normas interpessoais e valores sociais (Block, 2012). Nesta pesquisa, objetivo discutir como o agenciamento atua em nossos dados e quais estratégias discursivas os estudantes se utilizam para ora reclamarem agência para suas ações, ora abrirem mão da mesma para serem efetivamente assujeitados por um sistema maior, do qual não possuem controle.

Para Duranti (2004:453, *apud* Block 2012) a agência é entendida em três grandes blocos: (i) relacionada ao efeito de controle que possuímos sobre nós; (ii) ao momento em que nossas próprias ações afetam outras entidades no mundo; (iii) e ao instante em que nossas atitudes são avaliadas como nossa responsabilidade diante de um determinado resultado. Ressalto, em especial, o primeiro tópico considerado por Duranti (2004) relativo ao momento que possuímos controle sobre

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

nossas ações as comparando, de forma contrária, ao tópico deste estudo: a astrologia.

Em termos práticos, nossas narrativas analisadas constroem-se em oposição à agência descrita por Duranti (2004). Já que os estudantes se mostram, recorrentemente, influenciados (assujeitados) pelas características de seus ditos signos. A ponto de "não dá poderem fugir dessas influências planetárias" (trecho retirado da entrevista à estudante Joana, nome fictício).

Este discurso escolhido como exemplo demonstra a forma como os estudantes usam a astrologia recorrentemente em nossas entrevistas. Dirigindo na contramão das ideias apresentadas por Duranti (2004, *apud* Block, 2012) de que teríamos um controle palpável sobre nossas ações no mundo.

Block (2012) amplia os estudos desenvolvidos por Duranti (2004) fortalecendo a ideia de que não é possível estudarmos agência, sem para isso considerarmos a história e a cultura da qual o sujeito faz parte. Para fortalecer esta posição cita Marx (1972):

> O homem faz sua própria história, mas também não é totalmente livre para isso, é influenciado pelas circunstâncias escolhidas por ele mesmo, mas também sob circunstâncias, encontradas, dadas e transmitidas do passado.

Posso fazer uma relação direta deste pensamento de Marx (1972) com a questão do assujeitamento discutida neste trabalho, através da astrologia (Block, 2012). Marx (1972, *apud* Block, 2012) descreve que o ser humano é assujeitado ao tempo histórico a qual faz parte. A astrologia seguiria a mesma lógica a considerar, também, que as pessoas fazem suas histórias, mas não são totalmente livres para isso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

5
Análise de Dados

"Duas coisas povoam a mente com uma admiração e respeito sempre novos e crescentes...o céu estrelado por cima e a lei moral dentro de nós. "
Immanuel Kant

Esta seção se dedica aos resultados da análise de 22 entrevistas, frutos da interação gravada entre mim e alunos da PUC- Rio, entre 2016 e 2017 sobre o sistema de coerência da astrologia (Linde, 1993). Objetivamos através dos dados da análise responder a três perguntas particulares, já apresentadas neste trabalho: (i) como a astrologia atua em elaborações de histórias de vida; (ii) que aspectos da identidade os sujeitos tornam relevantes a partir do discurso astrológico; e (iii) como os sujeitos se performam em seus discursos: assujeitados ou agentivos.

Abaixo, apresentaremos excertos que se mostram mais significativos e exemplares na análise que dá origem a esta dissertação. Contudo, as 22 entrevistas foram analisadas. As sequências das transcrições encontram-se no anexo 2, divisão que permite uma maior contextualização da entrevista. Este capítulo apresenta três seções temáticas, respeitando a recorrência dos assuntos citados pelos estudantes. Os traços de personalidade, desenvolvidos na seção 5.1 marcam-se como o tema mais prototípico e recorrente. Em seguida, na seção 5.2, desenvolvo os relacionamentos amorosos, que aparecem como o segundo tema mais citado. Por fim, e consideravelmente em menor quantidade, mostra-se narrativas de outros assuntos, que desenvolvemos na seção 5.3, denominado previsões astrológicas.

Cada uma das subseções será organizada da seguinte forma: primeiramente apresentaremos uma contextualização da entrevista, demonstrando quando/onde a interação se deu, qual o perfil dos entrevistados (idade, curso) e como os estudantes foram convocados para esta pesquisa. Em seguida, na análise propriamente dita, demonstrarei como o excerto se constitui (micronarrativa ou narrativa canônica), identificando os constituintes propostos por Labov e as relações de causa/efeito criada no discurso (Linde, 1993).

A partir daí, identificarei os alinhamentos e desalinhamentos (Goffman, 2013[1979]) com o sistema coerência da astrologia no discurso e as possíveis interpretações mais específicas para cada excerto, privilegiando os estudos de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Tannen (2007) sobre o discurso, os pressupostos de Goffman (2011 [1967]) sobre a interação face a face e os estudos Bauman (2005) sobre identidade.

A compreensão da diferenciação entre narrativa e micronarrativa presente nesta pesquisa se alinha à posição de Bastos (2008:78) a apresentar:

> Inspirada na proposta laboviana clássica considerarei que o critério mínimo necessário para decidir se um determinado segmento de fala é (ou não) narrativa foi a presença de dois eventos em sequência temporal. Mas diferente do modelo laboviano, tais eventos não precisam estar necessariamente no passado, nem articulado sintaticamente em orações independentes, com verbos de ação no passado.

Seguindo esta interpretação quando os excertos desta análise versarem sobre uma sequência de eventos temporais, contendo os componentes previstos por Labov (1972) serão categorizados como narrativas. Em oposição, quando estiverem relacionadas ao recorte de apenas um evento, e/ou aproximando-se de eventos hipotéticos serão classificadas como micronarrativas. As narrativas seriam entendidas aqui como uma *trajetória* de uma história paulatinamente narrada, composta de várias etapas. Seguindo o critério mínimo de deslocamento de pelo menos um contexto para outro, na sequência temporal. As micronarrativas, pelo contrário, estariam ligadas a *episódios específicos*, apresentada pelo narrador (Bastos, 2008).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

5.1 Traços de Personalidade

1.Canceriano com Mercúrio em Câncer

Esta entrevista foi previamente marcada em maio de 2017, com o aluno de 22 anos de Letras, que denominaremos Vinicius. No referido ano, já definidos os meus sujeitos de análise: alunos da PUC- Rio, com muita frequência meus entrevistados acabavam indicando amigos que se interessavam pelo tema para participarem da pesquisa, Vinicius foi um desses casos. Nossa interação ocorreu no bosque na PUC- Rio.

Antes de iniciar todas as minhas gravações, explicava para o entrevistado o que pretendia pesquisar e apresentava o termo de consentimento livre e esclarecido.

Após a assinatura do entrevistado e respostas a possíveis dúvidas, iniciávamos a gravação. A entrevista tem duração total de 46 minutos. Contudo, escolhi exatamente o início de nossa interação para análise por justamente o estudante utilizar-se logo no começo de seu discurso de características de assujeitamento (Block, 2012), via astrologia. Observamos a presença da micronarrativa abaixo, em que o estudante escolhe apenas um episódio para exemplificar a sua possível dificuldade de comunicação. Vamos ao excerto.

Excerto 1: "Não sei se foi uma boa me entrevistar" (46'22'')

1	Milena	↑começou a gravação, você...
2 3	Vinicius	é, é: importante falar >já que vamos falar de astrologia< que eu tenho Mercúrio em Câncer
4	Milena	é mesmo? (.) já tá da:ndo um dado ((risos))
5 6 7 8	Vinicius	exatamente, só para deixar bem claro, eu sou canceriano com MERCÚRIO em Câncer é: a astróloga falou >"ih, caramba"< então eu não sei se foi uma boa fazer entrevista comigo
9 10 11	Milena	tá certo ((risos)) é: bem você aceita que esses dados sejam gravados a nível de análise (.) na pesquisa?

O ponto desta história desenvolvida por Vinicius é apresentar que ele não é um bom entrevistado, para isso se utiliza de uma micronarrativa, pois não encontramos todos os movimentos labovianos. A estrutura lógica da narrativa é organizada pela relação causa/efeito proposta por Linde (1993). O efeito (dificuldade na comunicação) é justificado pela causa (Mercúrio em Câncer), que funcionaria como um *account* (De Fina 2009) discursivo para a construção de um possível discurso pouco pragmático e muito emotivo. Nas linhas 5-8, encontramos a única ação complicadora deste excerto (a possibilidade de o entrevistado apresentar um discurso confuso na entrevista). Para a ação narrativa, o estudante utiliza-se dos verbos não explicitamente ativos: ser e saber ("sou canceriano; não sei"). O restante da narrativa define-se como orientação.

Para a astrologia, o planeta Mercúrio refere-se à comunicação. O signo ocupante deste planeta em nossa carta natal apresenta a forma como nos expressamos. Pelo fato do signo de Câncer ser definido como emocional, o discurso de Vinicius seria, então, caracterizado como sentimental, o que o afastaria da possibilidade de produção de uma sentença mais cartesiana e pragmática, esperada, em geral, para uma entrevista de pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Além disso, o estudante afirma também ser do signo de Câncer, o que só reforçaria a carga emotiva de sua expressão, justificando seu *account*. A apresentação desta informação para o estudante é tão importante que nem permite a entrevistadora terminar o questionamento sobre o seu consentimento para a gravação da entrevista (linha 1).

Como Georgakopoulou (2007) prevê, nem sempre seguimos a narrativa canônica proposta por Labov (1972). O evento recortado nesta interação é apresentado sucintamente pelo estudante, com o objetivo de logo apresentar a resolução do ponto narrativo. Ter Mercúrio em Câncer seria a causa, o ponto, pelo qual o entrevistado precisa apresentar um *account* para uma possível construção de um discurso "confuso".

O estudante também faz uso da fala relatada da astróloga (linha 7), que segundo Tannen (2007) pode ser visto como uma avaliação encaixada, utilizada para mostrar como o estudante estava preparado para responder às perguntas sobre astrologia, caracterizando-se como um bom informante (Labov, 1972). Para Tannen (2007) o discurso reportado é também uma forma de provocar o envolvimento do ouvinte e de reforçar o ponto pretendido na construção da narrativa.

Segundo Block (2012), precisamos perceber em que momentos o narrador abre mão da sua agência e de seu papel de protagonista de sua história para chamar outros participantes (ou fatos) que tomariam o seu lugar. Em nosso caso, Vinicius, na construção de sua identidade, chama o sistema de coerência da astrologia, através do discurso reportado da astróloga, como justificativa para sua possível dificuldade na comunicação.

Cabe aqui tecer algumas considerações sobre o conhecimento que o estudante e eu parecemos partilhar. A "posição do Mercúrio" em nosso mapa natal não é uma informação acessível ao público leigo. Isto se dá pelo fato do estudante se interessar por astrologia e já ter consultado uma astróloga. Encontramos aqui muitas pressuposições e um sistema (forte) de conhecimento compartilhado entre mim e o entrevistado.

Esta situação seria delimitada como o pressuposto de um esquema de conhecimento compartilhado (Tannen e Wallat, 1987), conceito já apresentado no capítulo 4, em que ambos os integrantes da comunicação possuem uma bagagem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

teórica sobre o sistema de coerência da astrologia, que os permite conversar de forma mais técnica sobre o assunto.

Podemos observar que entre mim e o entrevistado não há nenhum conceito sendo negociado ou explicado. Pelo contrário, os sentidos já estão dados e compreendidos entre os dois participantes da interação. De modo tão intrínseco que as expectativas de ambos os participantes são atendidas. Eu, como entrevistadora, encontro no meu entrevistado bons dados de análise e o entrevistado, por sua vez, pode discutir comigo sobre um assunto de seu interesse, sem apresentar explicações.

Podemos propor aqui até uma relação direta entre o sistema de coerência (Linde, 1993) da astrologia e o esquema de conhecimento compartilhado (Tannen e Wallat 1987), já que neste excerto e durante todo a entrevista vamos apresentando diversas categorias mais específicas de forma altamente compartilhada. Assim, a entrevista vai progredindo, com a possibilidade de abordarmos diversos temas da identidade do entrevistado via astrologia: amor (posição de Vênus); comunicação (posição de Mercúrio), etc.

Por fim, habilidosamente, o entrevistado apresenta a coda, que explicita o ponto de sua narrativa (possível dificuldade na comunicação). Toda esta descrição reforça uma característica que temos reparado ser comum nas narrativas de histórias de vida vinculadas à Astrologia. O sujeito ao retratar-se identitariamente perante o mundo, cria uma relação de causa e efeito (Linde, 1993) via características negativas que minimiza sua responsabilidade perante às suas atitudes. A entrevista foi longa, contudo, mal sabíamos que teríamos um ótimo excerto de análise nos primeiros segundos da interação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

2.O psicólogo pisciano

A segunda entrevista desta análise, parcialmente transcritas nos excertos 2 e 2.1, ocorreu em junho de 2017, no bosque da PUC- Rio. Não foi previamente marcada, estava em uma das mesas comunitárias de estudo no bosque e senta ao meu lado um estudante de Psicologia de 25 anos, que denominaremos Marcos. Neste momento, recordo que precisava de participantes masculinos para minhas entrevistas, visto que a maioria dos meus pesquisados, até a presente data,

pertenciam ao gênero feminino. Aproveito, então, e convido o estudante a participar da investigação, que aceita prontamente.

Partimos para uma interação gravada com duração total de 34 minutos. O excerto abaixo, composto por uma micronarrativa hipotética, contém parte da estrutura narrativa prevista por Labov (1972). O entrevistado apresenta um discurso que varia em relação à sua filiação à astrologia (alinhamento e desalinhamento). Começa apresentando-se, nos termos de Labov (1972), como um "crítico/especialista" (cf. excerto 2), desalinhando-se do sistema de coerência da astrologia, por ora. Para depois, no excerto seguinte, alinhar-se com mais afinco a este sistema de crenças, de modo assujeitado (Block, 2012), ponto que discutiremos no excerto 2.1, momento em que o entrevistado se esforça para manter a coerência (alinhamento) da entrevista.

O narrador constrói-se primeiramente como um ser ativo, crítico e consciente do papel confortável que os sujeitos se apresentam em relação à astrologia, lugar, segundo ele, onde a identidade seria dada facilmente por um dito sistema de coerência fixo (desalinhamento). O entrevistado embasa seu discurso com teóricos que utilizamos nesta dissertação, como Bauman, o que torna a conversa um tanto quanto interessante e justifica a definição que faço do entrevistado (especialista).

Essa entrevista foi selecionada para mostrar que o alinhamento com o tema (Goffman, 2013[1979]) não se dá de forma regular nas entrevistas, já que *não* são estudantes pertencentes a uma comunidade de prática [1]de astrologia. No excerto 2 abaixo, apresento o trecho inicial da entrevista em que Marcos mostra-se como um especialista, de modo a fazer uma análise comparativa com o seu próprio discurso assujeitado, analisado no excerto 2.1 (alinhamento). Note que o excerto 2 não apresenta uma narrativa. Não há a contação de uma história a ser narrada, mas o formato de uma explicação, uma aula, através de uma micronarrativa. E, portanto, a apresentação de uma narrativa não canônica.

[1]Segundo Moura (2009): "O primeiro uso conhecido da expressão comunidade de prática é atribuído aos pesquisadores sociais Lave e Wenger (1991), que as definem como organizações informais naturalmente formadas entre praticantes de dentro e de fora das fronteiras de organizações formais. Foram eles que cunharam a expressão *community of practice* para descrevê-la. " (Lave e Wenger, 1991, a*pud* Moura 2009).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Excerto 2 "Eis Você" (34'18'')

1	Milena	e por que será que ficou tão popular? (.) a astrologia
2 3 4 5 6	Marcos	cara (.)acho que é a nossa realidade, essa coisa tão partida, líquida, <nos termos do Bauman> likes, whatsapp...acho que qualquer co:isa que nos ofereça mesmo que em propaganda essa coisa de "ah, eis você" sabe? É MUITO ↑SEDUTOR isso

A orientação da narrativa de Marcos apresenta-se nas linhas 2-3, em que inicia sua explanação, via micronarrativa, para a popularidade da astrologia, a orientando para o mundo líquido. Podemos observar o discurso do especialista nas linhas 2-6, em que o estudante desenvolve o tema, procurando explicá-lo através de micronarrativas hipotéticas. Na linha 6, Marcos apresenta a coda de sua micronarrativa: "é muito sedutor isso".

Diferente dos outros estudantes, é recorrente em sua entrevista a citação de teóricos (como Bauman e Jung). Em especial, quero apontar seu alinhamento/desalinhamento (Goffman, 2013[1979]) em uma mesma interação, caso recorrente entre os estudantes. E ainda, apresentar uma teoria que desenvolvemos nesta dissertação e que já estava presente no discurso do entrevistado. Diante deste mundo líquido, a astrologia vem na contramão apresentar identidades fixas (linhas 4 a 6). Inclusive foi a partir desta interação que titulamos parte desta dissertação: "*Eis você*".

Podemos dizer, então, que de modo recorrente, ao construir suas narrativas, o sujeito varia sua filiação (alinhamento) ao sistema astrológico, ora parecendo demonstrar alinhar-se mais categoricamente ao tema (2.1). Ora indicando desalinhar-se ao mesmo (2), na mesma entrevista. Após esta primeira apresentação como "especialista", passamos (o entrevistado e eu) a discutir características mais específicas de sua identidade.

O estudante afirmou ser do signo de Peixes, interessar-se pelo tema, tendo inclusive consultado uma astróloga e contratado uma versão paga de seu mapa astral. Esta é uma prática comum nos *sites* mais populares de astrologia, que oferecem uma amostra gratuita dos principais serviços da astrologia e convida o usuário a contratar uma versão completa e paga.

O entrevistado, então, passa a concordar em termos gerais com as principais características ditas ao seu signo (introspectivo, familiar, imaginativo). Eu, no papel de entrevistadora e observadora de seu comportamento em relação a estas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

características dadas à priori, afirmo que o signo de Peixes é descrito popularmente como "familiar e introspectivo". Marcos concorda com estas características e passa a desenvolver a narrativa recortada abaixo (excerto 2.1). A narrativa abaixo não apresenta um enquadre de uma narrativa canônica, com os movimentos previstos por Labov (1972). O estudante cria uma relação de causa e efeito (Linde, 1993) que justifica o fato de morar só, mesmo sendo "realmente bem família".

Excerto 2.1 "Sou realmente bem família, mas..." (34' 18'')

1 2	Marcos	mas é engraçado >por exemplo< eu sou realmente bem família, M:AS, APESAR disso eu escolhi morar SÓ assim
3	Milena	↑é mesmo?
4 5 6 7	Marcos	aí não sei de onde veio esse impulso da vida longe da família, por exemplo (.) eu, né? Uma coisa assim eu lembro até que tinha umas coisas assim, é (.) meio do céu em áries né?
8	Milena	[é tem meio do céu é]
9	Marcos	aí eu tenho uns certos IMPULSOS, de ímpeto assim ...

O ponto desta narrativa é contrariar as visões deterministas sobre os signos. Quando Marcos afirma que decidiu morar longe da família (linhas 4-5, ação complicadora) afasta-se do sistema de coerência construído para o seu signo. Interessantemente, o estudante utiliza-se da própria astrologia para justificar esta característica (resolução, linhas 5- 7). Para ele, o posicionamento de seu mapa astral influenciaria de modo específico nesta decisão. No desenvolvimento de sua narrativa, procura justificar esta atitude pela posição do planeta regente de seu meio do céu (Áries), signo de fogo, caracterizado pelo impulso, liderança e iniciativa. As outras partes do discurso do estudante podem ser classificadas como orientação.

Marcos utiliza-se de uma micronarrativa de forma a contribuir para seu ponto. Nas linhas1-2, encontramos a ação narrativa, o momento em que o estudante age no discurso ("apesar disso, eu escolhi morar só"). Nas linhas 4-7, observamos, também, uma sequência de ações narrativas apresentadas, pela presença de verbos no passado: "lembro; tinha; tenho".

O estudante utiliza-se da astrologia como um sistema de causa e efeito (Linde, 1993) para justificar suas atitudes. O fato (efeito) de morar sozinho seria justificado (causa) pela posição planetária do seu meio do céu em Áries. Além disso, assujeita-se ao sistema de coerência da astrologia, retirando a sua agência e colocando a "culpa" (*account*, De Fina, 2009) do seu impulso de morar só, nos astros. Para finalizar, repete uma estratégia que estamos percebendo ser recorrente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

em histórias ligadas à astrologia. Quando uma característica é considerada negativa como por exemplo o fato de morar sozinho para uma pessoa que se diz "muito família" é mais comumente relacionada a esse sistema de coerência.

Outra forma que podemos analisar este tópico refere-se a uma característica proposta por Labov (1972), no sentido de que o entrevistado ao saber que está sendo gravado e analisado, procura, na medida do possível, comportar-se como um bom objeto de estudo, desalinhando-se ao tema por um momento. Mas, alinhando-se em seguida.

3.O ator e a astróloga

A próxima entrevista, previamente marcada, ocorreu em junho de 2016, no *campus* da universidade. Leonardo possuía 27 anos e cursava Artes Cênicas. No exceto 3, abaixo, encontramos uma narrativa aos moldes labovianos, com os componentes prototípicos previstos em seu estudo. Trata-se de uma sequência de eventos narrados, caracterizando-se como uma trajetória narrativa. Vamos ao excerto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Excerto 3. Direito e Artes Cênicas (6'43'')

1 2 3	Milena	então, a nossa pesquisa é sobre ↑astrologia e:o que o mapa astral, o que o signo influencia na sua vida?
4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23	Leonardo	ah, muito é: eu ado:ro signos eu acho que: para mim faz todo sentido explica muita coisa e: também me ajuda dentro dos meus relacionamentos em tudo na minha vida assim eu- eu me identifico com os signos por exemplo as características do meu signo na minha vida e como eles e como eu me comporto em relação (.) a- a ao que me cerca assim, namo:ro, família, trabalho, isso me influencia MUITO assim (.) e: é ah (.) por exemplo, antes de eu fazer Direito, eu fazia Direito, eu odiava fazer DIREITO, tinha muita raiva de fazer Direito, mas fazia. E: uma vez eu conversei com uma (.) e eu estava pensando em já ter coragem de fazer o que eu gosto que é Artes Cênicas que eu faço hoje (.)e a tia de uma amiga minha ela é ASTRÓLOGA...e eu na casa dela uma vez conversa:ndo, ela deu uma olhada no meu mapa (.) e ela falou que pela posição de alguns planetas e tal, eu tinha muita tendência a questões ligadas à criatividade, isso me deu forças para fazer artes cênicas

Esta interação começa com uma avaliação (Labov, 1972) do entrevistado sobre o tópico de pesquisa, na linha 4 (“eu adoro signos”), as avaliações externas são ecoadas entre as linhas 7-11, perpassando toda a história, de modo que o ponto de sua narrativa é demonstrar a sua alta identificação com o sistema astrológico. Após a avaliação, segue-se um resumo (linhas 4-7) que irá apresentar para o interlocutor os pontos centrais a serem desenvolvidos. Em especial, o modo que o entrevistado encontra relação com o sistema de coerência da astrologia em vários temas de sua vida: amor, amizade e profissão. As orientações temporais/espaciais apresentam-se nas linhas 12-18, onde o ator situa discursivamente a sua dificuldade em cursar Direito e sua visita à astróloga.

As ações narrativas iniciam-se na linha 15 (“conversei”), seguindo para uma sequência de ações desenvolvidas no passado entre as linhas 19- 21 (“deu uma olhada”; “falou” e “tinha”). A resolução encontra-se entre as linhas 20-23, em que o estudante apresenta que a partir da previsão da astróloga teve a coragem de cursar Artes Cênicas. Neste excerto, o ator avalia “fazer Direito” como uma experiência negativa e apresenta este tópico como uma pequena introdução para ação que irá desenvolver ao longo desta narrativa.: a troca de curso.

Linde (1993) compreende a avaliação como um fenômeno extremamente persuasivo, na medida que mantém a atenção do interlocutor para uma concordância/discordância. Além disso, o critério de excepcionalidade, compreendido como o esforço que fazemos socialmente para não descrevermos assuntos extremamente prosaicos (Sacks, 1984) mostra-se nesta passagem, já que “trocar de curso” marca-se como excepcional, fora do comum.

A principal questão que quero apresentar neste excerto é que o entrevistado se utilizou de um conselho da astróloga, relativo ao seu mapa, para fortalecer a sua já vontade de troca de curso. Esta passagem é um pouco diferente dos outros excertos de análise. Aqui, o aluno acredita que o mapa astral seria um meio que indicaria suas habilidades na vida. Leonardo assujeita-se às potencialidades descritas em seu mapa para realizar a troca de curso, de modo que ainda se utiliza da relação de causa/efeito, estudada por Linde (1993).

A troca de curso de Direito para Artes Cênicas (efeito) foi fortificada pela opinião da astróloga de que o aluno teria uma inata facilidade para lidar com questões artísticas e de criatividade (causa). Observa-se, também, a apresentação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

de um discurso com alta carga emotiva, outra estratégia de envolvimento discursivo: a construção do drama (Tannen, 2007).

Leonardo também se utiliza da fala reportada (Tannen, 2007), que deixa o interlocutor mais intimamente ligado ao que se é dito e à cena que descreve. O estudante constrói sua narrativa como uma cena dramática no teatro, em uma troca contínua de vozes. De modo que eu, como entrevistadora, permaneço, de fato, muito atenta à construção e desenrolar de sua narrativa.

4. Taurina: teimosa e gulosa

A próxima interação foi realizada, no bosque da universidade, em março de 2017, com a estudante denominada Gaia de 23 anos, matriculada no curso de Engenharia Química. A conversa não foi previamente marcada. Observei que a futura entrevistada estava distraída e sem afazeres aparentes no *campus* e pedi para realizar uma entrevista de pesquisa, que foi prontamente aceita. Neste excerto, não temos uma estrutura canônica, e sim uma micronarrativa, onde a estudante constrói, sua posição no discurso, através da apresentação de apenas um episódio hipotético.

Excerto 4 "E isso me descreve total" (15'48'')

1 2 3	Milena	e você acha que você tem a ver com o seu signo, com a forma como você se descreve, ou não tem nada a ver? (.) qual que é seu signo?
4	Gaia	↑é touro...é
5	Milena	o meu também ((risos conjuntos))
6 7	Gaia	então (.) eu >não SEI se tem muita a ver< uma coisa que todo mundo fala é que touro é comilão né?
8	Milena	sim ((risos))
9	Gaia	e isso me descreve total
10	Milena	[é?]
11 12 13 14	Gaia	eu gosto de comer o dia inteiro (.) assim se me chamar para comer eu tô aceitando, se me chamar sei lá...para ir numa festa talvez eu não aceite, mas para comer com certeza ((risos)) pode me levar
15	Milena	entendi (.) >comer você vai sempre<
16 17 18 19 20	Gaia	isso, tipo, com certeza (.) é porque eu <u>acredito</u> na astrologia, mas assim...as coisas que eu sei de touro é teimosia, eu sou b:em teimosa realmente hh é: e as pessoas também me acham teimosa, tipo meu namorado fica "nossa você é muito teimosa"
21	Milena	huhum
22 23	Gaia	"porque eu falo uma coisa e você fica lá rebatendo" (.) então realmente eu sou MUITO teimosa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Escolho para análise a passagem acima, porque a estudante durante os 15 minutos da entrevista demonstra um total alinhamento ao tema, o que a diferencia de Marcos, nosso entrevistado nos excertos 2 e 2.1. Nesta interação, a entrevistada utiliza-se de um recurso muito comum na construção de narrativas: a apresentação de uma micronarrativa pessoal para comprovar características do signo citado.

Além de construir uma sequência micronarrativa, que simularia uma conversa hipotética: linhas 11 a 14 (“se me chamar”; “mas para comer pode me levar”); 16 a 20 (ação recorrente: “meu namorado fica, ” seguido de orientações) e 22 a 23 (“falo; rebatendo”). Estratégia que para Labov (1972) seria altamente persuasiva, já que temos mais poder em contar uma história quando a vivenciamos, ainda que hipoteticamente. Após a sequência de ações narrativas construídas, Gaia procurar apresentar a sua resolução avaliativa na linha 23 (“eu realmente sou muito teimosa”).

Com esse comportamento, Gaia demonstra conhecer popularmente as duas características mais citadas em relação ao seu signo de touro: a teimosia e a gula. A estudante se utiliza da micronarrativa para reforçar o ponto de sua história: “pela minha experiência, este sistema de coerência demonstra-se válido” (minhas palavras/interpretação). A micronarrativa, segundo Georgakopoulou (2007) seria uma estratégia eficiente de apresentarmos, a partir de pequenos trechos narrativos, nossa ideia em uma interação que está em constante movimento.

Além disso, como Georgakopoulou (2007) prevê, nem sempre uma boa história necessita seguir o modelo laboviano que por tanto tempo guiou os estudos narrativos: histórias pessoais e no passado. Neste excerto, por exemplo, encontramos verbos no presente, com a ideia de sequência ampliada para ações hipotéticas ou recorrentes.

A entrevistada, também se utiliza da relação proposta por Linde (1993) de causa e efeito. O efeito de ser gulosa e teimosa (características socialmente negativas) seria discursivamente explicado pelo fato de ser do signo de touro (causa). Há aqui a criação de uma relação binária que minora a agência da entrevistada, já que seria à priori assujeitada a este sistema de coerência.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

5. Piscina distraída

A próxima interação foi previamente marcada e ocorreu em uma sala de estudo da PUC- Rio. A entrevistada tinha 22 anos e tinha acabado de concluir o curso de Letras, quando esta conversa se realizou (maio de 2017). A nossa entrevista foi longa, uma vez que a estudante conseguiu apresentar várias relações com outros temas: o sistema de arquétipo do teatro e a descrição dos personagens através de características psicológicas mais fixas, em novelas, por exemplo.

Joana ora se alinha mais fortemente ao sistema de coerência da astrologia, ora se afasta, mostrando-se crítica ao fato de *popularmente* as pessoas relacionarem características negativas aos signos, de maneira próxima ao excerto de Marcos (cf. excerto 2). Abaixo, encontraremos uma narrativa mais canônica, caracterizada pela narração de uma trajetória paulatinamente narrada, um conjunto de episódios.

Excerto 5 "Todo arquétipo de piscina" (54'29'')

1	Milena	então (.) você brinca com essa coisa do ↑ariano
2 3 4 5 6 7 8 9 10	Joana	é, mas às vezes (.) eu estou >andando na rua< é: sei lá tem um exemplo (.) que meu irmão >faz muay thai< uma vez eu fui com a minha amiga assistir a aula dele, ele tinha três anos na época (.) aí ele estava na turma das crianças...e tinha uma menina que tinha m:ais ou menos...uns ↑dez anos, ela não estava claramente ali (.) fisicamente ela estava >mas espiritualmente ela não estava ali< e a outra criança ensinando ela como fazer...e a criança super desligada
11	Milena	ela não estava gostando daquilo?
12 13 14	Joana	não, ela estava se DIVERTINDO muito, mas ela estava demorando a entender, aí eu até comentei com a minha amiga "é pisciana"
15	Milena	[ah, brincando, ah legal]
16	Joana	é...ela tinha todo o arquétipo de pisciana ((risos))

Na linha 1, eu resumia o ponto ("Então você brinca com essa coisa do ariano") de uma história que a entrevistada acabava de me contar: utilizava-se da astrologia para chamar a atenção de uma amiga ariana, signo conhecido pela falta de paciência e impulsividade. Segundo Joana, "brincar" com a questão do signo da colega seria uma estratégia descontraída e inteligente de criticar seu comportamento, por vezes, desnecessariamente agressivo ("Olha a Lia mostrando que é ariana", excerto não transcrito na análise).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Já no excerto acima em foco, destaco a relação de causa e efeito que Joana constrói ao relacionar a distração da menina que observava ao signo de Peixes (linhas 9-10). De forma popular, o signo de Peixes é relacionado ao sonho, ao misticismo e, por isso, a um certo desligamento. Há nesta passagem um forte esquema de conhecimento compartilhado (Tannen e Wallat, 1987) de modo que não precisamos apresentar esclarecimentos sobre os termos técnicos da astrologia.

Joana inicia sua narrativa ao apresentar a orientação para sua história: aula de muay thay do irmão (linhas 2-3; linhas 4-6; linhas 13-14), intercaladas por ações narrativas ("eu fui; ela não estava; ela estava; outra criança ensinando a ela") e linhas 13- 14 ("eu comentei; é"). Na linha 16, Joana apresenta a coda avaliativa de sua história: "ela tinha todo o arquétipo de pisciana".

Este excerto torna-se interessante, pois como já relatado, vai na contramão da teoria proposta por Bauman (2009) de que possuímos múltiplas identidades, adequando-se como um líquido a um determinado recipiente. Pelo contrário, nesta passagem, a questão do assujeitamento é tão significativa, que seria possível identificarmos o signo das pessoas através de determinados comportamentos observáveis ("super desligada").

Além disso, a entrevistada faz a relação direta entre uma característica considerada negativa ("super desligada") ao sistema de coerência da astrologia, uma estratégia estamos observando ser muito recorrente até aqui. A diferença deste excerto é que Joana não se utiliza desta característica negativa para apresentar um *account* que minimizaria o comportamento "aéreo" da menina. Pelo contrário, faz uso de seu conhecimento sobre astrologia para causar graça e chamar a atenção para o comportamento da criança.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

6. Aquariana com lua em Escorpião

A entrevista abaixo ocorreu em maio de 2017, sendo previamente marcada. Como relatado, em outra interação, foi comum nesta pesquisa a indicação de estudantes para a pesquisa. Esse foi um dos casos. A estudante cursa Comunicação e é habilidosa em contar histórias. Esta entrevista foi longa (51 minutos), já que a estudante se mostrava muito interessada no tema. Abaixo, apresento uma narrativa mais canônica aos moldes labovianos. No sentido de que a estudante narra um

conjunto de episódios na tentativa de explicar, através da astrologia, as suas dificuldades emocionais.

Excerto 6. Lua em Escorpião (51'31'')

1	Milena	você se identifica com seu signo?
2	Roberta	sim (.) MUITO
3	Milena	identifica?
4 5 6 7 8 9	Roberta	sim e... é muito engraçado porque eu (.) é acho que >achei explicações< para umas coisas que eu nunca entendi, sabe? por exemplo eu tenho uma: bem (.) pelo menos é o que a minha amiga me diz que aquário é super livre (.) Sabe? cabeça aberta (.) eu acho que: e também tem a lua em escorpião
10	Milena	isso influencia né?
11	Roberta	que tem uma intensidade muito grande
12	Milena	lua se relaciona...com as emoções né?
13 14 15 16 17 18	Roberta	e eu nunca entendi porque eu era tã:o intensa, porque (.) eu nunca entendi porque eu ligava para coisa que as pessoas >às vezes< não ligavam e aí.. eu entendi quando eu pesquisei um pouco mais sobre a lua em escorpião (.)que é por causa dessa lua que não é fácil.

Nas linhas 4-6, a estudante inicia o resumo de sua história, de modo a apresentar que encontrou explicações de sua personalidade na astrologia. Em seguida, podemos encontrar uma narrativa mínima nas linhas 13- 18, em que Roberta apresenta uma sequência de ações construídas no passado ("eu entendi"; eu pesquisei"). A grande parte de sua história é marcada por orientações (linhas 7-9; linha 15; linhas 17-18). Podemos observar na linha 12 que me esforço para contribuir para a história da estudante. Cito aqui novamente Tannen e Wallat (1987, *apud* Ribeiro e Garcez, 2013):

> Tomando emprestado um exemplo de Fillmore (1976) a diferença entre as noções 'chegar em terra' e 'tocar o solo' só pode ser compreendida em relação a uma sequência esperada de ações associadas com viagens marítimas e aéreas, respectivamente. Ademais, a única maneira de alguém compreender qualquer discurso é através do preenchimento de informações não proferidas, decorrentes do conhecimento de experiências anteriores no mundo.

A partir desta referência, destaco que há entre nós um esquema muito profundo de informações compartilhadas, em que podemos desenvolver diferentes pontos mais específicos sobre a astrologia, sem uma prévia explicação (posição da lua). A resolução que a estudante fará para sua narrativa será apresentar a relação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

de causa e efeito, discutida por Linde (1993). A posição da sua lua em Escorpião seria a causa que justificaria o efeito em sua personalidade: “ ser muito intensa. ”

Para astrologia, a posição lunar relaciona-se a questões emocionais (esquema de conhecimento compartilhado) e o signo de Escorpião à intensidade. Em termos práticos, a estudante repete uma característica já recorrentemente citada nesta análise, utiliza-se da posição de sua lua (causa) como *account* para justificar uma característica avaliada negativamente (intensa- efeito), minimizando, então, sua agência perante seus atos.

5.2. Relacionamentos Amorosos

7.Geminiano bipolar

A próxima entrevista realizou-se em junho de 2017, com duração total de 15’ 50’’. Bruna cursa Administração e tem 22 anos. Após conversarmos sobre influências da lua em sua vida na questão profissional, abordamos o assunto relacionamentos, bem vendido pela astrologia. A interação não foi previamente marcada e pode- se dizer, na medida do possível, que ocorreu de maneira espontânea. Após um dia de aulas na universidade, fui à sala de estudos do IAG (Instituto de Administração e Gestão- PUC- Rio).

Ouço, na mesa ao lado, um grupo de amigos conversando descontraidamente sobre os signos de seus colegas/namorados. Já atenta e na fase de entrevistas, dirijo-me aos alunos, convidando-os a participar da pesquisa. O grupo aceitou prontamente. Selecionamos o excerto abaixo, porque ele é exemplar de um tipo de narrativa de assujeitamento signo-indivíduo, causa/efeito.

Aqui, o signo em questão é Gêmeos, conhecido popularmente por mudanças repentinas de comportamento. Abaixo, encontramos uma narrativa mais canônica, em que podemos observar os movimentos previstos por Labov (1972). E a apresentação de uma trajetória narrativa, em que a estudante apresenta uma sequência de eventos que justifica a instabilidade emocional do namorado e o fracasso do relacionamento. Vamos ao excerto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Excerto 7. Ex bipolar (15’50’’)

1	Milena	mas qual ex-namorado que não deu certo,< que signo?>
2 3 4	Bruna	é ↑gêmeos e o outro era escorpião, aí escorpião (.) é bem difícil, mas gê:meos, acho que foi o pior de todos hh
5	Milena	por que?
6 7 8 9 10	Bruna	de relacioname:nto (.) eu acho que (.) eu acho que... tem muito a ver com bipolarida:de de ser um signo de uma pessoa que muda muito de ideia e >às vezes não transparece o que pensa< para você e era EXATAMENTE isso
11	Milena	é um signo DUPLO né?
12 13 14 15 16 17 18	Bruna	é, e... nele eu acho que foi muito isso (.) eu acho que pelo fato dele ser muito novo também, pela época muito conturbada para ele (.) de decisões importantes de entrada na faculda:de, amadurecimento, então eu acho que ele estava mais confuso do que nunca nessa época (.) e aí o fato dele ser de Gêmeos piorou
19	Milena	piorou ↑ainda
20 21	Bruna	e aí a gente ficou num relacionamento ↑muito ruim por três anos
22 23	Milena	é porque >se a pessoa não decidir< pode te dar uma angústia né?
24	Bruna	[°É°]
25 26	Milena	não sabe para onde ir e às vezes você vai com ela viajar, °fazer alguma coisa°
27 28 29 30 31 32	Bruna	pois é, foi até assim, a gente combinou uma viagem, ficou muito tempo combinando a viagem, estava SUPEREMPOLGADA (.) a gente fez a viagem...na semana seguinte ele terminou comigo assim para sempre e eu não entendi nada (.) falei “pô, podia ter avisado antes, ia ter economizado uma gra:na né? Hh
33	Milena	já tinha comprado várias coisas né?
34 35 36 37	Bruna	aí eu falei eu não entendi né? falei “você parecia tão feliz no final de semana passado é mas “agora eu não tô mais” aí eu falei “cara, tá bom”, aí foi jogar três anos por causa de uma semana?

A narrativa de Bruna inicia-se nas linhas 2-4, ao se utilizar de uma avaliação negativa para categorizar seu ex namorado de Gêmeos como o relacionamento mais difícil que já teve. A orientação, nas linhas 12-14 em que situa o interlocutor sobre a fase de início de seu relacionamento. Contudo, ainda, com um tom avaliativo negativo (“ele ser muito novo; época muito conturbada; decisões importantes; mais confuso do que nunca; ser de gêmeos piorou”).

A ação narrativa de nossa entrevistada encontra-se nas linhas 27-32, em que apresenta uma sequência de ações no passado, demonstrando a saga de sua viagem malsucedida (“a gente combinou; a gente fez a viagem; terminou; entendi; falei; economizado”). A coda avaliativa se apresenta nas linhas 31- 32, em que a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

estudante declara o desapontamento com a atitude do namorado em cancelar a viagem romântica.

Através de pequenas sequências de fala, Bruna reforçaria o ponto da narrativa: namorar um geminiano foi a pior experiência que teve. A instabilidade emocional do parceiro, herança do signo de Gêmeos, foi a causa do término do relacionamento, marcando-se como ação complicadora para o sucesso deste relacionamento (linhas 6 a 8). A coda caracteriza-se aqui por uma micronarrativa avaliativa da narradora nas linhas 36-37, em que a entrevistada fecha o caminhar infeliz de sua viagem, com o término do relacionamento ("aí foi jogar três anos por causa de uma semana ").

Para Georgakopoulou (2007) as pequenas histórias seriam uma forma importante de construirmos contingências discursivo-interacionais, gerados na comunicação. O falante, por meio de curtas sequências de fala, recriaria episódios de sua história de vida com foco na interação, reconstruindo o contexto. A entrevistada constrói, assim, a relação de causalidade e sequencialidade (Linde, 1993) ao elaborar uma narrativa que dá causa, através da astrologia, para a sua história. O signo causa a instabilidade emocional do ex- parceiro que provoca o fim do relacionamento (efeito).

Segundo Linde (1993) a astrologia funcionaria como um sistema de coerência que pode amarrar a sequencialidade e a causalidade da narrativa. Sendo assim, o excerto selecionado confirma as intuições da pesquisadora. E, ainda, reforça um tópico que estamos percebendo ser muito comum em se tratando de narrativas identitárias, costuradas pelo sistema da astrologia.

A relação de um sistema de causa e efeito retira a agência da narradora e sua responsabilidade pelo fim do relacionamento. Por fim, nas linhas 34-37 a estudante utiliza-se do diálogo construído (discurso reportado), que segundo Tannen (2007) marca-se como uma forma eficiente de mantermos a atenção do interlocutor, já que através de construção do diálogo reportado apresentamos, no discurso, a cena.

8.O ariano estressado

O excerto abaixo foi recortado da mesma entrevista apresentada no excerto 3. Contudo, agora, o estudante apresenta a temática amorosa. Leonardo, como já apresentado, cursa Artes Cênicas e possui 27 anos. Esta interação foi gravada em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

junho de 2016, na vila da PUC- Rio. Podemos observar em seu discurso um longo turno de fala e a apresentação de uma narrativa mais prototipicamente laboviana. Caracterizada pela contação de uma trajetória narrativa que explicita a falta de paciência do namorado de Leonardo. Vamos aos dados.

Excerto 8. "Tinha que ser ariano né? " (6'43'')

1	Leonardo	semana passada estava chovendo muito, eu estava com
2		meu namorado saindo de uma festa, ele é ariano (.)
3		e a gente chegou...na ↑porta do prédio dele(.)estava
4		chovendo, e o porteiro não estava abrindo não estava
5		reconhecendo ele. E ele foi ficando com ↑raiva tipo
6		começou a sacudir a porta a gente chegou na porta
7		do prédio dele e ele falo para o porteiro "P* tá me
8		reconhecendo não? Sou morador" aí eu escorpião, né?
9		Que adora uma discussão, já falei logo, tipo: "Aí
10		tinha que ser ariano, né? TI:NHA que ser ariano (.)
11		fazendo escâ:ndalo, gritando" (.) e ele: "Ah,
12		lógico, a gente estava na chuva, não sei o quê. Eu
13		falei "gente, mesmo assim você podia ter se
14		controlado (.) >não precisava ter ido lá brigado com
15		o cara<. " E ele: "Ah, você sempre escorpião, né?
16		Querendo me- me alfinet:ar" não sei que lá. Aí eu
17		falei(.) "gente, não, pera aí, ESCORPIÃO é
18		diferente, a gente é tipo mais possess:ivo,
19		cium:ento, dessas coisas (.) não tem NADA a ver".
20		mas, o ariano, não né? O ariano já é nervoso,
21		estourado e tal

Após a orientação na linha 1, o estudante começa a descrever as ações narrativas, em frente ao prédio do parceiro, causadas pela falta de paciência do namorado em esperar o porteiro abrir a porta de entrada do prédio. O estudante constrói a narrativa em um tom crescente de dramaticidade e agressividade.

- E ele foi ficando com raiva;
- Começou a sacudir a porta;
- Brigou com o porteiro.

O discurso do estudante é construído em um tom crescente de tragédia, elaborado através de uma sequência de reportabilidade de vozes (sua e do namorado). Para Tannen (2007), a reportabilidade de voz em uma cena dramática é uma estratégia de "construção do drama", capaz de reconstruir a cena e atrair com mais eficiência a atenção do interlocutor, através do apelo emocional. Diferentemente da maioria dos casos que vimos até o presente momento, o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

entrevistado não usa da astrologia como um *account*, um dispositivo que diminui a agência de um terceiro, redimindo-o de determinado atos.

Aqui, pelo contrário, o estudante reforça a característica negativa do parceiro (agressivo, impulsivo), com o objetivo de repreendê-lo, chamar atenção para o seu 'defeito', sem a intenção de minimizá-lo (o mesmo aconteceu no excerto 5: "Todo arquétipo de pisciana"). Ainda assim, cria a relação de causa/efeito, proposta por Linde (1993): "arianos são agressivos e escorpianos vingativos". O mesmo processo de crítica é repetido pelo namorado de Leonardo, ao rebater a repreenda nas linhas 15-16.

Por fim, na coda avaliativa (linhas 19-20) diante do desentendimento, Leonardo, em um eficiente malabarismo discursivo para salvar sua face (Goffman, 2011 [1967]). Apresenta uma estratégia comparativa entre as dificuldades do signo do parceiro (nervoso e estourado) às suas (possessivo e ciumento), construindo a lógica de que seus obstáculos seriam menores e mais toleráveis se comparadas às do namorado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

9. "*Ufa* "

A entrevista abaixo realizou-se em junho de 2017, com duas estudantes de Comunicação no bosque da PUC- Rio, denominadas Jéssica e Alice. Para esta análise, separei em dois excertos o momento em que conversava diretamente com a estudante Jéssica, ouvindo-a e participando de sua narrativa (excerto 10). E o momento em que o turno foi estendido para Alice (excerto 11). Contudo, os dois excertos fazem parte de uma mesma entrevista.

Poucas vezes, em minha pesquisa, realizei entrevistas coletivas. Esta foi uma das exceções à regra, já que como tantas outras interações não foi previamente marcada. As estudantes dividiam comigo uma mesma mesa de estudo no bosque. Então, as convidei a participar da investigação. Como a abordagem foi realizada em dupla e como o interesse era comum às duas estudantes, realizamos esta interação de forma coletiva. Abaixo apresento a sequência de micronarrativas em que a estudante demonstra a construção de um episódio em específico: a procura de similaridades (através do mapa astral) entre a personalidade dela e do namorado.

Excerto 9. "Gente, tem muito Câncer no mapa" (14'57'')

1 2 3 4 5 6	Jéssica	quando eu comecei a namorar (.) antes da gente namorar eu já ↑perguntei o aniversário dele hh aí ele falou o aniversário dele (.) e eu falei..."virginiano, beleza" tá ok, não sou muito organizada mas tudo bem (.) aí um dia (.) eu perguntei tipo a hora que ele nasceu
7	Milena	↑mentira...nem começou a namorar ainda
8 9	Jéssica	não, pois é... aí ele falou "Ah você não vai ver meu mapa astral não" aí eu "não que isso, claro que não
10	Milena	imagina...
11 12 13 14 15 16	Jéssica	imagina ((risos)) vendo o mapa astral, aí eu vi o mapa astral e já mandei para ↑TODAS as amigas "gente, tem muito câncer no mapa", ele é mu:ito sentimental e eu sou zero sentimental, mas aí minha amiga falou que câncer é oposto complementar de capricórnio, aí eu falei "ufa"

Em outro momento da entrevista, anteriormente ao excerto selecionado, estávamos levantando hipóteses de quais signos seriam os mais "mal falados pela mídia" e quais os assuntos que as pessoas mais recorriam ao abordarem o tema da astrologia. Em momentos diferentes, ambas levantaram a relação que as pessoas fazem dos signos com o tema relacionamentos amorosos. O assunto deu gancho ao desenvolvimento da narrativa de Jéssica que começa a apresentar sua história pela orientação (começo do namoro), nas linhas 1-2.

Separo este trecho, também, por duas características marcantes: a popularidade da relação entre mapas astrais a relacionamentos amorosos, com o objetivo de investigar se determinado relacionamento terá futuro e a comum atitude de negação desta investigação pelo "parceiro detetive", já que essa atitude pode denunciar um interesse excessivo pelo sucesso do relacionamento, que procura disfarçar com considerável recorrência. Acredito que o ponto desta narrativa seja demonstrar que apesar da dificuldade apresentada a priori no mapa astral dos apaixonados, o relacionamento teve um final feliz.

A estudante reforça a negação da investigação nas linhas 8-9, em que se utiliza da estratégia de reportabilidade de voz, para a construção do drama. Conforme proposto por Tannen (2007), de modo a enfatizar que não iria verificar o mapa astral do parceiro. As relações de causa/feito, estudadas por Linde (1993) ainda se mostram presentes: capricornianos são frios e cancerianos são sentimentais, demonstrando, a princípio, uma tragédia para compatibilidade amorosa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

As ações narrativas, construídas pela personagem encontram-se nas linhas 1-6, quando demonstra através de uma sequência verbal a sua inicial investigação sobre o namorado (“comecei; perguntei; falou; falei; nasceu”). A outra sequência de ações encontra-se nas linhas 11-16, em que a estudante caminha para o final de sua narrativa (“vi; mandei; falou; falei”).

Por fim, após uma saga na busca de informações seguida de muitas expectativas para o sucesso de seu namoro, a nossa entrevistada encontra nos signos alguma compatibilidade que poderia indicar a salvação da relação. A resolução de seu drama ocorre entre as linhas 14-16, em sua feliz descoberta: câncer é complementar de capricórnio (signo da apaixonada). Podemos observar o alívio da estudante (linha 16, “ufa”) ao enfim, na coda avaliativa, conseguir resgatar seu tão desejado amor.

10. Escorpiano vingativo

O próximo excerto da entrevista, com Alice, foi realizado de modo conjunto com a entrevistada acima, como já apresentado. Após a descrição da saga do mapa do relacionamento da amiga, Alice de forma a contribuir para o desenrolar da narrativa, apresenta o seu exemplo: “namorado de escorpião”. Nesta passagem, podemos observar o conceito de segundas histórias, estudadas por Tannen (2007). Alice pretende contribuir, através de uma narrativa aos moldes labovianos, para a história de relacionamento amoroso apresentada primeiramente pela sua amiga Jéssica. Segundo Garcez (2001:199, a*pud*, Cruz, 2015):

> Nos encontros cotidianos é bastante comum que após ouvir uma história, as pessoas se alternem na função de narrador, numa sequência de histórias que mantém uma correlação temática. Esse fenômeno ilustra o caráter intersubjetivo do ato de contar, pois ao apresentar uma segunda história, o novo narrador indica para o anterior que compreendeu e ratificou o ponto da primeira narrativa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Excerto 10: "Isso é muito escorpião" (14'57'')

1 2 3 4 5 6 7 8	Alice	mas cara o meu namorado é escorpião e ele é muito assim, tipo >com bobeira< parece uma criança...tipo assim, sei lá esbarrei em você sem querer (.) ele vai lá e esbarra de volta hh às vezes eu não entendo eu fico "Paulo, o que é i:sso? aí ele ↑também não fala, mas aí eu também me toco "mano, foi sem querer (.) sabe não tem necessidade de você ficar se vingando" hh, foi sem querer, real
9	Milena	é porque não FALA né? "Foi mal e tal"
10	Alice	e(.) tipo
11 12 13	Milena	e tenta resolver racionalmente, fica de vinganc:inha, igual você falou, já contribuindo para a história dela
14 15 16 17	Alice	é o problema é quando <você começa a ver> que essas coisas batem (.)aí você fica "isso é muito escorpião" É as vezes eu ↑vejo que ele nem >está fazendo de vingancinha< sabe? (.) é automático, tem que REVIDAR

Após conversarmos sobre algumas dificuldades típicas de alguns signos, Alice afirma que seu namorado escorpiano é muito vingativo, acredito ser este o ponto da narrativa, comprovar através de uma micronarrativa que esta característica popular faz sentido. Para tal, apresenta uma sequência de ações hipotéticas (linhas 3-6), caracterizada por ações no passado ("esbarrei; esbarra; foi sem querer"). Outra micronarrativa construída pela estudante encontra-se nas linhas 14-17, em que a narradora se utiliza de avaliações (linha 15: "isso é muito escorpião"; linhas 16-17 "ele nem está fazendo de vingancinha") para salvar a face do namorado.

Neste excerto, a estudante não se esforça para construir um tipo de *account* que salve a face do namorado, quase até o fim da entrevista. Pelo contrário, ela está mais empenhada em demonstrar que faz sentido o fato de popularmente atribuírem a característica vingativa ao signo de escorpião. Neste excerto, não procura similaridades de personalidade com o seu namorado, como a amiga (cf. excerto 9).

Após a primeira micronarrativa da aluna, eu procuro fazer uma reformulação de seu discurso, nas linhas 11-13, em que crio uma possível resolução para acabar a briga com o namorado (a conversa). Segundo Antos (1982, *apud* Fávero 1998):

> Ao produzir um enunciado, o locutor realiza uma atividade intencional, formular um texto não é só planejá-lo, mas também realizá-lo. Isto é, formular é efetivar atividades que estruturam e organizam os enunciados de um texto e o esforço que o locutor faz para produzi-los se manifesta por traços que deixa em seu discurso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Desse modo, a minha reformulação trata-se de uma marca, um traço, um esforço para que o texto, de forma mútua, seja bem compreendido. Ao caminhar da narrativa, mais especificamente para o fim de nossa interação, a estudante constrói a posição de assujeitamento do parceiro, através da construção binária de causa/efeito (Linde, 1993). Minimizando o ato vingativo do namorado, e, consequentemente, sua agência (linhas 16- 17). O fato de " ter que revidar" à ofensa física é construída por Alice como um ato automático, sem o controle agentivo do namorado, de modo a elaborar a coda avaliativa de sua narrativa e salvar a face do namorado, construindo a ideia de que o parceiro é assujeitado em suas ações.

5.3 Previsões Astrológicas

11. Vida Profissional

Nomeamos esta seção por "previsões astrológicas", por percebermos que os excertos que o integram se tratam do uso da astrologia como um oráculo, capaz de prever os acontecimentos futuros. Este é um fato interessante, já que recorrentemente quando os entrevistados não estão citando relacionamentos, estão construindo discursos capazes de prever o futuro. O excerto 11, selecionado abaixo, faz parte de uma entrevista não marcada, realizada em junho de 2017 no IAG (Instituto de Administração e Gestão- PUC- Rio).

Bruna fazia parte de um grupo de amigos que conversavam sobre astrologia na sala de estudos do IAG, interação relativa à mesma entrevista do excerto 7. Contudo, agora, a estudante aborda o assunto da previsão astrológica. Como todos os seus colegas, após o convite para a participação da pesquisa, Bruna aceitou de bom grado fazer parte da entrevista.

Escolhi este excerto para análise, porque trata-se de uma exceção aos temas mais requisitados: traços de personalidade e relacionamentos amorosos. Diferentemente dos casos mais prototípicos, a aluna me relatava conhecer a astrologia através de uma amiga e usá-la para compreender oportunidades profissionais. Em um momento específico de sua vida, a estudante realizou uma viagem e a amiga afirmou que (segundo a lua) Bruna estaria em uma fase boa para

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

seu desenvolvimento profissional. Vamos à micronarrativa abaixo, onde observamos alguns movimentos discursivos estudados por Labov (1972). E a apresentação de uma micronarrativa construída, através de uma sequência mínima de ações discursivas (viagem e previsão da amiga).

Excerto 11. "Arrumei um emprego, um boy" (15'50'')

1	Milena	qual é seu ↑signo?
2	Bruna	é (.) P:eixes, PEIXES
3	Milena	↑peixes, huhum
4 5 6 7	Bruna	e o meu ascendente é Leão (.) aí ela falou assim...tá completamente °a lua° é está muito boa para ↑você arrumar um emprego (.) pra oportunidades >e relacionamentos<
8	Milena	isso ela...
9 10	Bruna	[aí ela falou um monte] de coisas e eu não ti:nha contado nada pra ela do que tinha ACONTECIDO
11	Milena	↑caramba
12 13 14	Bruna	e quando eu vi (.) TUDO tinha acontecido (.) eu arrumei um <u>emprego</u> (.) arrumei um boy hh, aí eu voltei já pra cá acreditando

Encontramos acima uma narrativa não canônica, com apenas alguns componentes propostos por Labov (1972). Nas linhas 4-7, Bruna apresenta uma sequência de ações narrativas ("falou; está") com o objetivo de comprovar o seu ponto: as previsões da amiga se confirmaram. As ações narrativas apresentadas pela entrevistada continuam entre as linhas 9-10 (orientação), para encaminhar para a resolução nas linhas 12-14 ("vi; tudo tinha acontecido; arrumei; voltei").

Apesar da estudante não valorizar o tema relacionamento, como o mais importante em se tratando de astrologia, este ainda aparece em seu discurso (linha 7). Podemos encontrar novamente nesta passagem a relação de causa/efeito, estudada por Linde (1993), de maneira que a aluna elabora a lógica de que a causa do sucesso de seu emprego/relacionamento é justificado pela posição lunar, previsto pela amiga. A coda avaliativa se dá nas linhas 13-14, em que Bruna confirma sua crença no sistema de coerência, devido ao sucesso das previsões ("aí eu já voltei para cá acreditando").

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

12. Mapa Astral

Esta entrevista foi realizada em maio de 2017 no bosque da PUC- Rio. A entrevistada foi indicada para participar da investigação por outra estudante, também participante desta pesquisa. Tamires, 23 anos, era recém-formada no curso de Letras, quando esta interação foi realizada. Observamos abaixo uma narrativa aos moldes labovianos, em que encontramos os componentes descritos por Labov (1972). E o trabalho da estudante em descrever uma trajetória narrativa que exemplifica a sua crença em mapas astrais. Vamos aos dados.

Excerto 12. "Gente, tem alguma coisa nesse mapa" (54'54'')

1 2 3 4 5	Tamires	mas ↑mapa astral me impressiona...diz sobre você. Eu sou a furtada. Da última vez que eu fui para o Peru, >roubaram o meu *ipod*< acho (.)que marcou como minha sétima, oitava vez, aí eu fiquei chorando
6	Milena	↑nossa
7 8 9	Tamires	é, aí depois que ele falou isso (.)que já mostrava no meu mapa, eu comecei a prestar mais atenção e ser mais cuidadosa sabe? Com as minhas coisas
10 11 12	Tamires	ele viu no mapa >ele viu no mapa essas coisas< não tradicionais, até com uma astróloga que mo:ra em Santa Teresa.
13	Milena	°huhum°
14 15	Tamires	aí depois que ele falou i:sso eu pensei "gente tem alguma coisa nesse mapa" porque ele fala e acontece
16	Milena	assujeitado mesmo né?

O início deste tópico em nossa conversa: mapa astral, ocorreu porque a entrevistada falava sobre o especial interesse de seu pai em consultar uma astróloga do bairro Santa Teresa (RJ), com o objetivo de apresentar/prever características da personalidade de cada filho. A primeira micronarrativa acontece nas linhas 1-5 em que Tamires apresenta a ação complicadora de sua história: os roubos contínuos em sua vida ("eu fui; roubaram; marcou; fiquei"). A segunda, encontra-se nas linhas 10-12, em que a estudante apresenta a orientação de sua narrativa ("Ele viu; mora em Santa Teresa").

A terceira, por fim, desenvolve-se nas linhas 14-15, em que a entrevistada apresenta a resolução de sua narrativa: a confirmação das previsões da astróloga, repassada pelo seu pai. A relação que constrói para esta questão baseia-se na relação binária de causa/efeito que a assujeita ao mapa natal, a partir de uma previsão negativa. O seu infortúnio (efeito) seria justificado pela posição infeliz de sua carta

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

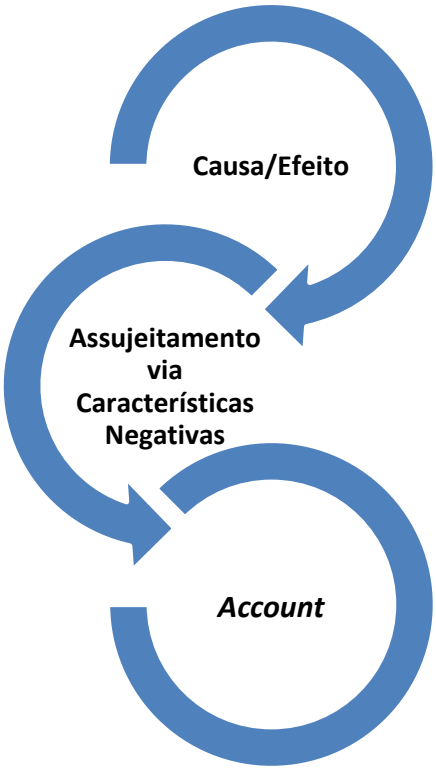
natal (linhas 10-12). Finaliza sua narrativa em uma coda avaliativa, que reafirma sua confiança na previsão astrológica (linha 15: “ele fala e acontece”).

5.4 Conclusões Parciais da Análise

Os dados desta pesquisa apontam para o uso da astrologia como um meio produtivo para descrição de traços de personalidades e relacionamentos amorosos, a partir da contação de histórias vida (Linde, 1993). De forma mais específica, os alunos utilizam-se da astrologia como uma estratégia para minorar a agência de si/outrem (Block, 2012), ao criarem uma relação de causa/efeito (Linde,1993) no discurso, partindo-se, prioritariamente, de características negativas, nas três seções analisadas: traços de personalidade, relacionamentos amorosos e previsões astrológicas. Apenas o modo como esta relação é feita que varia, a depender da intenção do narrador. A narrativa construída prototipicamente pelos estudantes aproxima-se da relação causa/efeito proposta por Linde (1993) e de um grande *account* social que salva a face dos narradores. A seguir, apresento um esquema para ilustrar como se caracterizam os discursos dos estudantes na análise desta dissertação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

A construção narrativa de histórias de vida via [2]Astrologia



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

[2] Este gráfico corresponde à estrutura das narrativas analisadas nesta dissertação. E não à construção narrativa de todas as construções de histórias de vida via astrologia.

6
Considerações finais

‘‘Para vermos o azul, olhamos para o céu. A Terra é azul para quem a olha do céu. Azul será uma cor em si, ou uma questão de distância? Ou uma questão de grande nostalgia? O inalcançável é sempre azul. ’’
Clarice Lispector

6.1 O caminho realizado: experiências e surpresas

Chegamos ao último capítulo desta dissertação, em que procurei discutir o sistema de coerência da astrologia com alunos da PUC- Rio, entre os anos de 2016 e 2017, anos correntes do mestrado. Gostaria de apresentar primeiramente as minhas experiências pessoais neste trajeto. A astrologia foi um tema de especial interesse para esta autora, em um momento particularmente difícil da minha história de vida, em que eu encontrei em suas mãos seguras, capazes de dar sentido e explicação para tudo, um sentido para mim mesma.

Hoje, a observo com outras lentes de análise e de outras formas. Como não poderia deixar de ser, também mudei neste percurso. As histórias de vida que ouvi durante estes dois anos me marcaram de modo profundo, pois conversavam com a minha própria história de vida e com a própria construção que fazia de mim mesma.

Quando ingressei no mestrado, como já apresentado anteriormente, percebi que a astrologia era um tema popular também no ambiente acadêmico. Assim, surgiu o interesse para esta investigação, com o foco na construção de identidade, tema desenvolvido pelo meu grupo de pesquisa. A partir desse momento, comecei a organizar entrevistas-piloto, com o objetivo de entender quais eram os temas principais desenvolvidos pelos alunos e se haveria alguma repetição em seus discursos.

Foi um processo de muito trabalho, muito estudo. Mas, acima de tudo, de surpresas inesperadas, agradáveis e confortantes. Cheguei a um momento do mestrado em que eu não mais procurava alunos para entrevistar, eles que me procuravam, queriam conversar, contar as suas experiências. Ainda, num momento posterior da pesquisa, final de 2017, fase em que eu já tinha conversado com muitas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

pessoas sobre o tema, recebia pedidos de conselhos sobre relacionamentos amorosos e casos de compatibilidade de signos.

Nessas histórias não gravadas, fiz amigos, ouvi assuntos tão íntimos de pessoas com quem há pouco, eu sequer falava. Os alunos transitavam, como pudemos observar na análise, bem sobre os temas da astrologia, no sentido de que o compartilhamento de esquemas de conhecimento (Tannen e Wallat, 1987) entre mim e os entrevistados facilitavam sobremaneira a construção da entrevista.

Ainda, para as histórias gravadas, encontrei esta facilidade em chegar nas histórias de vida das pessoas, sem pedir muita licença. "*Você aceita que esses dados sejam gravados*? "; "*Sim*". E a entrevista rendia 50 a 60 minutos. Contei esta narrativa para chegar ao ponto de como um sistema de crenças como este tem a capacidade de engajar as pessoas a falarem de suas histórias de vida, sem um apelo sério sobre "*fale sobre sua vida, sobre sua identidade*".

É capaz de forma muito singular de incentivar seus adeptos a construírem narrativas sobre si mesmo e sobre os outros. Esta facilidade de recrutamento atribuo ao próprio tema, seu caráter popular, capaz de colocar ordem em um mundo sem regras (Bauman, 2005).

Dada esta pequena narrativa, recapitulo agora o modo que esta dissertação foi organizada. No capítulo 1, de introdução, o objetivo foi apresentar o tema de pesquisa. Para tal, apresentamos de forma sucinta os principais pesquisadores que já se debruçaram sobre o tema, as páginas mais citadas pelos entrevistados, objetivos e perguntas de pesquisa. No capítulo 2, contextualização, esta primeira introdução se ampliou: apresentação dos principais trabalhos que conversaram com este estudo e a história da astrologia pelo mundo.

No capítulo 3, apresentamos a metodologia, descrevendo a natureza deste estudo, os objetivos/objeto de análise, as contribuições do trabalho e os materiais utilizados. No capítulo 4, teórico, de modo a preparar o leitor para a análise, demonstramos de forma mais específica as teorias dessa investigação.

Já no capítulo 5 abordamos a análise, coração desta pesquisa, de modo a aplicar a teoria discutida no capítulo anterior, demonstrando as recorrências discursivas. Por fim, neste capítulo 6, objetivo retomar o que foi dito ao longo do trabalho, de modo a reforçar nossos resultados. Também me proponho revisitar as perguntas apresentadas na introdução e respondê-las de modo estruturado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

6.2 Perguntas de Pesquisa

(i) Como a astrologia atua em elaborações de histórias de vida;

(ii) Que aspectos da identidade os sujeitos tornam relevantes a partir do discurso astrológico;

(iii) Como os sujeitos se performam em seus discursos: assujeitados ou agentivos.

A estrutura discursiva presente na construção de histórias de vida desta dissertação confirma/reforça a *relação binária* estudada por Linde (1993) de causa/efeito. As narrativas são construídas pelos estudantes de maneira a relacionar uma dada característica negativa, marcada como a causa para um dado comportamento social. Majoritariamente foram citadas *características negativas* sobre os signos, de maneira a construir essa relação binária.

Por exemplo, a causa para a falta de paciência é justificada pelo efeito: ser ariano, repetindo, dessa forma, o discurso popular mais prototipicamente conhecido sobre a astrologia e retirando a responsabilidade do narrador (Block, 2012). Isso significa que quando o entrevistado tem um turno de fala para descrever-se, ele escolhe utilizar seu tempo para defender-se a refirmasse.

Resultado que se mostrou contrário à minha inicial expectativa de que os entrevistados fossem se engajar em construir histórias que enfatizassem os pontos positivos de suas personalidades. Retomo Linde (1993) a considerar que, quando construímos nossas histórias de vida, precisamos enfatizar pontos positivos de nossa personalidade. Contudo, com o devido cuidado de não sermos julgados como enfadonhos, prepotentes ou vaidosos.

Para De Fina (2009), esta estratégia discursiva é denominada como um *account*, já que precisamos nos retratar socialmente para uma dada característica negativa. Assim, entendo a estratégia dos entrevistados de apresentarem características negativas de suas personalidades como um recurso viável para salvarem suas faces, sem parecerem auto bajuladores. A culpa para um determinado defeito (ser teimoso, comilão, agressivo, bipolar, etc.) não é do narrador e sim de um sistema de crenças exterior que os aprisiona àquele comportamento e do qual não possuem controle. Assim, são julgados como inocentes na vida social.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Além disso, interpreto que a partir desta estratégia que chamo de *defesa da imagem pessoal via características negativas* (apresentação de defeitos), podemos parear, também, uma construção de defesa de face positiva. Ainda que de forma indireta, não dada no discurso. Quando o entrevistado afirma ser metódico por ser virginiano, há neste mesmo discurso a possibilidade de inferirmos uma *qualidade do falante*: a de ser organizado, confiável, pragmático, não ditos na narrativa (é a mesma força em polos opostos: defeitos e qualidades).

O mesmo posso *interpretar* quando o meu entrevistado se diz "muito sentimental" por ser canceriano. Há aí uma crítica de tom negativo a si, mas também há neste mesmo posicionamento a força de ser sensível, intuitivo, poético, etc, muito bem avaliados socialmente. Entendo que recorrentemente, em nossas entrevistas, por detrás de uma característica negativa apresentada no discurso, há pontos positivos (defesa de face). Com frequência, não ditos no discurso, mas inferidos pelo interlocutor. Interpreto tratar-se de uma estratégia habilidosa de defesa de face utilizada, com alta recorrência, pelos estudantes.

Para a construção de histórias de vida, pode-se categorizar que o tema *personalidade e relacionamentos* marcaram-se como os mais citados. As entrevistas-base de análise para esta dissertação, de forma geral, eram longas, de maneira que os alunos elaboravam vários assuntos, como trabalho, sonhos, medos, família, etc. Contudo, ao construírem narrativas, debruçavam-se em particular sobre o tema: *relacionamentos (traços de personalidade e relacionamentos amorosos).*

Os excertos de análise caracterizaram-se, em especial, pela elaboração de micronarrativas, que contribuíam a partir de pequenos excertos para a criação da relação binária proposta por Linde (1993). Interessante reforçar que em relação às histórias que versavam sobre traços de personalidade as micronarrativas mostraram-se preponderantes.

Em oposição, na construção de um discurso que apresentava como tema principal os relacionamentos amorosos, as narrativas desenhavam-se de maneira mais canônica, com os movimentos discursivos, propostos por Labov (1972). Este resultado aponta para um recurso que Tannen (2007) já demonstrou ser recorrente discursivamente: a elaboração de uma narrativa com alto teor emocional mantém a atenção do ouvinte, sendo altamente reportável. Característica que se reforça nas narrativas amorosas analisadas nesta dissertação, em que os alunos se alongam em esmiuçar suas histórias românticas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Ainda, em relação à construção do discurso, destaco que os dados desta pesquisa apontam para a construção de uma história essencialista sobre si mesmo (Block, 2012) e sobre os outros. Como observamos no capítulo teórico (capítulo 4), é através dos meios discursivos que os contadores de histórias contestam, criam, mostram-se e revelam suas identidades (Bastos, 2005). Da mesma forma, De Fina (2009) discute que as identidades são alcançadas, não dadas. Assim, os narradores precisariam, de forma contínua, preservar, manter e reportar as características que reclamam para si.

Contudo, no discurso de construção identitária via astrologia, as identidades são construídas pelos estudantes de modo passível, previsível e dado. Não há um esforço para alcançá-las, já que os estudantes se mostram assujeitados, em suas narrativas a um sistema maior e externo, afastado de seu controle. Pela via de características negativas, a estratégia de causa/efeito (Linde, 1993) é reforçada de diferentes maneiras em nossos dados, aparecendo nos três temas de análise estudados (traços de personalidade, relacionamentos amorosos e previsões astrológicas). Observamos como exceção nesta análise o discurso do entrevistado Marcos no excerto 2. Em que o estudante se desalinha à astrologia por um momento. Para em seguida alinhar-se ao tema, construindo o mesmo discurso nos moldes dos demais entrevistados, assujeitado e preditivo.

No que se refere aos traços de personalidade, os estudantes constroem, com alta recorrência, a relação binária proposta por Linde (1993), através de uma dada característica negativa, elaborada de forma a retirar a responsabilidade do narrador perante seus defeitos, os transferindo para conta da astrologia. O aluno é assujeitado. Em relação aos relacionamentos amorosos, o assujeitamento também se dá, mas com outras funções discursivas:

(i) a construção de um discurso essencialista protege a face do narrador, colocando a culpa do fracasso do relacionamento em seu parceiro (ex.“namorado bipolar”);

(ii) maximização de uma característica negativa do parceiro com o objetivo de repreendê-lo, em tom de crítica (“mas ele ariano né, adora uma briga”);

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

(iii) minimização de uma característica essencialista negativa do parceiro, com o objetivo de demonstrar que, apesar dos defeitos, a relação vale a pena ("ele é escorpiano e vingativo, mas nem percebe").

6.3 Últimas Palavras

Como considerações finais desta dissertação, observei que a astrologia foi utilizada recorrentemente pelos estudantes desta pesquisa para categorizarem de maneira *assujeitada* diversos aspectos de suas histórias de vida, seja para traços de personalidade, relacionamentos amorosos ou previsões astrológicas. De forma a repetirem no discurso o sistema binário estudado por Linde (1993), com especial atenção para aspectos negativos de suas personalidades. Tal estratégia também é amplamente repetida em páginas populares do *Facebook*, blogs e páginas ligados ao público jovem deste estudo. Em que se reforça, pelos *memes* aspectos negativos da personalidade de cada signo, para causar humor no internauta interlocutor. A narrativa criada pelos estudantes via astrologia é construída através de um grande *account* narrativo, especificamente para as características negativas apresentadas.

Os alunos dessa investigação seguem, então, de maneira recorrente, a lógica popular preditiva sobre o sistema astrológico, de maneira que se poderia, no discurso, apresentar respostas para amplas indagações construídas socialmente. Deseja saber sobre relacionamentos? Posição de Vênus. Comunicação? Posição de Mercúrio. Maneira de se expressar no mundo? Ascendente. Sua habilidade profissional? Meio do céu. E assim por diante. De maneira a apresentar uma posição passiva, previsível, esperada para os comportamentos, habilidades e dificuldades que iremos enfrentar ao longo da vida através de uma única pergunta "*Qual o seu signo?* ". Ou melhor, duas: "*Sabe que horas você nasceu, assim, só por curiosidade".*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

7
Referências bibliográficas

ASAD, Talal. **Agency and pain: an exploration**. Culture and Religion: An Interdisciplinary Journal. vol.1, n.1, p.29-60, 2000.

AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução: Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAMBERG, M.; GEORGAKOUPOULOU, A. **Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis**. **Text & Talk**, v. 28, n. 3, 2008.

BASTOS, L.C. **Narrativa e vida cotidiana**. Revista Scripta, v. 7, n. 14, 1º sem. 2004.

BASTOS, Liliana Cabral e MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Estudos de Identidade: entre saberes e práticas.** Rio de Janeiro: Garamond/Faperj, 2005.

BASTOS, Liliana Cabral. **Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa.** Calidoscópio, v. 3, n. 2, p. 74-87, maio/ago., 2005.

BASTOS, Liliana Cabral. **Diante do sofrimento do outro - narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho**. *Calidoscópio* (UNISINOS), v. 6, p. 76-85, 2008.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. D.E.L.T.A, vol. 31, especial, p.97-126, 2015.

BAUMAN, Z. **Identidade** – entrevista a Benedetto Vechhi: Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

BAUMANN, Richard; BRIGGS, Charles. **Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social*. Ilha Revista de Antropologia,** Florianópolis, v. 8, n. 1,2, p. 185-229, jan. 2006.

BIAR, L.A. **Demarcando território? Situando a Linguística Aplicada indisciplinar**. Linguagem em (re) vista, ano 6, n. 10, 2009.

BIAR, L.A. **"Realmente as autoridades veio a me transformar nisso": Narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio**. Tese de doutorado. PUC-Rio, 2012.

BIAR, L. **Desvio e estigma: caminhos para a análise discursiva**. In: Revista Caleidoscópio, 2015

BIAR, L **A neutralização do estigma em narrativas de entrada para o tráfico: adesão e resistência a estereótipos de feminilidade.** Revista Brasileira de Iniciação Científica. V.3, PUC- Rio, 2016.

BLOCK, D. Unpicking agency in sociolinguistic research with migrants. IN: GARDNER, Sheena & MARTIN JONES, Marilyn. **Multilingualism, Discourse and Ethonography***.* New York/ London: Routledge, 2012, p.47-59

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, [1990] 1997.

CORDEIRO, Danúbia Barros. **Traços de Permanência e vestígios de mudança no gênero horóscopo: uma análise imagética- discursiva.** Tese de doutorado, UFPB, 2013.

COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. **O sistema astrológico como modelo narrativo**/Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2005

CRESWELL, J. ***Research questions and hypotheses*.** In: Cresswell, J. Qualitative, quantitative and mixed methods approaches. Thousand Oaks: Sage, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

DE FINA, A. **Identity in Narrative. A study of immigrant discourse.** Amsterdam: John Benjamins, 2003.

DE FINA, A. **Narratives in interview: the case of accounts**. **Narrative inquiry, v.** 19, n. 2, 2009.

DEL CORONA, M.; OSTERMANN, A. N. **"Eu não aguento mais! ": a produção de *accounts* narrativos nas ligações para o serviço de emergência da Brigada Militar (190)** In: **Calidoscópio**, v. 11, n. 2, 2013.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006.

DURANTI, A. Agency in Language. In: DURANTI, A. (org). **A Companion to Linguistic Anthropology.** Malden, Mass: Blackwell, 2004.

FABRÍCIO, B.F. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem": Redescrições em curso. In Moita Lopes, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editora, 2006.

FABRÍCIO, B.F.; BASTOS, L.C. **Narrativas e identidade de grupo: a memória como garantia do "nós" perante o outro**. In: PEREIRA, M.G. D.; BASTOS, C. R, Rio de Janeiro: Garamond, 2009, v, p. 39-66.2009.

GAGO.C. P. **Questões de transcrição em análise da conversa**. Veredas, Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, v. 6, n.2, 2002

GARCEZ, Pedro de Moraes; BULLA, Gabriel da S.; LODER, Letícia L. L. **Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos.** Revista D.E.L.T.A, p.257-288, 2014.

GARCEZ, Pedro M. **Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana**. In: RIBEIRO, Branca Telles et al. Narrativa, identidade e clínica. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA, 2001. p. 189-213.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

GASTALDO, E. **Goffman e as relações de poder na vida cotidiana.** RBCS, vol 23, n.68. outubro, 2008.

GEORGAKOPOULOU, A. **Narrative.** In: Handbook of pragmatics. VERSCHUEREN, Jef. et AL (eds). Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins, 1997

GOFFMAN, E. **A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social**. In: FIGUEIRA, S. (Org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10ªed. Petrópolis: Vozes, [1959] 2002.

GOFFMAN. E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**, tradução de Fábio Rodrigues da Silva. Petrópolis, Vozes, [1967], 2011.

GOFFMAN, E. **A situação negligenciada**. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. (Orgs.). Sociolinguística interacional. São Paulo: Edições Loyola, [1964] 2013.

GOFFMAN, E. **Footing**. In: RIBEIRO, B.T. e GARCEZ, P.M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, [1979] 2013.

HALL, Stuart. **Questions of Cultural Identity**, Sage Publications, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós- Modernidade**, Editora Lamparina, 2014.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LABOV, W.; WALETSKY, J. Narrative Analysis oral versions of personal experience. In: HELM, June. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. 1ª ed. Seattle: University of Washington Press.1967, p. 12-44.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: **Language in the inner city.** Philadelphia, University of Pennylvania Press, 1972 p. 354-392.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LABOV, W. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LINDE, Charlotte. **Life stories. The creation of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

MACHADO, Cristina Amorim. **A falência dos modelos normativos de filosofia da ciência- a astrologia como um estudo de caso**. PUC- Rio. Dissertação de Mestrado. Departamento de Filosofia, 2006.

MISHLER, E.G. **Research interviewing: context and narrative**. Massachusetts, Harvard University Press, 1986, 189p.

MISHLER, E. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: BASTOS, Liliana C.; MOITA LOPES, L.P. **Identidades: recortes multi e interdisciplinares.** Campinas: mercado das letras, 2002.

MOITA LOPES, L.P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, LIMA E LOPES DANTAS (orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica.** Rio de Janeiro: IPUB, 2001.

MOITA LOPES, L.P. **Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos.** *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159-171, 2004.

MOITA LOPES, L.P. Linguística aplicada e vida contemporânea: Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In Moita Lopes, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

MONTEIRO, J.L. Para compreender Labov, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOTTA ROTH**,** D. **Artigo Acadêmico: Introdução e Artigo Acadêmico: Metodologia.** In: Motta-Roth, D.; Hendges, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MOURA, L. G. Somos uma comunidade de prática? Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, 2009.

PARKER, D. PARKER. **O Grande livro da Astrologia**. Círculo do Livro, São Paulo, 1982, p.106-122

RIBEIRO, Branca Telles; PEREIRA, Maria das Graças Dias. **A noção de contexto na análise do discurso***.* Revista Veredas. v.6, n.2, Juiz de Fora, p.49-67, 2002.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M (Orgs). **Sociolinguística Interacional**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

RIESSMAN, C. **Narrative Analysis**. Qualitative Research Methods Series, No. 30. Newbury Park, CA, Sage, 1993.

RIESSMAN, C.K. **Narrative Methods for the Human Sciences.** Los Angeles: Sage Publications, 2008.

RODRIGUES, P. R. G. **Astrologia e personalidade: o efeito do conhecimento das características do signo solar em variáveis medidas pelo 16 PF**. Tese de doutorado- USP - São Paulo: s.n., 2004, 160p.

RONAN, C. A. **História Ilustrada da Ciência: das origens à Grécia**, Zahar, 1987.

SACKS, Harvey. On doing “being ordinary”. In: ATKINSON; J. Maxwell; HERITAGE, John (Org.). **Structures of social action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

SANTOS. Thacio Ferreira dos. **As dimensões imaginárias da Astrologia**. Recife: Departamento de Antropologia e Museologia. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Dissertação de Mestrado, 2012.

SANTOS, Alexandre Florencio dos. “Eu era empregado, agora sou patrão”: análise narrativa de testemunho alinhados à Teologia da Prosperidade/Alexandre Florencio dos Santos, 2016

SCHIFFRIN, Deborah. **Functions of and in discourse**. Journal of Pragmatics. V.10, p. 41-66, 1986.

SOUZA, J.; OSTERMAN, A.C. **Por que se explicar? A normalidade construída por meio da linguagem consultório oncológico.** Gragoatá, Niterói, n. 40, p. 399-422, 1. sem. 2016.

TANNEN, Deborah. **Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse.** New York: Cambridge University Press, 2007.

VELHO, G. **Observando o familiar.** In: Nunes, E. A. Aventura Sociológica. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. **Indivíduo e religião na cultura brasileira: sistema cognitivo e sistema de crença**. Novos Estudos n° 31, 1991.

VILHENA, Luís Rodolfo, Ensaios de Antropologia, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997 – **O Mundo da Astrologia**, Zahar, Rio de Janeiro, 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

ANEXO 1

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

Tempo

...	pausa não medida
(.)	pausa menos de 2 décimos de segundo

Aspectos da fala

.	entonação descendente
?	entonação ascendente
,	entonação intermediária, de continuidade
-	parada súbita
Sublinhado	ênfase em som
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[ ]	fala sobreposta

Formatação, comentários, dúvidas

( )	fala não compreendida
(( ))	comentário da analista

Outros

“palavras”	fala relatada

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

ANEXO 2

Continuação das transcrições parciais das entrevistas

Excerto 1: "Não sei se foi uma boa me entrevistar" (46'22'')

1	Milena	começou a gravação, você...
2 3	Vinicius	é, é: importante falar >já que vamos falar de Astrologia< que eu tenho Mercúrio em Câncer
4	Milena	é mesmo? (.) já tá da:ndo um dado ((risos))
5 6 7 8	Vinicius	exatamente, só para deixar bem claro, eu sou canceriano com mercúrio em Câncer é: a astróloga falou "ih, caramba" (.) então eu não sei se foi uma boa fazer entrevista comigo
9 10 11	Milena	tá certo ((risos)) é: bem você aceita que esses dados sejam gravados a nível de análise (.) na pesquisa?
12	Vinicius	°aceito°
13 14 15	Milena	bem (.)já puxando o gancho que você falou que tem o Mercúrio em Câncer, o que você acha que isso muda na sua vida, na sua personalidade?
16 17 18 19 20 21 22	Vinicius	a minha relação com a astrologia eu diria que ela foi muito (.) ela foi muito presente digamos (.) eu sempre desde pequeno, eu sempre fui muito encantado por mitologia e desde pequeno eu lembro de ser muito encantado (.) não lembro nem aonde eu comecei a ver mas tinha aquele desenho cavaleiros do zodíaco
23	Milena	huhum
24 25 26 27	Vinicius	eu não via (.) mas eu comecei a me interessar quando eu vi que tinha uma parada com mitologia é: agora eu não sei se tem astrologia também (.) o problema é que eu comprei um livro giga:nte
28	Milena	é é: mas tem os signos, tem o to:uro
29	Vinicius	é (.) tem uma relação com astrologia
30	Milena	é(.) tem o touro, tem capricórnio
31 32 33 34 35 36	Vinicius	então sempre eu tive essa relação com a mi:tologia (.) eu comecei a ver o desenho, que eu não consigo fazer nada desse jeito <ficar vendo a mesma coisa durante muito tempo> mas eu tinha esse livro gigante que explicava (.) uma explicação dos mitos, depois eu vi que [estavam muito errados
37	Milena	[legal
38 39 40 41 42 43 44 45	Vinicius	é foi até por uma amiga que é mais MÍSTICA ((risos)) digamos, ela gosta mais disso, aí ela começou a estudar e: de uns anos para cá, aí eu comecei a me interessar também e ela começou a se interessar pela Cláudia Lisboa, que aqui no Rio de Janeiro pelo menos ela é a bambambam de astrologia, depois eu comprei (.) aí eu fui me interessando e lendo
46 47	Milena	e quando começou isso (.) Vinicius? Em que tempo você pode falar mais ou menos?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

48 49 50	Vinicius	deve ser uns quatro anos para cá (.) mas ela sempre foi interessada, mas esse livro eu acho que lançou em 2012
51	Milena	foi onde o lançamento?
52	Vinicius	travessa do Leblon
53 54	Milena	ah legal (.) mas você disse que se interessava pelo tema desde pequeno?
55 56 57 58 59	Vinicius	sim (.) ligado à parada da MITOLOGIA, da simbologia (.) desde pequeno eu gostava (.)aí depois de maior eu comecei a pesquisar um pouco mais e entrei na faculdade em Letras e tem Letras Clássicas
60	Milena	ah (.) sim
61 62	Vinicius	e eu comecei a fazer várias matérias de mitologia (.) acho que eu estou dando muita volta
63 64	Milena	não, não, você tá respondendo (.)contando histórias sobre
65	Vinicius	é (.) exatamente

Excerto 2.: "Eis Você" (34'18'')

1	Milena	e por que será que ficou tão popular? (.) a Astrologia
2 3 4 5 6	Marcos	cara (.)acho que é a nossa realidade, essa coisa tão partida, líquida, <nos termos do Bauman> likes, whatsapp...acho que qualquer co:isa que nos ofereça mesmo que em propaganda essa coisa de "ah, eis você" sabe? É muito sedutor isso
7	Milena	qualquer coisa que mostre
8	Marcos	qualquer coisa, qualquer coisa
9 10 11 12 13 14	Milena	você não é tão fragmentado assim né? Você tem uma essência (.) qualquer coisa, >qualquer coisa que te busque uma essenciali(.)uma forma de essencializar quem você é, ou apresentar quem você é: esse sujeito não tão fragmentado, acho que é minha suposição também (.) >é tentador né?<
15	Marcos	huhum, muito muito tentador é
16 17 18 19 20 21 22	Milena	e as pessoas querem se alinhar entender (.) não sei são suposições que tento levantar, talvez, eu acho que é uma ciência milenar, eu acho que é (.) eu acho não, é uma ciência milenar, só que perdeu o status de ciência, eu acho que pela, pela <a internet> ajuda a divulgar mui:to isso, não sei, o que você acha?
23 24 25 26	Marcos	é é: eu acho que é MAIS (.) se tivesse que resumir, ou apontar causas (.) eu diria que é um certo esvaziamento social (.) um esvaziamento espiritual também
27	Milena	huhum, tá vendo, entrevistando um psicólogo hh
28 29 30 31 32 33	Marcos	e: eu critico muito o uso da astrologia como produto assim (.) naquele termo que te disse "Eis você, eis aqui sua personalidade (.) enfim esse esboço de algo que a gente nem sabe muito bem o que é (.) agora, porque ficou famoso? (.) acho que isso mesmo, esse abismo, um pouco existencial que a gente vive
34	Milena	huhum
35	Marcos	esse vazio também, um vazio

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

36 37	Milena	claro, claro, também acho (.) bem, assim, você falou que sabe seu signo né?
38	Marcos	[°Huhum°]
39	Milena	que é ...
40	Marcos	peixes com ascendente em Câncer
41	Milena	ascendente em Câncer?
42	Marcos	muita água né?
43 44	Milena	muita água... com ascendente em Câncer e lua em Touro
45	Marcos	[lua em Touro, é]
46 47	Milena	bem recolhido você né (.) ou não assim, bem na sua que eu estou falando
48	Marcos	sim, sim, sim, sim
49 50	Milena	bem assim uma pessoa mais RECOLHIDA, já interpretando tá? Pode ser viagem minha...
51 52 53 54 55	Marcos	sim (.)é...eu me considero uma pessoa introvertida (.) em momentos tensos eu quero me recolher (.) como >um caranguejo mesmo< mas engraçado eu só realmente bem família, mas apesar disso eu escolhi morar só (.) assim
56	Milena	é mesmo?
57 58	Marcos	aí não sei de onde veio esse impulso, eu lembro que tinha meio do céu em áries
59	Milena	é, tem meio do céu
60 61 62 63 64	Marcos	a vida longe da família por exemplo (.) aí eu tenho certos impulsos de ímpeto assim (.) mas geralmente >eu me dou com gente mais introvertida também< pessoas que são mais expansivas, extrovertidas, eu tenho um certo choque inicial
65 66 67	Milena	é (.) te assusta um pouco. Você repara um comportamento de facilidade ou dificuldade com alguns signos?
68 69 70 71 72	Marcos	então, áries, apesar de atrair pessoas desse signo, eu não gosto muito assim, eu acho uma certa animosidade (.) e pessoas de câncer em geral eu relaxo mais (.) o signo do meu pai... o signo da minha mãe é gêmeos senão me engano
73	Milena	e você tem facilidade com os de ar, de água...
74 75 76	Marcos	é (.) eu só conheço bem PEIXES, câncer, eu acho que só... e TOURO E ÁRIES, são pessoas que eu acho bem (.) assim dá para ver na hora

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Excertos 3 e 8: Direito e Artes Cênicas e "Tinha que ser ariano né? " (6'43'')

1 2 3	Milena	então, a nossa pesquisa é sobre mapa <u>astral</u> e:o que o mapa astral, o que o signo influencia na sua vida?
4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14	Leonardo	ah, muito é: eu ado:ro signos eu acho que: para mim faz todo sentido explica muita coisa e: também me ajuda dentro dos meus relacionamentos em tudo na minha vida assim eu- eu me identifico com os signos por exemplo as características do meu signo na minha vida e como eles e como eu me comporto em relação (.) a- a ao que me cerca assim, namo:ro, família, trabalho, isso me influencia muito assim (.) e: é ah (.) por exemplo, antes de eu fazer Direito, eu fazia DIREITO >eu odiava fazer Direito< tinha muita raiva de fazer Direito, mas fazia. E: uma vez eu

15 16 17 18 19 20 21 22 23 24		conversei com uma (.) e eu estava pensando em já ter coragem de fazer o que eu gosto que é Artes Cênicas que eu faço hoje (.)e a tia de uma amiga minha ela é ASTRÓLOGA...e eu na casa dela uma vez conversa:ndo, ela deu uma olhada no meu mapa (.) e ela falou que pela posição de alguns planetas e tal, eu tinha muita tendência a questões ligadas à criatividade, isso me deu forças para fazer artes cênicas, com uma coisa de troca, algo que falasse do ser humano
25	Milena	[ah (.) legal]
26 27 28 29 30 31	Leonardo	e eu reconheci muito isso em mim também (.)então é: o signo também influencia muito direto na minha vida, em tudo assim, já nesse momento foi uma coisa que influenciou na minha vida, numa decisão muito importante e que se OFICIALIZOU na astrologia
32 33	Milena	ótimo, e em relação a relacionamento com as pessoas, o que você acha que influencia?
34 35 36 37 38 39	Leonardo	gente, influencia tudo né? Por exemplo conheço uma pessoa a primeira coisa que eu faço é já jogar na internet (.) ver mapa né? Ver o signo da pessoa, vejo como vai ser na cama, na discussão em todos os lugares... e eu sempre no meu relacionamento eu sempre reconheço em tudo assim
40	Milena	olha...
41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61	Leonardo	por exemplo (.)Semana passada estava chovendo muito, eu estava com meu namorado saindo de uma festa, ele é ariano (.) e a gente chegou...na porta do prédio dele(.)estava chovendo, e o porteiro não estava abrindo não estava reconhecendo ele. E ele foi ficando com ↑raiva tipo começou a sacudir a porta a gente chegou na porta do prédio dele e ele falo para o porteiro "P* tá me reconhecendo não? Sou morador" aí eu escorpião, né? Que adora uma discussão, já falei logo, tipo: "Aí tinha que ser ariano, né? TI:NHA que ser ariano (.) fazendo escândalo, gritando". E ele: "Ah, lógico, a gente estava na chuva, não sei o quê. Eu falei: "Gente, mesmo assim você podia ter se controlado (.) não precisava ter ido lá brigado com o cara. " E ele: "Ah, você sempre escorpião, né? Querendo me- me alfinet:ar" não sei que lá. Aí eu falei(.) "gente, não, pera aí, escorpião é diferente, a gente é tipo mais possess:ivo, cium:ento, dessas coisas (.) não tem nada a ver". Mas, o ariano, não né? O ariano já é nervoso, estourado e tal
62	Milena	↑sério?
63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74	Leonardo	eu falo às vezes até sem pensar e ele pega uma palavrinha do discurso que eu disse, e já arruma confusão, por ser ariano né? E começa a fazer um discurso IMENSO, reclamando do que eu disse, e eu falo "cara, pelo amor de Deus, deixa de ser implicante" sabe? Eu falei sem pensar (.) aí eu falo só assim: "ah tá bom, entendi" porque eu não tenho saco para ariano né? É: em relacionamento muito assim (.) meu ú:ltimo relacionamento eu resgatei uma coisa que tinha acontecido 5 anos atrás que eu terminei com a pessoa... eu sou escorpião é VINGATIVO né?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

75 76	Milena	tá ÓTIMO, Leonardo... é uma forma de você se ver né, se identificar, se relacionar com o mundo
77 78 79 80 81 82 83	Leonardo	sim, eu acho muito INTERESSANTE, eu acho que é muito óbvio assim, eu me reconheci no signo, o signo me faz me reconhecer, é um conforto para mim nesse lugar >saber que sou ciumento, possessivo< e o mapa astral meio que me explicou... e como eu posso trabalhar isso... então, para mim é minha psicóloga
84	Milena	tá ótimo, obrigada Leonardo (.) foi ótimo
85	Leonardo	foi ótimo, foi mara ((risos))

Excerto 4: "E isso me descreve total" (15'48'')

1 2 3	Milena	e você acha que você tem a ver com o seu signo, com a forma como você se descreve, ou não tem nada a ver? (.) Qual que é seu signo?
4	Gaia	é touro...é
5	Milena	o meu também ((risos conjuntos))
6 7	Gaia	então (.) eu >não sei se tem muita a ver< uma coisa que todo mundo fala é que touro é comilão né?
8	Milena	sim ((risos))
9	Gaia	e isso me descreve total
10	Milena	[é?]
11 12 13 14 15	Gaia	eu gosto de comer o dia inteiro (.) assim se me chamar para comer eu tô aceitando, se me chamar sei lá...para ir numa festa talvez eu não aceite, mas para comer com certeza ((risos)) Me levar no Outback, pode me levar
16	Milena	entendi (.) >comer você vai sempre<
16 17 18 19 20	Gaia	isso, tipo, com certeza (.) é porque eu <u>acredito</u> na astrologia, mas assim...as coisas que eu sei de touro é teimosia, eu sou b:em teimosa realmente hh é: e as pessoas também me acham teimosa, tipo meu namorado fica "nossa você é muito teimosa"
21	Milena	huhum
22 23	Gaia	"porque eu falo uma coisa e você fica lá rebatendo" (.) então realmente eu sou muito teimosa
24	Milena	você acha então que bate... e o seu ascendente, sabe?
25 26 27 28	Gaia	sim (.) bate muito e eu já perguntei várias vezes a minha mãe sobre que horas eu nasci (.) mas a minha mãe não sabe, aí eu fico com aquela preguiça, touro né? Meio preguiçoso, preguiça de procurar na certidão
29	Milena	mas você lê sobre ASTROLOGIA?
30 31	Gaia	eu acho que me interesso assim pela moda (.) assim eu acredito, acho que escorpião é realmente sensual
32 33	Milena	e sobre ↑afinidades, tem algum que você tem mais facilidade
34 35 36 37	Gaia	meu namorado é gêmeos, e totalmente bipolar, ele chega em casa feliz da vida e do nada ele muda muito (.) e agora ele começou a perceber, e ele fala, "talvez eu seja bipolar"

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Excerto 5: "Todo arquétipo de piscina" (54'29'')

1	Milena	então (.) você brinca com essa coisa do ariano (10')
2 3 4 5 6 7 8 9 10	Joana	é, mas às vezes (.) eu estou >andando na rua< é: sei lá tem um exemplo (.) que meu irmão >faz muay thai< uma vez eu fui com a minha amiga assistir a aula dele, ele tinha três anos na época (.) aí ele estava na turma das crianças...e tinha uma menina que tinha m:ais ou menos...uns dez anos, ela não estava claramente ali (.) fisicamente ela estava >mas espiritualmente ela não estava ali< e a outra criança ensinando ela como fazer...e a criança super desligada
11	Milena	ela não estava gostando daquilo?
12 13 14	Joana	não, ela estava se divertindo muito, mas ela estava demorando a entender, aí eu até comentei com a minha amiga "é pisciana"
15	Milena	[ah, brincando, ah legal]
16 17 18	Joana	é...ela tinha todo o ARQUÉTIPO de pisciana ((risos)), você vê e fala "ok, essa pessoa é pisciana", baseado no arquétipo
19 20	Milena	[e você]SE identifica...pessoas que você tem mais facilidade?
21 22 23 24 25 26	Joana	hum (.) olha eu conheço poucos TAURINOS, mas os que eu conheço são ótimos, super tranquilos (.) eu percebi que também tenho facilidade com os sagitarianos, apesar do estereótipo né? do arqué:tipo ser uma coisa totalmente diferente (.) de ser mais na dele e sagitariano e tal
27	Milena	é (.) o aventureiro
28 29 30 31 32 33	Joana	é...o aventureiro, eu me dou muito bem com SAGITARIANOS, arianos assim, em geral eu me dou bem (.) acho que vai muito da pessoa né? A criação da pessoa... se a pessoa é mal educada >ela te dá patada< e de graça, mas enfim (.) eu me dou bem como todo mundo
34	Milena	o ariano tem essa coisa da impulsividade né?
35 36 37 38	Joana	exatamente (.) isso o ariano é aquele que vai brigar, mas às vezes brigar é bom, como você falou... um advogado precisa brigar, então (.) por exemplo, vou falar de peixes que é o que eu conheço sendo piscina
39	Milena	haham
40	Joana	a gente tem a fama de ser > chorão< entre aspas né?
41	Milena	[huhum, sentimental]
42 43 44	Joana	é (.) ser muito emotivo, então por exemplo se eu estou discutindo com alguém, realmente eu vou chorar, isso é ruim (.) mas por outro lado isso me garante empatia
45 46	Milena	e você sabe alguma posição dos planetas em seu mapa? Só para gravarmos aqui
47 48 49 50	Joana	sei... Vênus, Mercúrio, Marte, Júpter (.) e minhas amigas contam, por exemplo, nesses sites de date e às vezes as pessoas usam aquela parte de descrição e colocam o SIGNO
51	Milena	é uma forma de identidade mesmo né?
52 53 54	Joana	uma forma de identidade (.) exatamente e também a forma como as pessoas começam a conversar né? Ah tal, taurina,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

55 56		ou sei lá... ariana, um tipo de brincadeira né? então é uma forma de você iniciar uma conversa também

Excerto 6. Lua em Escorpião (51'31'')

1	Milena	você se ↑identifica com seu signo?
2	Roberta	sim (.) Muito
3	Milena	identifica?
4 5 6 7 8 9	Roberta	sim e... é muito engraçado porque eu (.) é acho que >achei explicações< para umas coisas que eu nunca entendi, sabe? Por exemplo eu tenho uma: bem (.) pelo menos é o que a minha amiga me diz que aquário é super livre (.) Sabe? Cabeça aberta (.) eu acho que: e também tem a lua em escorpião
10	Milena	isso influencia né?
11	Roberta	que tem uma intensidade muito GRANDE
12	Milena	lua se relaciona...com as emoções né?
13 14 15 16 17 18	Roberta	e eu nunca entendi porque eu era tã:o intensa, porque (.) eu nunca entendi porque eu ligava para coisa que as pessoas >às vezes< não ligavam e aí.. eu entendi quando eu pesquisei um pouco mais sobre a lua em escorpião (.)que é por causa dessa lua que não é fácil.
19	Milena	entendi
20 21	Roberta	mas eu acho que tem muitas outras coisas, por exemplo ser criada por uma mãe virginiana...
22	Milena	e um pai capricorniano (.) nossa
23 24	Roberta	é...Eu acho que tentaram muito a assim... a minha vida toda cortarem minhas asas sabe?
25	Milena	tentaram
26 27 28 29 30	Roberta	e eu sinto esse meu lado AQUÁRIO quando eu tô meio que comportando de uma maneira que eles esperam de mim sabe? De uma maneira mais certinha e prática (.) e eu me critico, eu fico assim "que saco isso, para de ser assim" só que foi a minha referência né?
31	Milena	claro
32	Roberta	de comportamento, então...
33 34	Milena	então (.) você falou que a astrologia foi um meio de você se encontrar (.) assim
35	Roberta	sim
36	Milena	isso no começo da adolescência?
37 38 39 40 41 42 43 44	Roberta	é foi (.) foi em 2015 que assim eu te falei (.) eu estudei no SANTO INÁCIO a vida toda e aí faltava um ano para eu me formar ... e eu (.) fui reprovada e eu fiquei (.) é... eu tinha uma referência sabe? Um caminho... eu achava que minha vida ia ser de um jeito e de repente não foi mais (.) e aí eu fiquei >o que eu vou fazer da minha vida?< aí eu fui para outra escola, eu cortei o cabelo... fiz um dread
45	Milena	°ah tá°
46	Roberta	e eu tava meio assim
47	Milena	você tava se reinventando né?
48 49 50 51 52	Roberta	isso...Eu tava tentando me achar... porque o santo Inácio, assim (.) eu amo o santo Inácio, conheci todos os meus amigos lá ((cai uma fruta da árvore, na mesa em que estávamos, ocorre uma pequena pausa da entrevista))
53	Milena	nossa que susto... ((risos))

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

54 55	Roberta	eu também ((risos)) Mas assim, acho que estava muito no processo de NEGAÇÃO com a nova escola, sabe?
56	Milena	huhum, ótimo (.) entendi

Excerto 7: Ex bipolar (15'50'')

1	Milena	mas qual ex-namorado que não deu certo,< que signo?>
2 3 4	Bruna	é ↑Gêmeos e o outro era escorpião, aí escorpião (.) é bem difícil, mas gê:meos, acho que foi o pior de todos hh
5	Milena	por que?
6 7 8 9 10	Bruna	de relacioname:nto (.) eu acho que (.) eu acho que... tem muito a ver com ↑bipolarida:de de ser um signo de uma pessoa que muda muito de ideia e >às vezes não transparece o que pensa< para você e era EXATAMENTE isso
11	Milena	é um signo DUPLO né?
12 13 14 15 16 17	Bruna	é, e... nele eu acho que foi muito isso (.) eu acho que pelo fato dele ser muito novo também, pela época muito conturbada para ele (.) de decisões importantes de entrada na faculda:de, amadurecimento, então eu acho que ele estava mais confuso do que nunca nessa época (.) e aí o fato dele ser de gêmeos piorou
18	Milena	piorou ↑ainda
19 20	Bruna	e aí a gente ficou num relacionamento ↑muito ruim por três anos
21 22	Milena	é porque se a pessoa não decidir pode te dar uma angústia né?
23	Bruna	é...
24 25	Milena	não sabe para onde ir e às vezes você vai com ela viajar, °fazer alguma coisa°
26 27 28 29 30 31	Bruna	pois é, foi até assim, a gente combinou uma viagem, ficou muito tempo combinando a viagem, estava SUPEREMPOLGADA (.) a gente fez a viagem...na semana seguinte ele terminou comigo assim para sempre e eu não entendi nada (.) falei "pô, podia ter avisado antes, ia ter economizado uma gra:na né? Hh
32	Milena	já tinha comprado várias coisas né?
33 34 35 36	Bruna	aí eu falei eu não entendi né? falei "você parecia tão feliz no final de semana passado é mas "agora eu não tô mais" aí eu falei "cara, tá bom", aí foi jogar três anos por causa de uma semana?
37	Milena	↑no:ssa, era uma viagem romântica super marcada
38 39	Bruna	pois é... assim (.) chega um momento que eu não estava nem aí mais
40 41	Milena	entendi... e você conseguiu ver essa inconstância em outros geminianos?
42 43	Bruna	sim (.) em colegas...eu já vi isso, mas eu acho que nele foi o maior retrato
44 45 46	Milena	entendi, e sobre sua amiga (.) ela te deu algumas dicas em relação principalmente a que tema... de amor, amizade?
47 48	Bruna	é.. é mais de oportunidades mesmo, ela falava MUITO mais sobre oportunidades em que ela tenta abordar um lado

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

49 50		positivo... então ela fala muito de "ah, esse momento tá muito bom para isso
51	Milena	huhum (.) legal

Excerto 9: "Gente, tem muito Câncer no mapa" (14'57'')

1 2 3 4 5 6	Jéssica	quando eu comecei a namorar (.) antes da gente namorar eu já ↑perguntei o aniversário dele hh aí ele falou o aniversário dele (.) e eu falei..."virginiano, beleza" tá ok, não sou muito organizada mas tudo bem (.) aí um dia (.) eu perguntei tipo a hora que ele nasceu, sei lá alguma coisa
7	Milena	↑MENTIRA...nem começou a namorar ainda
8 9	Jéssica	não, pois é... aí ele falou "Ah você não vai ver meu mapa astral não" aí eu "não que isso, claro que não
10	Milena	imagina...
11 12 13 14 15 16	Jéssica	imagina ((risos)) vendo o mapa astral, aí eu vi o mapa astral e já mandei para TODAS as amigas "gente, tem muito câncer no mapa", ele é mu:ito sentimental e eu sou zero sentimental, mas aí minha amiga falou que câncer é oposto complementar de capricórnio, aí eu falei "ufa"
17 18	Milena	ah legal (.) então amor que as pessoas se interessam mais...
19	Jéssica	é... acho que é amor, todo mundo quer saber
20	Milena	se interessa... é
21 22 23 24 25 26 27 28 29	Jéssica	até uma amiga minha ela foi fazer o mapa astral com uma pessoa especializada e tal (.) pagou até e aí ela falou assim "eu fim o mapa" e eu "ah o que deu?" e ela começou a falar do amor não sei o quê e depois começou a falar de outras coisas... tipo, família (.) eu falei "nossa eu nem tinha pensado em família" Nunca ia pensar em perguntar isso (.) aí sei lá, acho que é o amor mesmo (.) também é a coisa que eu mais vejo as pessoas comentarem
30	Milena	é(.) parece que sim...
31 32 33 34 35	Jéssica	é... é uma coisa até engraçado, porque o signo era uma coisa que até um tempo atrás eu não ligava mesmo, e aí quando eu comecei a ficar com ele eu falei "cara, preciso saber o mapa dele" só porque eu queria saber mesmo
36	Milena	°haham°

Excerto 10: "Isso é muito escorpião" (14'57'')

1 2 3 4 5 6 7 8	Alice	mas cara o meu namorado é escorpião e ele é muito assim, tipo >com bobeira< parece uma criança...tipo assim, sei lá esbarrei em você sem querer, ele vai lá e esbarra de volta hh às vezes eu não entendo eu fico "Paulo, o que é i:sso? aí ele também não fala, mas aí eu também me toco "mano, foi sem querer (.) sabe não tem necessidade de você ficar se vingando" hh, foi sem querer, real
9	Milena	é porque não fala né? "Foi mal e tal"
10	Alice	e(.) tipo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

11 12	Milena	e tenta resolver ↑racionalmente, fica de vinganc:inha, igual você falou, já contribuindo para a história dela
13 14 15 16 17	Alice	é (.) o problema é quando <você começa a ver> que essas coisas batem (.)aí você fica "isso é muito escorpião" É as vezes eu ↑vejo que ele nem >está fazendo de vingancinha< sabe? (.) é automático, tem que revidar, tipo (.) "mano, foi sem querer"
18 19 20 21 22 23 24	Jéssica	isso (.) por exemplo, meu namorado é virginiano, minha mãe é virginiana também e às vezes eu vou reclamar de alguma coisa da minha mãe com ele e ele "tá certíssimo" e eu fico tipo " cara, você tem que ficar do meu lado, mas aí ele explica por que ela tá certa aí eu "é verdade, ela tá certa" (.) ou tipo o Bruno que é professor de TV
25	Alice	haham
26 27 28 29 30 31 32	Jéssica	ele é todo ORGANIZADO, dá até nervoso tanta organização (.) ele fez uma pergunta para gente, depois ele fez um gráfico com as respostas de todas as turmas divididas por cor, tipo (.) o cara é maluco (.) aí eu estava contando isso para o meu namorado, aí ele " nossa, que irado" e começou a elogiar o cara... falei "cara, você é maluco"
33	Milena	então as formas deles pensarem se relacionam...
34	Jéssica	huhum (.) exatamente os três são virginianos
35 36	Milena	é muito doido isso né gente? E tem signos... que se identificam?
37 38 39 40 41	Jéssica	cara e as coisas batem o mais bizarro é isso (.) a gente teve um professor no período passado que ele criava aulas muito loucas (.) ele viajava... e aí a gente "professor, qual é seu signo?" e ele "PEIXES" com ascendente em peixes e lua em peixes
42	Milena	mentira... ↑nossa!
43 44 45	Jéssica	aí eu falei: "só podia ser né?" realmente assim (.) bate muito, então eu acredito, eu acredito não sei se eu acredito total (.) mas acho que faz muito sentido
46 47 48	Alice	ah, eu acho que meio que rege a tendência comportamental sua sabe? Como se fosse seu instinto sabe? Eu acredito...
49 50	Milena	gente, muito obrigada, eu sei que vocês tem aula agora
51	Alice	é temos (.) Nada

Excerto 11: "Arrumei um emprego, um boy" (15'50'')

1	Milena	qual é seu signo?
2	Bruna	é (.)↑PEIXES, peixes
3	Milena	peixes
4 5 6 7	Bruna	e o meu ascendente é Leão (.) aí ela falou assim...tá completamente °a lua° é está muito boa para ↑você arrumar um emprego (.) pra oportunidades e relacionamentos
8	Milena	isso ela...
9 10 11	Bruna	[aí ela falou um monte] de coisas e eu não tinha contado nada pra ela do que tinha acontecido, aí eu já voltei para cá acreditando
12	Milena	huhum, fez coerência para você... legal
13	Bruna	é...

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

14	Milena	e ela falando com você por Skype assim...
15 16 17 18 19 20 21	Bruna	por snap, ela fez um SNAP (.) a gente tem um grupo das amigas no snap e ela mandou para o grupo para todo mundo ouvir, falando de uma maneira geral sobre a lua (.) e ela falou de mim... assim (.) "e se eu não me engano, Bruna está mais essa lua vai te ajudar mais que as outras pessoas" aí ela explicou e eu fiquei SURPRESA (.) aí eu falei "gente, que medo"
22	Milena	fez sentido para você ((risos))
23	Bruna	sim, foi
24 25 26	Milena	e depois que ela te falou (.) você expandiu para outras áreas de sua vida (.) como amigos, relacionamentos
27 28 29 30 31 32	Bruna	é (.) eu não pergunto para as pessoas o signo, e fico casando (.) isso eu acho que eu uso mais é para situações de ESTUDO, oportunidade, agora eu fui fazer uma entrevista e ela falou para mim que a lua estava boa para entrevistas, negócios e eu ia conseguir (.) deu tudo certo, aí eu falei "gente, é bruxaria"
33	Milena	de novo né? De novo bateu...

Excerto 12: "Gente, tem alguma coisa nesse mapa" (54'54'')

1 2 3 4	Tamires	mas mapa astral me ↑impressiona...diz sobre você. Eu sou a furtada. Da última vez que eu fui para o Peru, >roubaram o meu *ipod*< acho (.)que marcou como minha sétima, oitava vez, aí eu fiquei chorando
5	Milena	↑nossa
6 7 8	Tamires	e, aí depois que ele falou isso (.)que já mostrava no meu mapa, eu comecei a prestar mais atenção e ser mais cuidadosa sabe? Com as minhas coisas
10 11 12	Tamires	ele viu no mapa >ele viu no mapa essas coisas< não tradicionais, até com uma ASTRÓLOGA que mo:ra em Santa Teresa.
13	Milena	[huhum. Entendi]
14 15	Tamires	aí depois que ele falou isso eu pensei "gente tem alguma coisa nesse mapa" porque ele fala e acontece
16	Milena	[assujeitado mesmo né?]
17 18 19 20	Tamires	também aconteceu de eu emprestar o ipod para o meu irmão e ser furtada aí ((risos)) sabe, sempre aconteceu comigo e tá no mapa, sabe? °É uma coisa meio bizarra mesmo?
21	Milena	essencialista mesmo né?
22 23 24	Tamires	é... isso é uma coisa muito ↑tátil do mapa astral, porque aconteceu, entendeu? (.) eu fui furtada na PUC semestre passado
25	Milena	na PUC, caramba... nunca ouvi caso de roubo aqui
26 27	Tamires	não, foi, desculpa (.) eu tava descendo do 583 e eu senti que o cara estava perto da porta
28	Milena	ele pegou sua bolsa de moeda?
29 30 31 32 33 34	Tamires	é... só que eu falei "Bem, feito, tinha centavos lá... se ele tivesse pedido, eu teria dado" sabe foi uma coisa que foi um kARMA, não sei se está na astrologia, mas ele tentou roubar e ele não vai fazer nada com aquele porta moedas, mas eu fui furtada, entendeu? Isso é complicado...
35 36	Milena	huhum, não importa o dinheiro... foi roubo, a intenção é a mesma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

37	Tamires	é... eu estava com a mochilinha da Kipling
38	Milena	haham
39 40 41 42	Júlia	que tem um bolsinho que eu nunca coloco as coisas lá e as outras coisas eu coloco no bolso interno, porque eu sei da minha história (.) então eu nunca deixo coisa assim aparente
43 44	Milena	entedi... e você imagina por que a astrologia ficou tão popular, e o mapa seu e do seu irmão...
45 46 47 48	Tamires	do meu irmão? Não, não é igual (.) o meu mapa por exemplo eu lembro de uma coisa que quando eu fiz, ela falou que o meu mapa é muito de justiça assim, aí é muito em Júpter e Júpter é ↑JUSTIÇA
49	Milena	o dele é diferente do seu?
50	Júlia	o dele é diferente, completamente diferente
51	Milena	mas no mesmo horário?
52 53	Tamires	é... não, o minuto entra em consideração, entendeu? É diferente
54	Milena	é o mesmo signo, o ascendente é o mesmo?
55	Tamires	é... não o ascendente é diferente
56	Milena	é me:smo?
57	Tamires	eu não tenho certeza mas eu acho que não
58	Milena	tá, só por curiosidade mesmo
59 60 61 62	Tamires	até o meu pai fala que nós dois somos completamente diferentes, a partir do mapa de vocês, sabe? Alguns detalhes eu não sei... tipo ascendente e tal (.)mas é completamente diferente assim
63 64	Milena	tá (.) o Júpter, Saturno, tudo muda... os minutos influenciam
65 66	Tamires	a lua... influenciam mesmo, se você fizer o mapa com uma pessoa considerada boa, ela te explica sabe?
67	Milena	entendi
68	Tamires	os porquês assim
69 70 71	Milena	é... é porque é uma crítica comum para a astrologia, então duas pessoas que nasceram ao ↑mesmo tempo são iguais? E a gente vê que não, né?
72 73 74 75	Tamires	é...eu acho que é muito ↑fácil criticar quando você pega o mapa astral, mapa astral SEM UM ESTUDO.. só considerar a astrologia os signos né?... de uma forma simplista né? a astrologia considera mais coisa...
76 77	Milena	com certeza, as pessoas simplificam, né? aí cria o esteriótipo...é: o ESTIGMA (.)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: *Uma investigação discursiva sobre identidade, à luz da Sociolinguística Interacional* (título provisório)

OBJETIVO DO ESTUDO: O objetivo deste projeto centra-se em analisar a sócio interação dos entrevistados (estudantes e profissionais de diferentes áreas) a fim de compreender como os mesmos constroem suas ditas identidades através das narrativas astrológicas e quais são os sistemas de coerência (Linde,1993) que reclamam para si, para que a mesma possua validade em sua autodescrição.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem o direito de **não** participar deste estudo. Estamos gerando informações para compor o *corpus* de análise de dissertação de mestrado da pesquisadora responsável. Se você não quiser participar da investigação, isto não irá interferir na sua vida profissional/estudantil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Se você decidir integrar este estudo, a entrevista será gravada e buscaremos analisar um perfil identitário com base nas escolhas de vocabulário e articulação gramatical que você adotar. Bem como, refletiremos sobre essas escolhas, entre outros temas relacionados às práticas sociais e identitárias, que perpassam o seu cotidiano. Esta entrevista terá tempo de duração variável a ser negociado com cada participante, podendo ser interrompida ou cancelada a qualquer momento, sem qualquer ônus para o participante. Utilizaremos os dados gerados como parte do objeto de pesquisa.

GRAVAÇÃO EM ÁUDIO: Todas as interações serão gravadas em áudio. As gravações serão ouvidas por mim e pela pesquisadora orientadora prof. Drª Liana de Andrade Biar, bem como nosso grupo de pesquisa. Seu nome **não** será utilizado, a fim de garantir sua confidencialidade. As gravações serão utilizadas somente para geração de dados. Se você não quiser ser gravado em áudio, informe à pesquisadora, que buscará outras formas de gerar dados.

RISCOS: Você pode achar que determinadas perguntas incomodam, porque as informações que geramos são sobre sua identidade. Assim, você pode escolher não responder às perguntas que o façam sentir-se incomodado (a).

BENEFÍCIOS: Sua entrevista ajudará na compreensão de como são construídas as **narrativas de identidade** dos alunos e profissionais no que tange ao discurso astrológico, tão difundidas atualmente. Além disso, refletiremos sobre como somos atingidos pelos ditos signos que nos atribuíram socialmente.

CONFIDENCIALIDADE: Como foi dito acima, seu nome não aparecerá nas transcrições das gravações (elaboraremos nomes fictícios) bem como em nenhum formulário a ser preenchido por nós. Nenhuma publicação partindo destas

entrevistas revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa bem como a instituição a qual são vinculadas. Sem seu consentimento escrito, as pesquisadoras não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa possui vínculo com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (**PUC-Rio**) através do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, sendo a aluna Milena Lepsch, a pesquisadora principal, sob a orientação da Profª Drª Liana de Andrade Biar. Caso seja necessário, contacte a pesquisadora responsável no telefone:(21) 98167-0854 ou no e-mail letras.lepsch@gmail.com. Em qualquer fase deste estudo. Você terá uma via deste consentimento para guardar com você. Ainda, fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

CONSENTIMENTO

Acredito ter sido suficientemente esclarecida a respeito das informações sobre o estudo acima citado, que li ou que foram lidas para mim. Discuti com a pesquisadora Milena Lepsch, sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, o procedimento a ser realizado, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Concordo ainda com a utilização dos dados gerados na divulgação dos resultados da pesquisa em eventos científicos, periódicos da área, livros e eventos acadêmicos.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

_____
Assinatura do participante

_____
Assinatura do pesquisador

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

ANEXO 4

Divisão dos signos (Lisboa, 2018)[3]

1. Áries ♈ (21/3 a 19/4) - O primeiro signo do zodíaco, representa a energia eruptiva, libertadora, designa a diferenciação, aquilo que se separa do caos e se torna singular. Início, ação, assertividade, coragem e decisão.

2. Touro ♉ (20/4 a 20/5) - Símbolo da materialidade, recursos e produtividade, representa tudo que é palpável e que pode ser sentido objetivamente. Perseverança, determinação, estabilidade, confiabilidade, paciência, trabalho, teimosia, sensualidade e força.

3. Gêmeos ♊ (21/5 a 21/6) - Amor fraterno, a divisão, a troca e a comunicação. Tudo é temporário e múltiplo. Nele entendemos como a verdade é multifacetada. Adaptação, comunicação, flexibilidade, comunicação, leveza, dispersão, troca, curiosidade e racionalidade.

4. Câncer ♋ (22/6 a 22/7) - Intimamente associado à vontade de construir um abrigo para proteger-se, sentir-se amparado e acolhido, como um caranguejo. Não se abre facilmente, mas quando o faz é com profundidade. Afetividade, acolhimento, empatia, reserva, família, imaginação, memória, passado, melancolia, proteção, casa.

5. Leão ♌ (23/7 a 22/8) - Generoso, doador de vida, centralizador e mantenedor de ordem. Tudo em Leão é intenso. Sua posição, vaidade e orgulho denotam fragilidade. Coragem, liderança, força, criatividade, comando, confiança, alegria, autoridade, egoísmo, energia, generosidade e brilho.

6. Virgem ♍ (23/8 a 22/9) - É a vida manifestada na diversidade. Único signo representado por uma mulher. Compreende o lugar de cada um no universo. Organização, pragmatismo, observação, variação, simplicidade, meticulosidade, perfeccionismo, análise, ansiedade, eficiência e crítica.

7. Libra ♎ (23/9 a 22/10) - É o caminho que leva ao indivíduo a compreender o outro. O esforço para atingir o equilíbrio, associado à justiça, à harmonia e ao belo. Diplomacia, estética, imparcialidade, justiça, persuasão, harmonia, ponderação, reflexão, intermediação, indecisão, afetividade, instabilidade, tolerância e cooperação.

[3] As informações do anexo 4 foram adaptadas do curso *online* oferecido pela astróloga Claudia Lisboa, no ano de 2018.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

8. Escorpião ♏ (23/10 a 21/11) - Simboliza os mistérios, as regiões insondáveis, o poder latente de transformação. A intensidade que faz da vida um palco de emoções assustadoras, mas fatalmente atraentes. Transformação, sedução, planejamento.

9. Sagitário ♐ (22/11 a 21/12) - O pensamento fixo nas alturas, a transformação do instinto em evolução. A vontade de ir mais longe.

10. Capricórnio ♑ (22/12 a 19/1) - É a expressão da razão e da prudência. Há uma força poderosa em seu interior de onde extrai uma determinação infatigável. É onde estabelecemos limites. Determinação, disciplina, organização, planejamento, ambição, praticidade.

11. Aquário ♒ (20/1 a 18/2) - O visionário que irriga a sociedade com novos saberes e desarma preconceitos. O indivíduo como parte de um todo. Onde o encontramos não aceitamos qualquer imposição e temos desejo de renovar. Renovação, revolução

12. Peixes ♓ (19/2 a 20/3) - A transição entre o fim de um ciclo e o início de um próximo. Tudo nele é paradoxo. Representa a totalidade e a síntese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

ANEXO 5

DESCRIÇÕES DOS SIGNOS POR "TRAÇOS"

(PARKER, D. PARKER. O Grande livro da Astrologia. Círculo do Livro, São Paulo, 1982, p.106-122, *apud* Rodrigues (2004)

Signos	Traços Positivos	Traços Negativos
ÁRIES (CARNEIRO)	pioneiro, aventureiro, empreendedor	egoísta, egocêntrico, sem sutileza. impulsivo, bélico
TOURO	prático, digno de confiança, paciente, persistente, determinado	possessivo, preguiçoso, obstinado, inflexível
GÊMEOS	adaptável, versátil, engenhoso, lógico	mutável, agitado, duas caras,
CARANGUEJO (Câncer)	gentil, sensível, simpático, imaginativo	superemotivo, hiper- sensível, mordaz
LEÃO	magnânimo, generoso, criativo, entusiasmado	dogmático, brigão, pomposo, esnobe
VIRGEM	discriminativo, ordeiro	minucioso, preocupado, hipercrítico, afetado, convencional
LIBRA (BALANÇA)	encantador, harmonioso, despreocupado, romântico	indeciso, rancoroso, frívolo, mutável,dado ao flerte

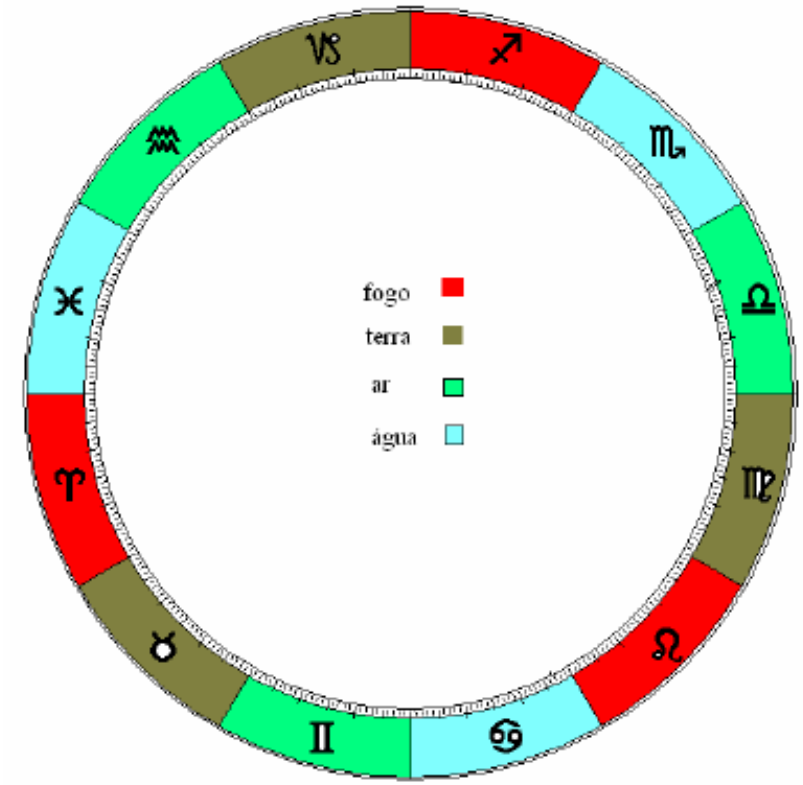
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

ESCORPIÃO	imaginativo, sutil, persistente	ciumento, rancoroso, reticente, desconfiado
SAGITÁRIO	jovial, otimista, versátil, mente aberta, adaptável	exagerado, extremista, sem tato, irresponsável, cegamente otimista
CAPRICÓRNIO	confiável, determinado, ambicioso, cuidadoso, prudente, com senso de humor	aparência rígida, superexigente, mesquinho, avarento, desmancha prazeres
AQUÁRIO	Humanitário, cordial, progressista, idealista	imprevisível, sem tato, anticonvencional
PEIXES	humilde, compassivo, sensível, adaptável, intuitivo	negligente, confuso, indeciso, fraca vontade, pouco prático

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

[4]ANEXO 6

O Zodíaco – signos de fogo, terra, ar e água

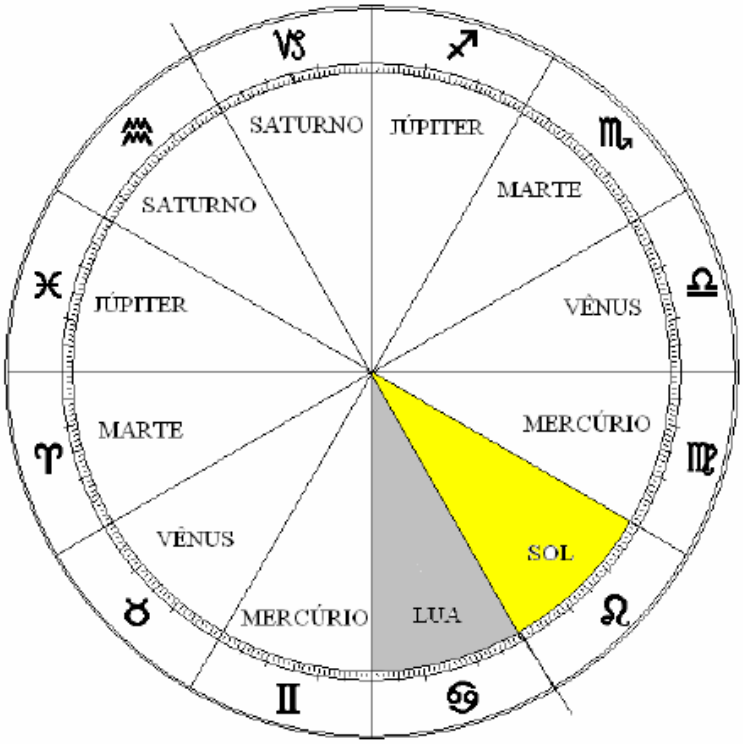


PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

[4] Os anexos 6, 7, 8 e 9 foram adaptados da tese de Costa (2005).

ANEXO 7

[5]Domicílio dos Planetas



[5] Fonte: Costa (2005)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

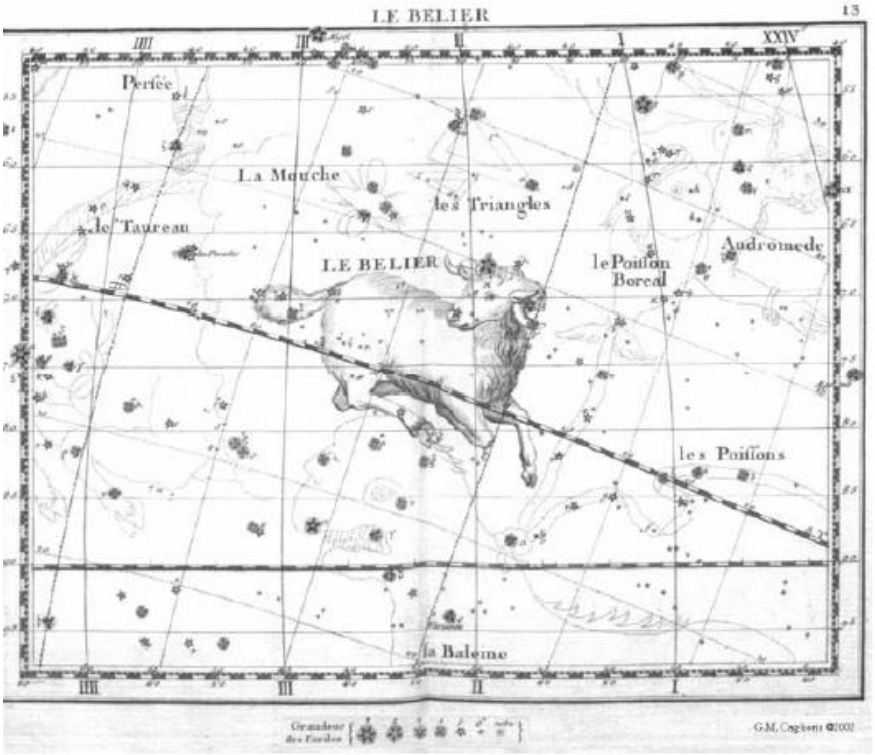
ANEXO 8

[6]O Glifo dos Signos

Áries ♈

O carneiro ariano é identificado como aquele que facilitou a fuga dos irmãos Frixo e Hele, ameaçados de morte pela madastra. Esse carneiro voador, de velo de ouro carregou os dois irmãos em seu dorso por sobre o mar Egeu. No meio do caminho, Hele escorregou e caiu no mar. Chegando sozinho à Cólquida, Frixo sacrificou o animal e pendurou seu velo na árvore de um bosque dedicado a Marte, onde ficou guardado por um dragão até ser conquistado pelo herói Jasão. Outras versões fazem dele o carneiro disputado por Atreu e Tieste ou o que conduz o cortejo de Baco ao oásis de Amon.

O glifo do signo ♈ simboliza os cornos do carneiro.



[6] Fonte: Costa (2005)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

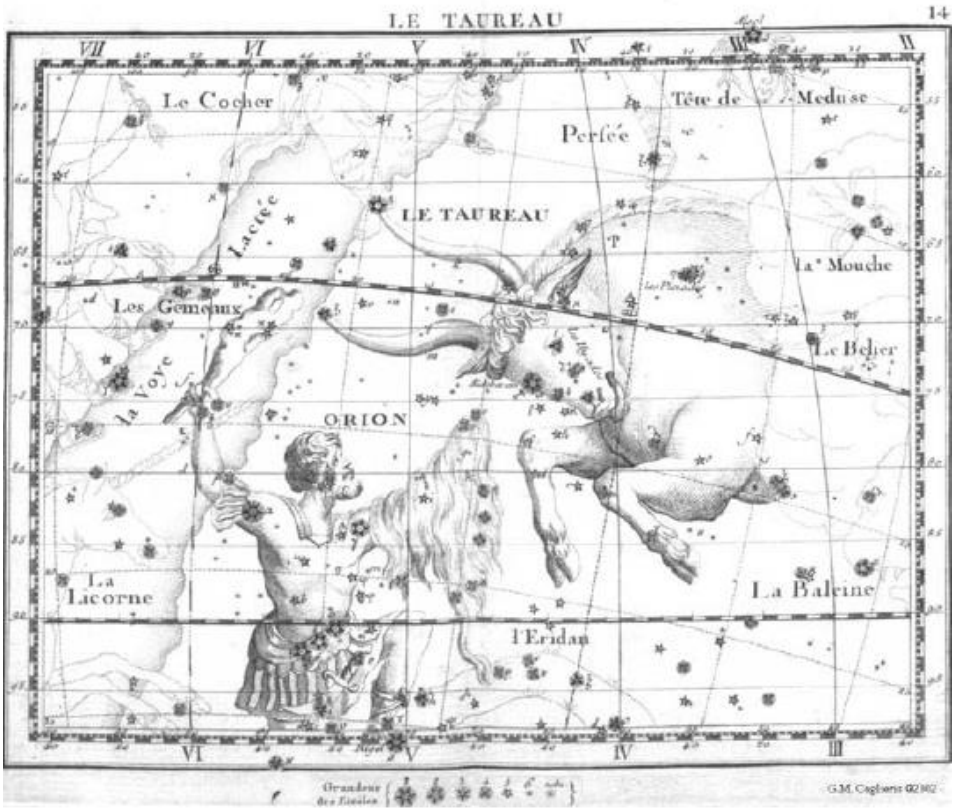
Na figura desenhada no céu, o carneiro está deitado, com o corpo voltado para o Leste e a cabeça virada para o Oeste, em direção à constelação de Touro. As pontas dos cornos são assim a parte da figura que primeiro o Sol encontra em seu trajeto pelo zodíaco, condizendo com o caráter belicoso atribuído ao signo.

Touro ♉

O touro é tido como o animal no qual Júpiter se metamorfoseou a fim de seduzir a jovem Europa. Extremamente alvo, com os cornos em forma de crescente lunar, ele arrebatou a moça que brincava à beira d'água e cruzou o mar, carregando-a em seu dorso, até chegar à ilha de Creta. Outras tradições atribuem esta figura ao touro que seduziu Pasífae, rainha de Creta, ou à vaca Io, perseguida por Juno até refugiar-se no Egito, ou ainda ao boi Apis (Bouché- Leclerq, 1963:133).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

O glifo do signo ♉ representa a cabeça e os cornos do touro.

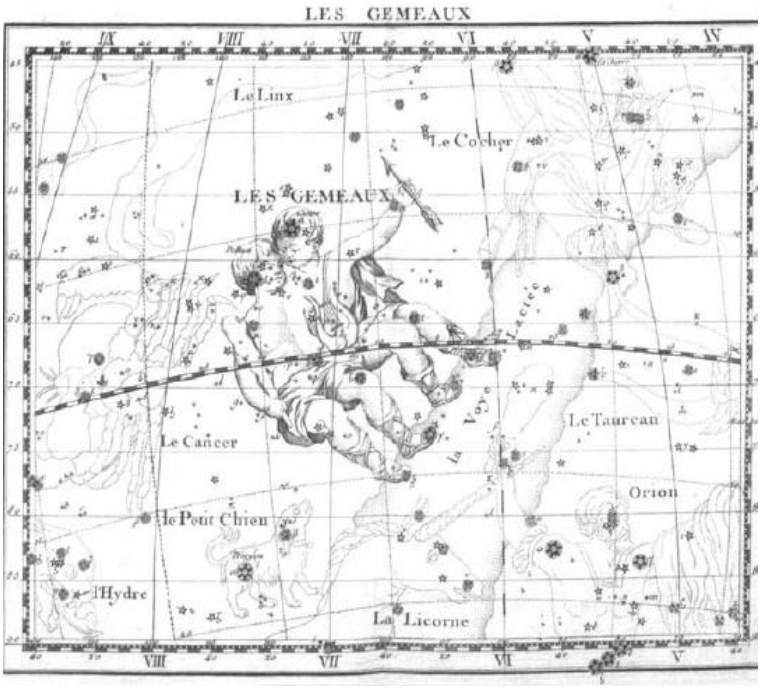


Na figura desenhada no céu, o touro só exibe a cabeça e a parte anterior do tronco. Como a parte genital não se mostra, há também toda uma controvérsia quanto ao sexo deste animal. O signo de Touro está associado a uma forte natureza feminina. A presença das Plêiades e das Hyades reforçam a feminilidade, ligada igualmente aos chifres em forma de crescente lunar.

Gêmeos ♊

Os gêmeos são filhos de Leda, nascidos de um ovo depois que Júpiter a seduziu sob a forma de um cisne, na noite em que ela se casou com Tíndaro, rei de Esparta. Cada um deles tinha um pai. Castor, mortal, era filho do rei e Pólux, imortal, era filho do deus. Quando Castor morreu, Pólux não aceitou separar-se do irmão. Comovido pelo amor fraterno de Pólux, Júpiter permitiu que ambos convivessem com os outros deuses no Olimpo, mas alternadamente. Quando um se encontra no Hades, o reino dos mortos, o outro está no Olimpo, e vice-versa. Outras versões se referem ao par de jovens como Apolo e Hércules, ou Apolo e Baco, ou Hércules e Teseu, ou os Cabires da Salmotrácia. O par é sempre fraterno ou amigo.

O glifo do signo ♊ exibe duas colunas paralelas, representando a duplicidade, ligadas nas extremidades.



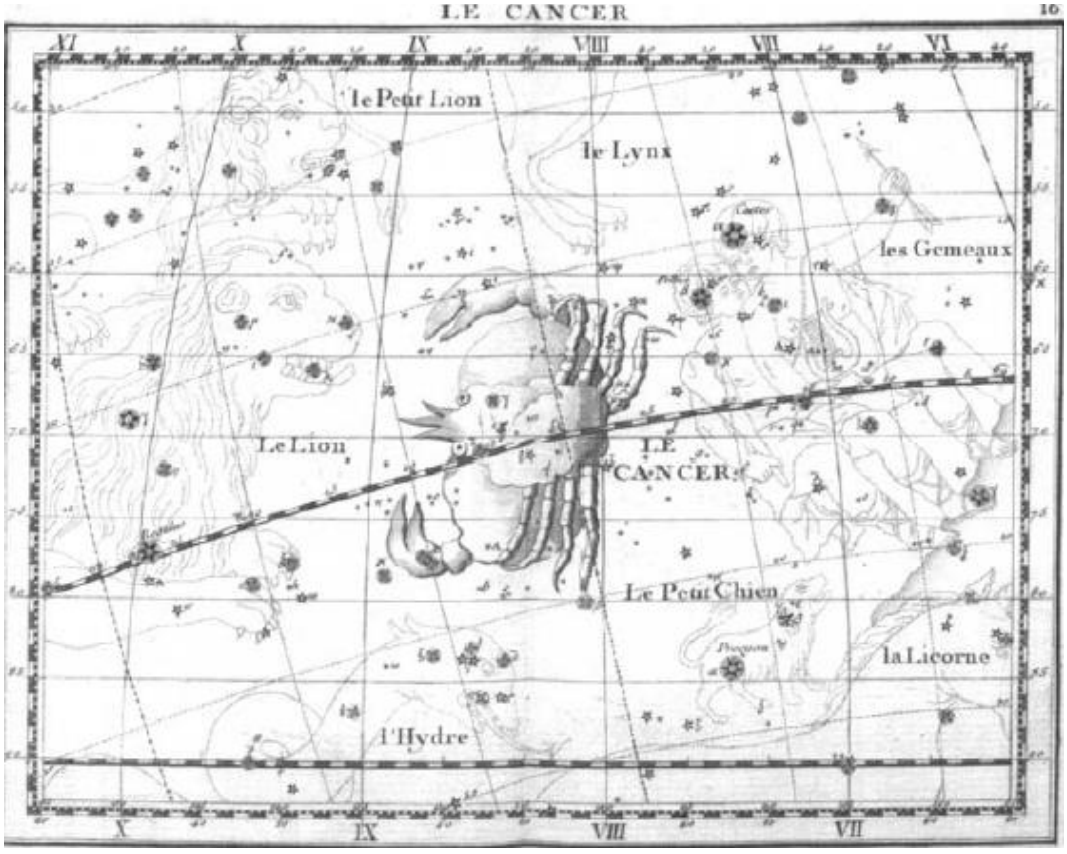
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Na figura traçada no céu, os dois irmãos estão abraçados, um olhando para o outro, com os pés ligeiramente arqueados à frente do corpo. Castor está a Leste, próximo ao signo de Touro, e Pólux está a Oeste, próximo ao signo de Câncer.

Câncer ♋

Câncer é representado pelo caranguejo que mordeu os pés de Hércules quando este herói lutava contra a Hidra de Lerna. Tendo ferido o herói a comando da deusa Hera, foi elevado ao céu em recompensa por sua obediência.

O glifo do signo ♋ representa as garras do caranguejo.



O caranguejo se apresenta voltado para Oeste. Logo, o que se vê primeiro é a parte posterior de sua carapaça. Seus olhos estão velados e a pretensa cegueira é reforçada pelo brilho tênue de uma nebulosa situada entre as antenas do caranguejo, associada a problemas de vista. Uma controvérsia está ligada à espécie específica

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

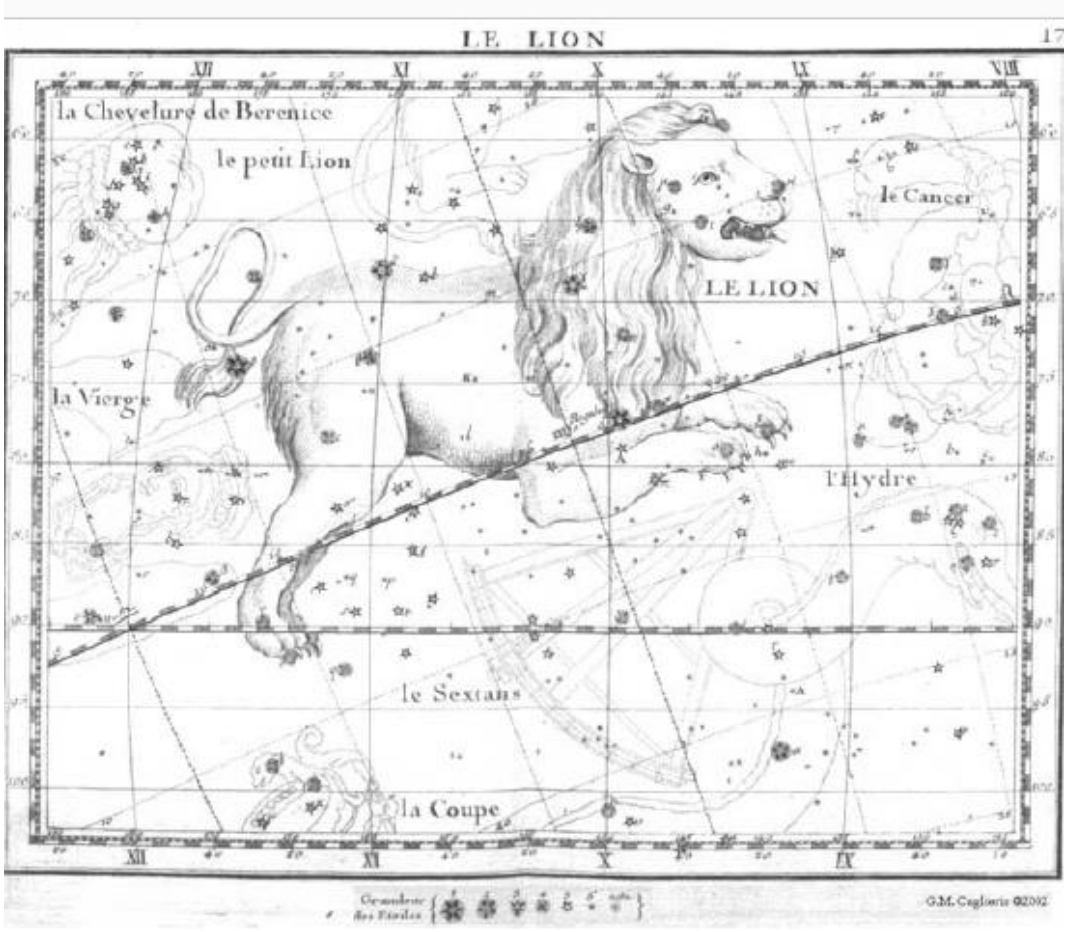
deste animal. Para Manilius e Ptolomeu, trata-se de um crustáceo marinho, mas há quem o considere de água doce. Esta discussão envolve o signo de Peixes, pois, quem credita a água marinha a Câncer reserva a água doce aos Peixes e vice-versa.

Leão ♌

O leão é identificado como o Leão de Neméia, morto por Hércules. Devido à pele invulnerável, nenhuma arma poderia feri-lo. Hércules o tonteou com a clava e sufocou-o. Tirou-lhe a pele com as próprias garras do animal e passou a usá-la sobre o corpo, como escudo. Tanto Ps-Eratóstenes quanto Higinus citam uma outra tradição que não identifica a figura com um leão particular, mas com o leão em geral, na qualidade de rei dos animais. Daí porque o signo de Leão é bem marcado nos mapas de reis e nobres (Bouché-Leclerq, 1963:139).

O glifo do signo ♌ representa a cauda do leão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

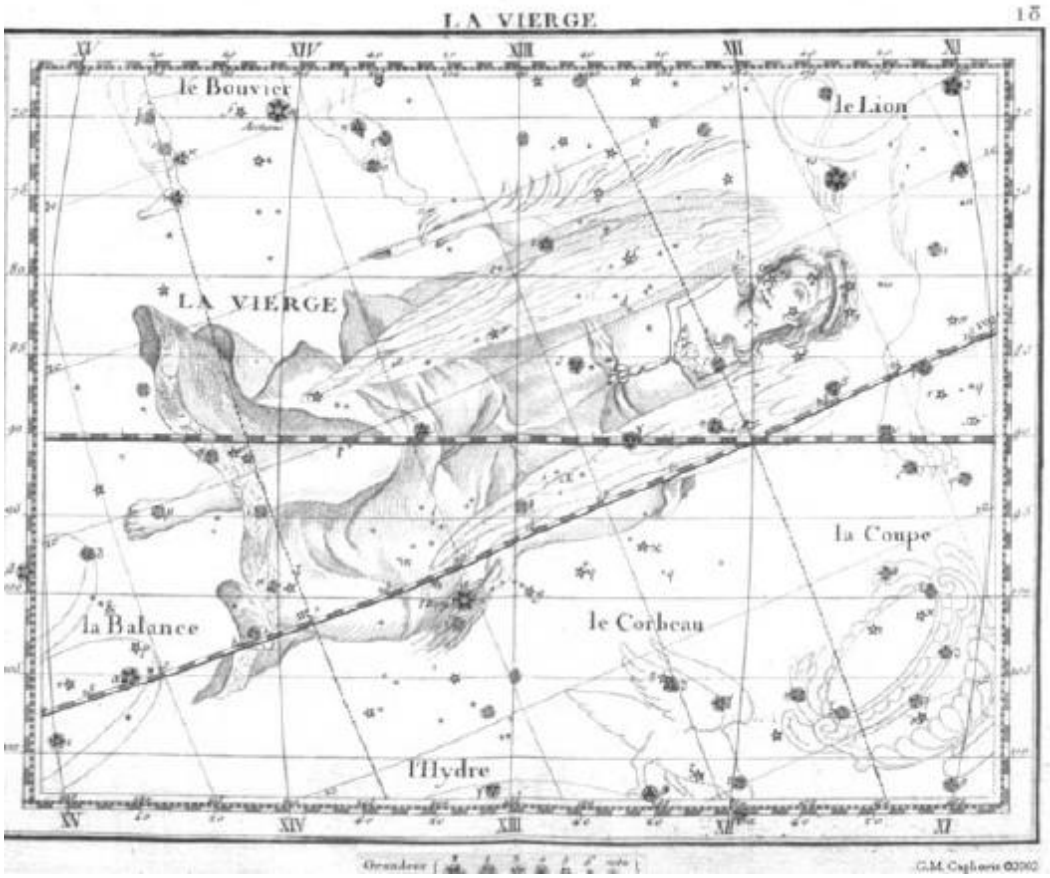


A figura traçada no céu mostra o leão de pé, com o corpo voltado para o Leste, pronto para avançar.

Virgem ♍

A jovem é tida como a deusa Astréia, filha de Zeus e Têmis, que se exilou da Terra por desgosto com a injustiça aqui reinante. Ps-Eratóstenes e Higinus sugerem sete alternativas para identificar a jovem: Diké (uma das Horas), Deméter (pela espiga que carrega nas mãos), Isis (na tradição egípcia), Atargatis, Fortuna, Justiça, Erígnona.

O glifo do signo ♍ resume a jovem segurando um ramo de trigo.



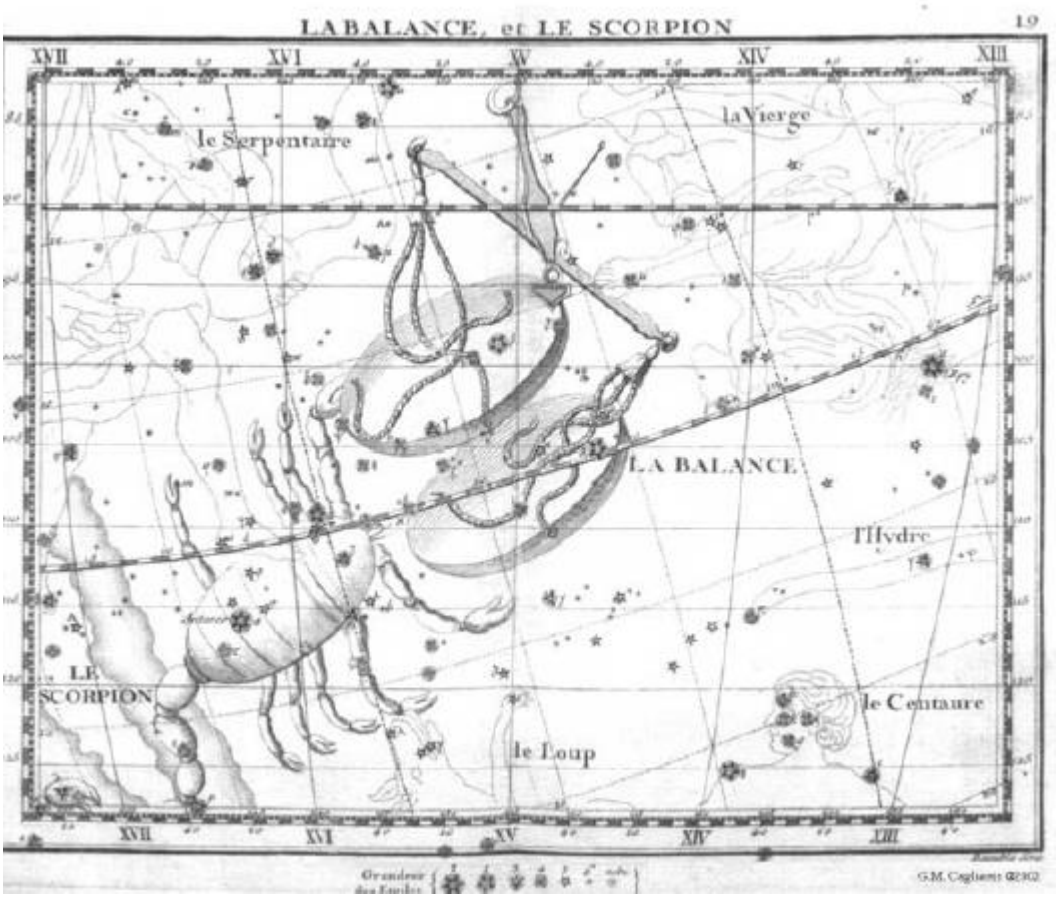
A figura traçada nos céus mostra uma mulher alada, deitada sobre a eclíptica, de cabeça para o Leste e os pés para o Oeste, tendo na mão esquerda uma espiga.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Libra ♎

O signo de Libra foi o último a ser incluído no Zodíaco e ocupou o lugar das pinças do Escorpião. Ptolomeu refere-se a esse grupo de estrelas tanto como os pratos da balança quanto como as pinças.

O glifo do signo ♎ representa a forma estilizada de uma balança.



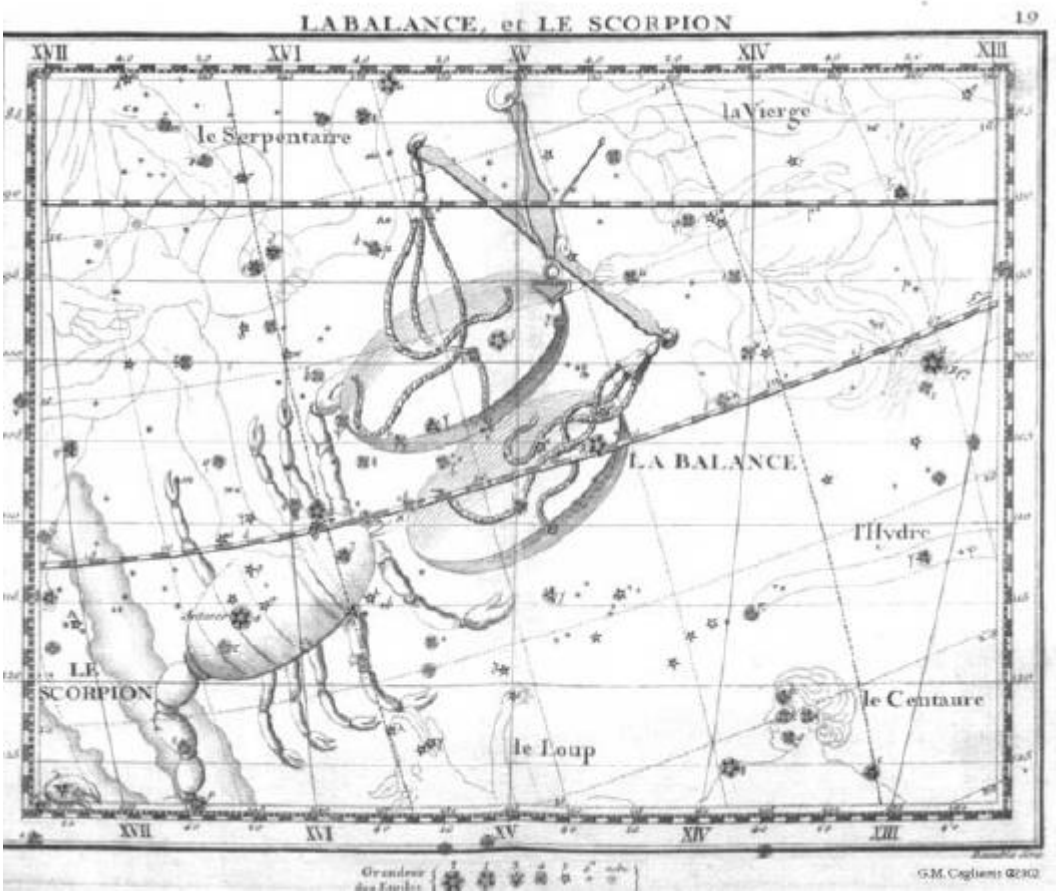
Para Bouché-Leclerq, a ideia da balança foi sugerida pela versão que associa a Virgem à Justiça. A figura traçada no céu remete à balança que a Virgem carrega nas mãos e essa associação permite que a balança seja considerada uma figura 'humana', embora seja um objeto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Escorpião ♏

O escorpião é aquele que picou Órion, o guerreiro que se vangloriava de ser invencível. As duas constelações, Escorpião e Órion, diametralmente opostas, encenam o combate no céu. Dizem que Órion foge para o Oeste sempre que o Escorpião ascende no Leste.

O glifo ♏ representa a cauda do escorpião, em riste, pronta para um ataque.



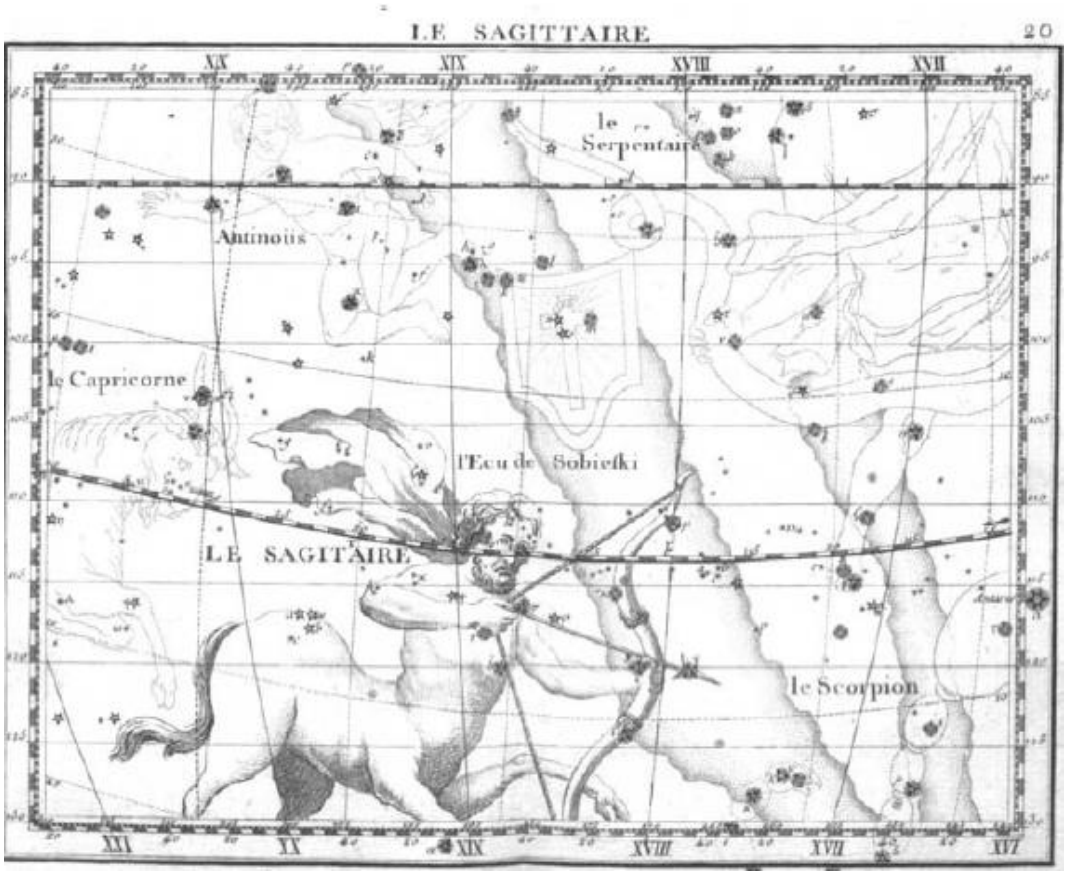
A figura traçada no céu mostra o escorpião sem as pinças, já transformadas nos pratos da balança.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Sagitário ♐

Para a maioria dos autores, a figura retrata o centauro Quíron, tutor de grande número de heróis gregos, que foi ferido acidentalmente por Hércules, com uma das flechas do herói embebidas no sangue da Hidra de Lerna. Versado em música e medicina, Quíron tinha a reputação de ser sábio e justo e foi tutor de inúmeros heróis da mitologia grega. No entanto, tanto Higinus quanto Ps-Eratóstenes alegam que a figura não poderia ser a de um centauro, pois os centauros não usavam arco e flecha. Esses autores preferem associar a figura a Croto, irmão de leite das Musas. Exímio arqueiro e caçador, Croto ritmava o canto das Musas com as mãos e consta que foi ele o inventor do aplauso. A pedido das Musas, Júpiter elevou-o aos céus. Higinus diz que Júpiter desejou assinalar todas as virtudes de Croto em uma única figura celeste e, por isso, dotou-o de pernas eqüinas e colocou-lhe a flecha nas mãos, para ressaltar sua ligeireza e habilidade.

O glifo ♐ representa a flecha do arqueiro.



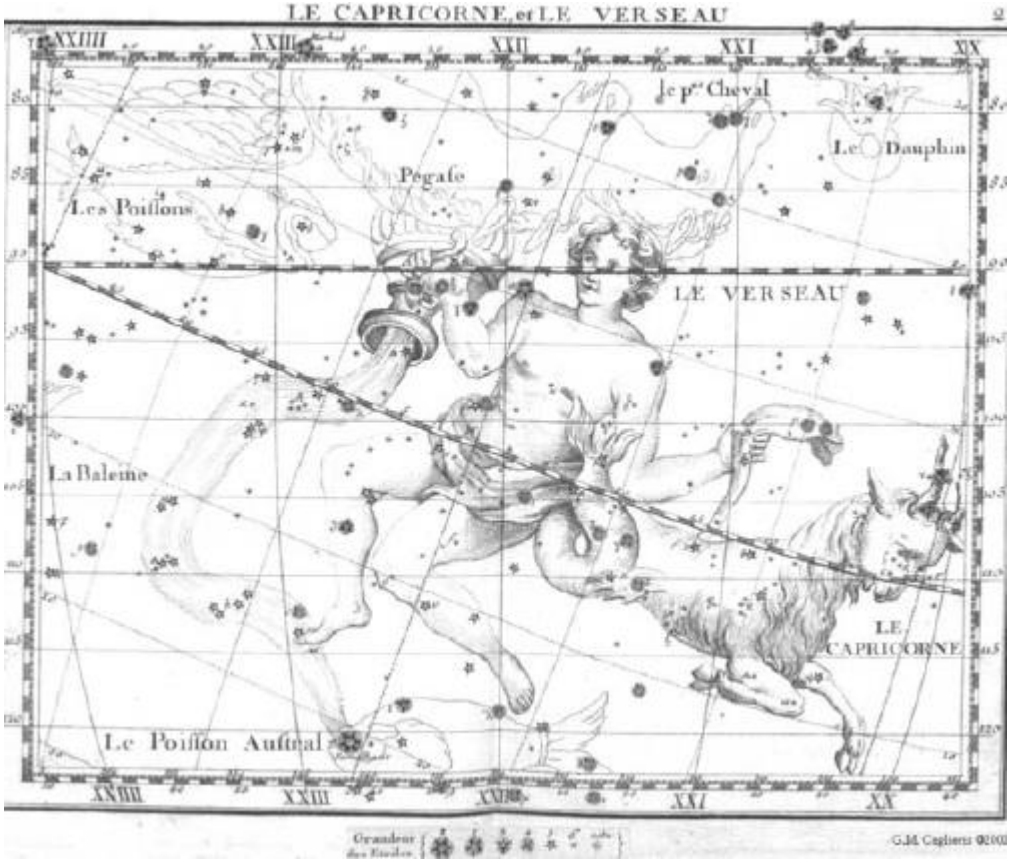
O arqueiro empunha um arco armado com uma flecha, pronta para ser disparada, e veste-se com uma espécie de manto esvoaçante, detalhe que o inclui entre os signos 'alados'.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Capricórnio ♑

Sendo perseguido pelo monstro Tifão, o deus Pã atravessou o rio Nilo transformando a parte inferior de seu corpo em peixe e a parte superior em cabra. Vencida a guerra contra os gigantes, Júpiter colocou-o no céu. Consta que Pã e Júpiter eram irmãos de leite, tendo sido ambos amamentados pela cabra Amaltéia. Segundo a versão de Ps-Eratóstenes e Higinus, trata-se de Egipã, que foi criado junto de Júpiter e o ajudou a lutar contra os titãs. Inventou a trombeta, feita de uma concha marinha. Ps-Eratóstenes afirma que a trombeta era chamada '*panicus*' pelo som que emitia. Higinus justifica o rabo de peixe da figura pelo fato de a trombeta ser de origem marinha e acrescenta que Egipã atacava os inimigos atirando conchas ao invés de pedras.

O glifo ♑ representa os chifres da cabra e o rabo do peixe.



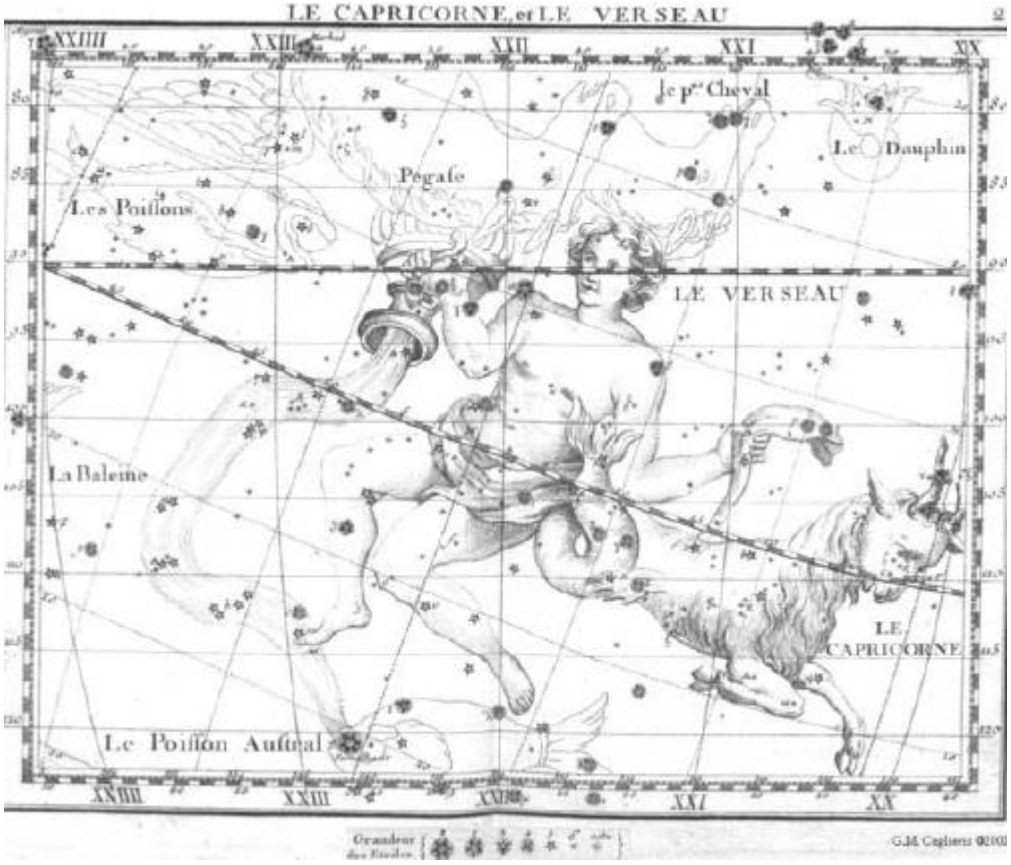
A figura desenhada no céu mostra a cabra voltada para o Leste. Manilius (4, XIX) afirma que, na primeira metade da vida, o capricorniano escala montanhas escarpadas, num esforço caprino, e, na segunda metade, desliza célere pelas águas, graças ao rabo de peixe.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Aquário ♒

O aguadeiro é Ganimedes, o mais belo dos mortais, raptado pela águia de Júpiter e levado para o Olimpo, onde passou a servir néctar aos deuses. Em outras versões, o aguadeiro é Deucalião, porque o dilúvio ocorreu durante seu reinado. Ou Cécrops, que reinou antes que o homem conhecesse o vinho, quando os sacrifícios aos deuses eram oferecidos com água. Ou ainda Aristeu, que obteve dos deuses as chuvas que pedia.

O glifo ♒ representa duas correntes d'água.



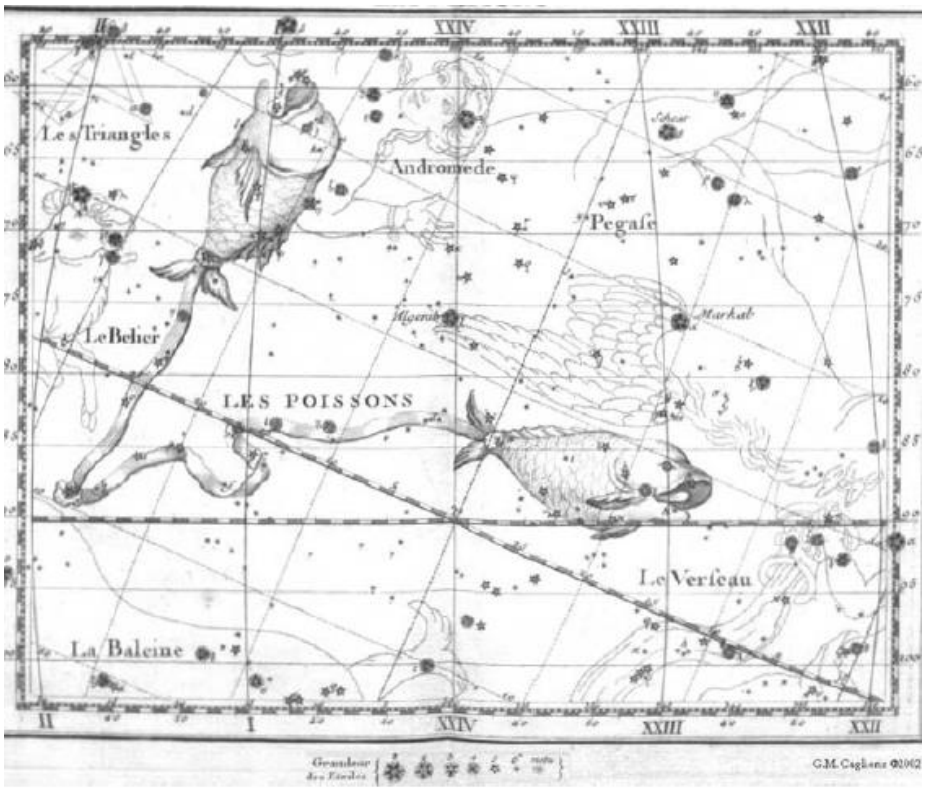
A figura mostra um jovem que derrama água de uma urna em direção a constelação de Peixes. Para Manilius, a urna do aguadeiro verte água marinha.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

Peixes ♓

Vênus e seu filho Cupido estavam sendo perseguidos pelo monstro Tifão quando se atiraram no rio Eufrates. Foram salvos por dois peixes que os levaram até a outra margem. Como recompensa, os peixes foram elevados ao céu sob a forma de constelação. Segundo outra variante, as duas divindades se metamorfosearam, elas mesmas, em peixes, a fim de escaparem. Higinus comenta que os sírios, que vivem perto dessa região, não pescam por medo de apanhar os deuses em suas redes. Uma variante do mito de Vênus a faz nascer de um ovo retirado do rio Eufrates por dois peixes. A tradição egípcia substitui Vênus por Ísis e o Eufrates pelo Rio Nilo.

O glifo do signo ♓ representa dois peixes nadando em direções contrárias.

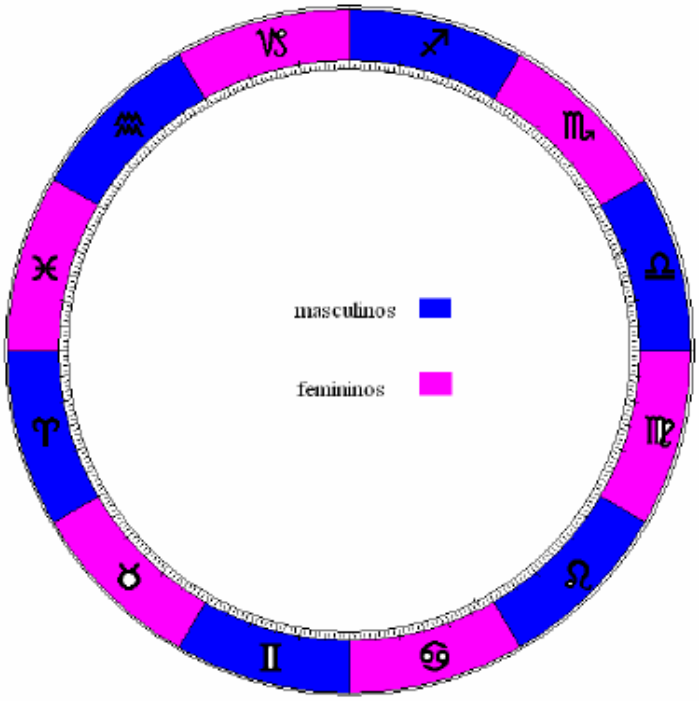


O peixe ao norte do Equador se volta para o polo e o peixe ao sul avança para o Oeste. Ambos estão atados por um fio retorcido, que os impede de se afastarem. Hoje em dia, devido à precessão dos equinócios, o peixe do Sul também se encontra ao norte do equador, como o outro. Para Manilius (II, 11), os peixes são marinhos. Ptolomeu (II) concede a água do mar a Câncer e reserva a água doce aos Peixes.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

[7]ANEXO 9

O Zodíaco – signos masculinos e femininos



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1612518/CA

[7] Fonte: Costa (2005).